



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA – PPGA  
UFC/UNILAB**

**ANTÔNIO ANDERSON CÂNCIO MOTA**

**BIO-GRAFIAS DO CUIDADO ENTRE HUMANOS E CÃES**

**FORTALEZA E REDENÇÃO/CE**

**2022**

ANTÔNIO ANDERSON CÂNCIO MOTA

**BIO-GRAFIAS DO CUIDADO ENTRE HUMANOS E CÃES**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.  
Área de concentração: Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Antunes Almeida

FORTALEZA E REDENÇÃO/ CE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Mota, Antonio Anderson Cancio.

M871b

Bio-grafias do cuidado entre humanos e cães / Antonio Anderson  
Cancio Mota. - Redenção, 2022.  
101f: il.

Dissertação - Curso de Antropologia, Mestrado Acadêmico em  
Antropologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Antunes Almeida.

1. Cães. 2. Relação humano-animal. 3. Cuidados. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 636.7

---

ANTÔNIO ANDERSON CÂNCIO MOTA

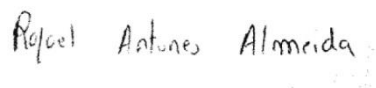
BIO-GRAFIAS DO CUIDADO ENTRE HOMENS E CÃES

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.  
Área de concentração: Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Antunes Almeida

Aprovado em: 20 de abril de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Prof. Dr. Rafael Antunes Almeida (Orientador)  
Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)



Documento assinado digitalmente  
Guilherme Jose da Silva e Sa  
Data: 26/04/2022 16:47:45-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá  
Universidade de Brasília (UnB)



Prof. Dr. Kleyton Rattes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À memória da minha avó Valderice Braz  
Câncio.

À minha mãe Anastácia Braz Câncio e à  
minha tia Ana Paula Braz Câncio.

Aos meus filhos de quatro patas Ayra e  
Dexter.

## **AGRADECIMENTOS**

À espiritualidade, por sua ancestralidade, a Oxóssi, por toda a garra que é exigida para entrar e concluir um mestrado, pelo envolvimento com a natureza, com seus diversos entes e atos, de modo sistêmico e relacional. A Exu, orixá da comunicação e da linguagem, que me influencia a ser um pesquisador mensageiro entre os seres, e a Obaluaiê, por todo o auxílio à saúde e ao cuidar da morte.

Para as fortes e destemidas mulheres que me criaram, me auxiliaram e me amaram. Minha avó Valderice, minha mãe Anastácia, minha tia Paula e minha irmã de coração Cristiane.

A meu orientador, Dr. Rafael Antunes Almeida, pessoa extremamente gentil e paciente, com quem tive a honra de contar e aprender.

A toda comunidade de professores que me privilegiaram com grande sensibilidade e me inspiraram com seus inestimáveis saberes, especialmente aos professores fizeram parte da banca, o Dr. Guilherme José da Silva e Sá e o Dr. Kleyton Rattes, assim como a todos que fazem parte das instituições UFC, UNILAB e UnB.

Aos meus amigos, especialmente a Fátima Brito e Everardo Reis, e aos amigos de turma, grupo tão maravilhosamente diverso, pessoas cheias de originalidade e genialidade, mobilizadas por grandes projetos de amor às humanidades.

A todos os autores e antropólogos com os quais aprendi através do contato com a literatura e que contribuem imensamente para essa etnografia.

A todos que foram interlocutores, que aceitaram com gentileza participar da pesquisa e sem os quais não seria possível este trabalho.

Aos meus filhos-cães Dexter e Ayra e seus descendentes, que me ajudaram a atravessar o luto e que continuam ajudando a cuidar de toda nossa família. Eles foram, sem dúvidas, não só a inspiração, mas meus principais companheiros na pesquisa, pois quase sempre estiveram ao meu lado, literalmente, enquanto escrevia ou estudava. Além disso, eles sempre perceberam, melhor que eu, quando era a hora de parar de trabalhar para brincar.

Para finalizar, ao apoio financeiro da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (FUNCAP), instituição a que serei eternamente grato.

*Pra mim, eles representam filhos e estão em volta do meu lar.*

Graça, 49 anos, Eusébio – CE.

*Eles estão sempre em nossa companhia, fazendo com que nós nos sintamos bem. Às vezes, nem a nossa própria família sente que a gente está mal. É como se eles fossem sensitivos, eu acredito que eles sejam mesmo.*

Márcia, 29 anos, Aquiraz – CE.

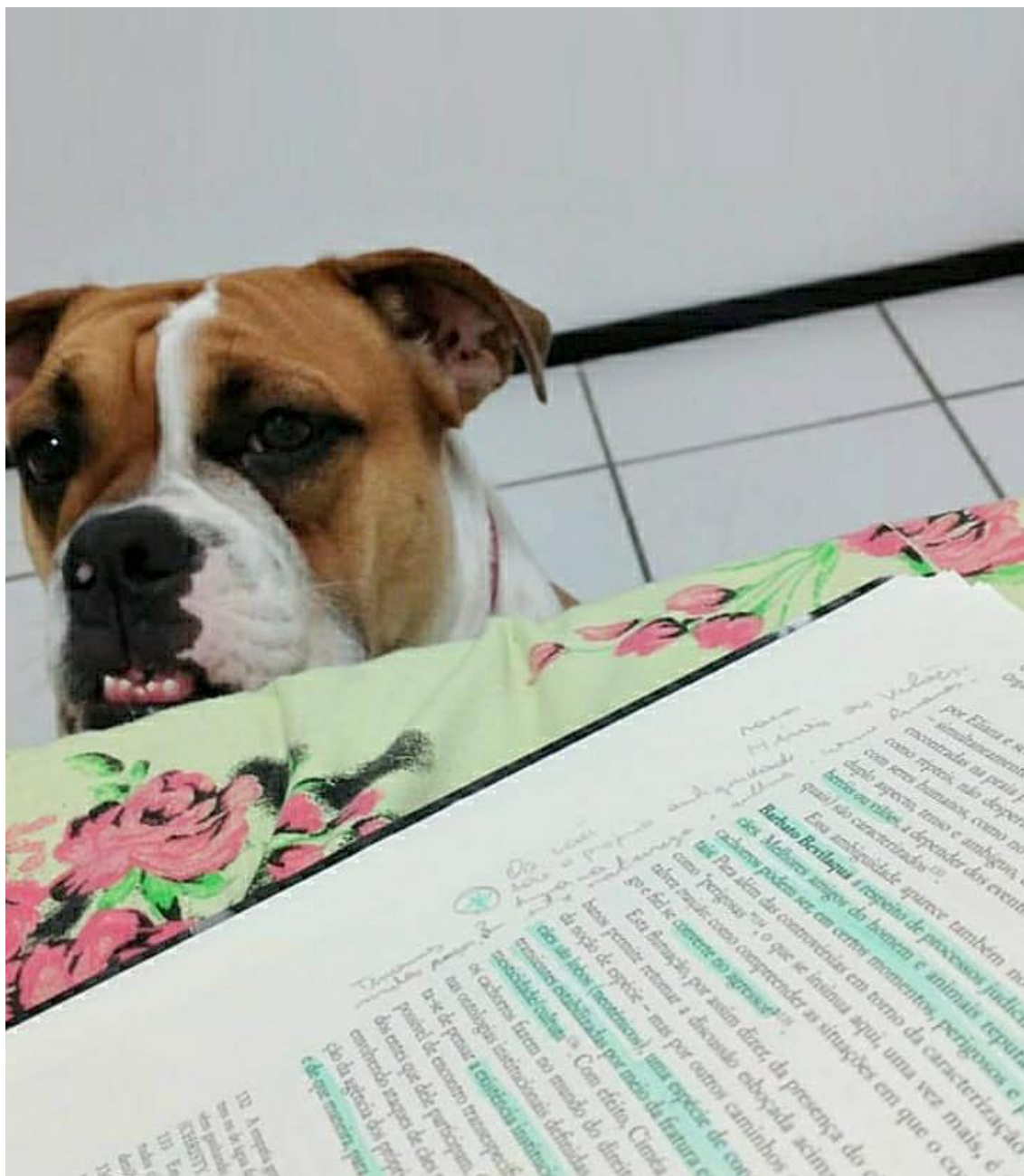
*Ele morreu no meio do caminho. Eu, no desespero, deixei ele num caminho à beira de um açude. Não era pra eu ter feito isso! Até hoje quando passo lá, lembro do meu abandono.*

Emerson, 39 anos, Horizonte – CE.

*Eu não gosto de pensar em quando elas morrerem. Perdi a minha mãe e foi muito difícil. Destinava a minha vida a ela. De certo modo, transferi essa atenção que dava a ela para elas.*

Priscila, 36 anos, Aquiraz-CE.

Figura 1 – Ayra chamando para passear



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

## RESUMO

Este trabalho trata das relações que se estabelecem entre humanos e cães em contextos familiares da cidade de Fortaleza e entorno metropolitano. Tem por objetivo compreender a dinâmica dessas relações a partir das narrativas de interlocutores que conferem aos seus cães o status de membro familiar, filhos, constituindo assim, aquilo que a literatura convencionou nomear de família multiespécie. Nesse caminho, o cuidado, como exercício, prática e obrigação, e as suas implicações no desenvolvimento da humanização, da “filhotização”, que ocorre no exercício da maternagem e das possíveis formas de cuidar e ser cuidado em uma complexa rede de relacionalidades que conectam espécies atuantes é o tema geral que atravessa essa dissertação. O material etnográfico descrito e interpretado foi obtido durante a pesquisa de campo, ocorrendo a partir da análise de entrevistas jornalísticas, do acompanhamento de redes sociais, do acionamento de memórias pessoais e das perspectivas apresentadas pelos interlocutores que reconhecem cães ora como sujeitos, familiares ou parentes, ora como objetos ao longo de histórias de vida e morte que se complementam em rede, em um fluxo conectivo de materiais, práticas e domesticidades.

**Palavras-Chave:** cães; família; relações multiespécie; cuidado.

## **ABSTRACT**

This work deals with the relationships that are established between humans and dogs in family contexts in the city of Fortaleza and its metropolitan surroundings. It aims to understand the dynamics of these relationships from the narratives of interlocutors who give their dogs the status of family member, children, thus constituting what literature has conventionally named multispecies family. In this way, care, as an exercise, practice and obligation and its implications for the development of humanization, of “childhood”, which occurs in the exercise of mothering and the possible ways of caring and being cared for in a complex network of relationships that connect species active is the general theme that runs through this dissertation. The ethnographic material described and interpreted was obtained during the field research, taking place from the analysis of journalistic interviews, the monitoring of social networks, the activation of personal memories and the perspectives presented by the interlocutors who recognize dogs sometimes as subjects, family members or relatives. , sometimes as objects along life and death stories that complement each other in a network, in a connective flow of materials, practices and domesticities.

**Keywords:** dogs; family; multispecies relations; care.

## LISTA DE IMAGENS

|                                                                             |    |
|-----------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Ayra chamando para passear.....                                  | 06 |
| Figura 2 – Mapa de localizações das famílias.....                           | 22 |
| Figura 3 – Entrada de padaria em área nobre de Fortaleza – CE.....          | 33 |
| Figura 4 – Loja de roupas em Shopping Iguatemi de Fortaleza – CE.....       | 35 |
| Figura 5 – Estátua viva na praça do Ferreira, centro de Fortaleza – CE..... | 52 |

## SIGLAS E ABREVIATURAS

|                  |                                                                                                               |
|------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>AAA</b>       | Atividades Assistidas por Animais                                                                             |
| <b>DSM</b>       | Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (publicado pela Associação Americana de Psiquiatria) |
| <b>GEPSIAA's</b> | Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde e Intervenções Assistidas por Animais                                   |
| <b>IAA</b>       | Intervenções Assistidas por Animais                                                                           |
| <b>OMS</b>       | Organização Mundial da Saúde                                                                                  |
| <b>TAA</b>       | Terapia Assistida por Animais                                                                                 |
| <b>TAR</b>       | Teoria Ator-Rede                                                                                              |
| <b>TCLE</b>      | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido                                                                    |
| <b>SRD</b>       | Sem raça definida                                                                                             |
| <b>UFC</b>       | Universidade Federal do Ceará                                                                                 |
| <b>UFRGS</b>     | Universidade Federal do Rio Grande do Sul                                                                     |
| <b>UFSCar</b>    | Universidade Federal de São Carlos                                                                            |
| <b>UFF</b>       | Universidade Federal Fluminense                                                                               |
| <b>UTI</b>       | Universidade de Terapia Intensiva                                                                             |
| <b>UNILAB</b>    | Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira                                         |

## SUMÁRIO

|            |                                                                        |           |
|------------|------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                 | <b>12</b> |
| <b>1.1</b> | <b>Os caminhos da pesquisa.....</b>                                    | <b>19</b> |
| <b>2</b>   | <b>HUMANOS E ANIMAIS: FRONTEIRAS TURVAS.....</b>                       | <b>26</b> |
| <b>2.1</b> | <b>Um reconhecimento familiar, seus limites e horizontes.....</b>      | <b>29</b> |
| <b>3</b>   | <b>O CUIDADO COMO LINGUAGEM FAMILIAR DO PARENTESCO.....</b>            | <b>38</b> |
| <b>3.1</b> | <b>Cuidados nas ruas e nas redes sociais.....</b>                      | <b>51</b> |
| <b>4</b>   | <b>DO NASCER AO MORRER: RELACIONALIDADES E GÊNEROS DO CUIDADO.....</b> | <b>64</b> |
| <b>4.1</b> | <b>Da maternidade à maternagem dos filhotes para sempre.....</b>       | <b>67</b> |
| <b>4.2</b> | <b>Um cão só abandona sua mãe na morte.....</b>                        | <b>88</b> |
| <b>5</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                       | <b>91</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                | <b>93</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Era junho de 2018 quando perdi minha avó, vítima de insuficiência cardíaca. Naquela ocasião, ao receber a notícia no hospital, acompanhando minha mãe em visita à UTI, sentia-me na obrigação de prestar assistência emocional a minha mãe, a mesma sensação de obrigação que tive quando senti que devia levar minha avó ao hospital, quando ela não passava bem. Senti que precisava ser forte, afinal, com a partida da minha avó, que era a liderança da família, sentia como se minha família me enxergasse como sucessor desse lugar. Minha mãe falava “você é o homem da casa”, além disso, tinha sobre mim um papel social assumido no momento que concluí a graduação em psicologia. A junção desses dois papéis é uma combinação que pode muitas vezes ser interpretada pelos outros, e por nós mesmos, como aquilo que temos como dever, aquilo a que fomos ensinados a assumir, afinal, em nossos papéis, somos convidados ao exercício do compromisso.

Na ocasião do falecimento de minha avó, enfrentei dilemas burocráticos. Na ausência de um plano funerário, ainda faltava resolver outras questões. Como levar o corpo de minha avó, que esfriava em uma fria pedra de mármore, para casa? Como faríamos os rituais fúnebres? Onde a enterrar? Acionei parentes, afinal, nas horas mais difíceis, procuramos a família para “acudir”, para nos prestar socorro.

Essa experiência com a morte, tão marcante em minha vida, ecoou de modo significativo, me embotando em vários aspectos, fazendo com que me sentisse adoecido nos vários meses subsequentes. Na imposição de uma depressão, desde o manual DSM, uniformizada pelo olhar da psiquiatria norte-americana, um indivíduo é diagnosticado se apresentar pelo menos cinco dos sintomas que serão expostos aqui, por um período igual ou superior a duas semanas. Pignarre (1999) elenca: tristeza aguda; falta de interesse, incapacidade de agir; falta de apetite; dificuldades com o sono; agitação ou desaceleração; cansaço recorrente; culpabilidade exagerada; falta de concentração; e ideação suicida. Seguindo essa métrica, me enquadrava facilmente em um quadro de depressão.

O falecimento de minha parente, segundo a minha percepção, alterou profundamente as relações familiares. Eu me desloquei para uma posição de responsável pelas finanças, afinal, minha avó, embora bem debilitada nos últimos anos de vida, era um pilar familiar em vários aspectos. Era ela quem arcava as despesas da casa. Minhas mãe e tia, desempregadas, mantinham-se empregadas

nos cuidados paliativos com a sua mãe-filha. Havia então uma grande ambiguidade: minhas novas, mãe-filha e tia-filha diziam o quanto minha avó necessitava delas, embora minha avó, em vida, sempre dissesse o quanto eram elas, agora, filhas-mães que necessitavam de cuidados. Era um grande enlace de afeto, compromisso e cuidado que circunscrevia nossa família.

Por assumir esse compromisso do cuidar, acabei sepultando, com minha avó, meu lugar de ser cuidado como filho. Experimentei um período marcado por grande melancolia. Me sentia “entalado” com aquilo que a vida e as construções culturais que ditam os compromissos que devemos assumir na família me fizeram engolir.

Minha avó foi quem me criou, por isso costumo dizer que sou “filho de vó”. É interessante perceber como os papéis desempenhados nas configurações de família e dinâmicas de parentesco intermedeiam as relações que vão e vêm no *continuum* da vida e nas mudanças de cenário e perspectivas que a morte dirige. Naquele momento, sentia ser meu o papel de prestar assistência, cuidar, mas, para cuidar, também precisei da assistência de uma rede de atores, humanos e não humanos, parentes, terapeutas, políticos, guias espirituais, entre tantos outros.

O funeral de minha avó aconteceu em nosso terreiro de umbanda, um lugar também familiar, que congrega uma corrente espiritual de irmãos e filhos de santo. Lugar onde temos espíritos como pais e mães. Nesse espaço, aconteceu seu “tambor de choro”, nome do ritual fúnebre que acontece na umbanda quando um membro da casa morre. Foram espectadores, coadjuvantes e auxiliares daquele momento, tudo e todos aqueles presentes. Nós, a família mais próxima, aqueles, da família mais distante, que também são um pouco de nós; todos da casa, vistos como família; os cães da casa, que naquele momento pareciam especialmente solenes; vários amigos e alguns agregados curiosos; todas as imagens de santos católicos, incluindo o painel da virgem Maria, que veio para decorar o cenário como bônus da funerária; imagens de orixás e guias espirituais, caboclos da umbanda, alguns com aparência humana, outros, com características antropozoomórficas. Na ocasião, caboclos se fizeram presentes através da incorporação nos médiuns, aqueles caboclos que eram chamados por minha avó de “mães” ou “pais” com quem ela tinha mais apego e afinidade, vinham, talvez, para retribuir todo o auxílio prestado por ela nas décadas

que passou como cambone<sup>1</sup> da casa. Afinal, Mauss (2003) já havia revelado que as dádivas, são reguladas por três obrigações que se interligam: dar, receber e retribuir, em que cada uma dessas cria um laço de energia espiritual entre os atores da dádiva, um vínculo de almas. Muitos foram os que congregaram naquele momento. É digno de nota que nem em aniversários, que são celebrações da vida, conseguimos reunir tantos como na celebração da morte.

O que me fazia ficar de pé era o compromisso de saber como estavam minhas mãe e tia, além da alimentação e dos cuidados dos meus cães, dos passeios com eles, de lhes prestar o suporte necessário, pois, como seu pai-tutor<sup>2</sup> cabia a mim zelar por sua saúde. Interessante retornar a essas memórias e perceber o quanto acabávamos nos cuidando mutuamente. Afinal, eles me mantiveram ativo, eram ávidos em despertar cedo, sempre no horário habitual. Eles vinham com “lambeijos” que me provocavam um nojo que me fazia lavar o rosto. Muitas vezes traziam suas próprias coleiras, quase como um ultimato para eu sair da cama. Não sei quem de fato levou quem para passear. A coleira era como um objeto com um poder mágico, que me dava propulsão e movimento para a vida. Sentia-me como um morto-vivo, retirado do túmulo, amarrado em um feitiço de afeto que me dava tração para voltar a caminhar. Era como se a energia deles me afetasse, me tocasse a alma. Inicialmente passeávamos pela manhã, depois de alguns dias, passamos a ir também à tarde. Em alguns momentos, ria com as “presepadas” que eles aprontavam pelo caminho, rolando em esterco ou correndo atrás das galinhas da vizinhança. Gradativamente, fui voltando a ter movimento na vida.

Com a curiosidade de pesquisador, fiquei cada vez mais sensível para a compreensão de vários porquês das relações com os animais, mas especificamente com cães, por terem sido tão benéficas para minha saúde. Em um momento inicial, tomei contato com trabalhos acadêmicos (ALTHAUSEN, 2006; BORBA, 2015;

---

<sup>1</sup> Médiun que é preparado(a) para auxiliar e servir nos rituais da umbanda, acendendo cachimbos, entregando acessórios do vestuário, anotando recados, etc.

<sup>2</sup> A experiência moral dos tutores e as exigências e obrigações que envolvem essa categoria recente expõem as tensões civilizatórias sobre as espécies de estimação, que paulatinamente retornaram para o interior dos domicílios a partir do final do século XX. Um longo período de epidemias fez com que as espécies de estimação fossem estigmatizadas e ligadas à sujeira, à doença e à agressividade e, diante disso, houve a adoção de práticas por pessoas e órgãos de saúde. A tutoria responde assim às necessidades de controle que ocorrem de forma condicionada, pois só passam a ser considerados aptos para a convivência íntima em um ambiente civilizado depois de serem submetidos a uma série de procedimentos de adequação física e comportamental, que inclui, entre outros aspectos, o desenvolvimento de novas raças, adequadas a cada tipo de Consumidor (LIMA, 2016).

VACCARI e ALMEIDA, 2007) sobre as terapias alternativas ou complementares<sup>3</sup> que se desenvolvem a partir da interação com animais, a práxis da utilização de animais, neste contexto chamados de coterapeutas, no acompanhamento em saúde mental.

Quando decidi cursar psicologia, já havia um certo encantamento por animais, no entanto, não conhecia o trabalho, notável, diga-se de passagem, já em andamento em alguns estados do país, em especial as pesquisas desenvolvidas na cidade de São Luís, no estado do Maranhão. Partindo das pesquisas, ao pedir orientação aos profissionais que conheci, cheguei ao professor Dr. Jean Marlos, docente titular da Universidade Federal do Maranhão que trabalha com essa temática há alguns anos. O professor supracitado é referência na temática, sendo também líder do grupo de estudos e pesquisas em Saúde e Intervenções Assistidas por Animais – GEPSIAA's. Em conversas, ele me indicou e enviou vários livros e artigos sobre a temática.

Como fui me interessando cada vez mais pelo assunto, fui mergulhando vivencialmente nesse universo partilhado entre humanos e cães. Na cidade de Fortaleza – CE, havia e ainda há um movimento crescente de abertura aos animais de estimação em locais que antes eram exclusivamente humanos. Nas praças, construíam cachorródromos, os *shoppings* aderiam ao movimento *pet friendly*, há grupos em redes sociais de “famílias de raças” – família golden retriever, família buldogue francês – e grupos de proteção aos direitos dos animais se proliferam a cada dia. Muitos cães têm perfis em redes sociais e há tutores, por exemplo, que atualmente se dedicam profissionalmente apenas aos perfis dos seus animais nas redes.

Tudo isso que descrevi me chamava muita atenção. Uma amiga, ao me contar sobre seu processo de separação conjugal, sobre a guarda compartilhada de seus cães, judicialmente imposta, me fez ficar ainda mais sensível aos “lugares familiares” e às relações que estabelecemos com os cães.

Tsing (2015), ao investigar cogumelos como espécies companheiras, expressa como os “lugares familiares” são produzidos, como estes lugares imprimem

---

<sup>3</sup> Segundo Borba (2015), “Dentre estes tipos de terapias alternativas ou complementares surge a Terapia Assistida por Animais – TAA, a Educação Assistida por Animais – EAA e as Atividades Assistidas por Animais – AAA que pertencem a modalidade de Intervenções Assistidas por Animais – IAA. As IAA's que estão cada vez mais tendo aceitação no cenário médico, escolar e institucional se configurando como prática alternativa e complementar a diferentes tipos de tratamento para as questões de adoecimento e melhoria de qualidade de vida.” (BORBA, 2015, p. 1).

marcas e expressões, como excitam os sentidos trazendo à memória tons e ângulos que vão se familiarizando no encontro de corpos, que vão se conhecendo nos encontros, afinal, “lugares familiares são o início da apreciação das interações multiespécies” (TSING, 2015, p. 181). Fui me sensibilizando a essas produções. Ainda no círculo afetivo próximo, a minha tia adotou a filha do meu cão e assim foram se estabelecendo lugares, laços sanguíneos e afetivos entre os entes que compõem a nossa família. Notei que, muitas vezes, quando alguém chegava em minha casa para tomar um café, chegava quase sempre perguntando pelos cães ou brincando com eles e que esse ato gerava um convite irrecusável para socialização, afinal, frases como “a casa é dele” ou “se gosta de mim, trate bem meu filho” eram corriqueiras.

Aos poucos, o meu interesse pelo tema das relações entre humanos e animais me conduziu à literatura antropológica que trata sobre o assunto. Fiquei particularmente entusiasmado com as discussões contemporâneas que tecem reflexões sobre a relação entre humanidade e animalidade.

Com o esforço pessoal na busca por materiais científicos em bibliotecas e na internet, pude elaborar o projeto de pesquisa que apresentei na seleção de mestrado e com o qual obtive a aprovação. Foi apenas no mestrado, com o auxílio valioso dos professores do programa que pude ter um contato mais aprofundado. Fui me familiarizando com uma galeria de trabalhos que abrem trilhas para um projeto multiespécie na antropologia aliado ao que Eduardo Kohn (2007) nomeia de “Antropologia da vida” – “uma antropologia que não se limita apenas ao humano, mas está preocupado com os efeitos de nossos envolvimento com outros tipos de seres vivos” (p. 4).

Os trabalhos de Kirksey e Helmreich (2010), que fazem uma exploração em nível mundial, e Sussekund (2018), que indica desenvolvimentos nacionais, me auxiliaram na compreensão da tradição, da evolução e dos desenvolvimentos, na Antropologia, de pesquisas que investigam as relações entre humanos e animais, indicando, dessa maneira, uma emergência do campo de investigações multiespécie. Os referidos autores concordam que devemos voltar os olhos para a presença dos animais nos estudos de natureza antropológica, revisitando textos canônicos como o de Lewis Henry Morgan, *The american beaver and his works*, publicado em 1868. Os autores constatarem que, no passado, o animal aparecia constantemente a partir dos estudos de caça, criação e seus papéis em sistemas de totem e tabu. Isso “apareceu com destaque nas etnografias clássicas do século XX por meio dos trabalhos de

autores como Evans-Pritchard, Douglas, Lévi-Strauss, Radcliffe-Brown e Leach (KIRKSEY; HELMREICH, 2010, p. 550, tradução minha).

De acordo com Sussekind (2018), para a passagem de estudos que incorporavam os animais às etnografias multiespécie foi necessário um profundo “questionamento do dispositivo antropocêntrico que opera no pensamento antropológico” (p. 159). Oposições clássicas como entre natureza e cultura vêm ficando cada vez mais diluídas na antropologia, exigindo uma verdadeira “redefinição da vida e da natureza” (p. 162), e assim tornou-se mais exigido repensar “a vida com”, formulados em trabalhos como:

As reflexões sobre o animismo, em torno do trabalho de Phillipe Descola, e sobre o perspectivismo ameríndio, ligadas a Eduardo Viveiros de Castro, assim como os escritos de Marilyn Strathern que tratam da oposição natureza e cultura, ou ainda aqueles de Tim Ingold acerca dos ambientes humanos e não humanos, são referências incontornáveis para esta discussão. Ao mesmo tempo, no âmbito dos estudos de ciência e tecnologia, autores como Bruno Latour, Isabelle Stengers e Donna Haraway, entre outros, têm proposto uma revisão crítica dos preceitos modernos e dos métodos analítico-descritivos das ciências (SUSSEKIND, 2018, p. 167).

Sobre esse “viver com”, a relação entre humano e cão parece ser uma das mais ilustres para as investigações, afinal, cães domésticos são animais muito apreciados em nossas culturas e práticas sociais no Ocidente contemporâneo, pois vivem em intimidade e familiaridade conosco e conformam, cada vez mais, nossos estilos de vida (Serpell, 1996; Digard, 1999; Segata, 2012 *apud* VELDEN, 2019). Logo, as etnografias com cães aparecem como campo privilegiado de pesquisas. Sobre esse campo, Segata (2012) revela a existência de um processo que tem sido controverso, pois, até os cães atingirem o posto de nossos “fiéis companheiros”, houve um longo caminho histórico percorrido por movimentos sanitaristas, manifestações e investimentos na domesticação que acalmaram ou que tentam tornar invisíveis as suas pulsões naturais. Os cães tornaram-se clientes para o consumo de rações industrializadas ou artigos de moda, convertendo-se em focos da atenção de gestos médicos e estéticos que exploram o compromisso com o cuidado de quem se ama, de quem é mais do que um “bicho”, é um parente, com toda a complexidade que este termo pode ter quando se pensa em relações interespecíficas.

Nesse caminho, o cuidado, como exercício e prática, e as suas implicações no estabelecimento do vínculo humano-cão nas configurações de família e dinâmicas de parentesco que ocorrem em uma complexa rede de relacionalidades que conectam

esses atores sociais é um tema que atravessa esta dissertação. Nela, o meu objetivo é investigar, por meio das perspectivas apresentadas pelos interlocutores da pesquisa, da análise de entrevistas jornalísticas, do acompanhamento de redes sociais e do acionamento de memórias pessoais, como nos relacionamos com cães como familiares, parentes, sujeitos e objetos ao longo de histórias de vida e morte.

De uma maneira geral, o estudo das relações entre seres humanos e animais tem apresentado profunda renovação nos debates científicos atuais. Nós e eles, humanos e não humanos, natureza e cultura são conceitos que fazem parte de vários binarismos da antropologia. Esses pares conceituais têm sido sistematicamente colocados à prova tanto a partir do contato com a alteridade do pensamento de povos não ocidentais quanto nos chamados estudos da ciência e da tecnologia, que, ao longo das últimas décadas, se desdobraram em abordagens inovadoras da política, da economia, ou seja, das grandes instituições da modernidade ocidental.

Sobre a Modernidade, Latour (2013) nos convida a refletir se de fato somos modernos, pois, de acordo com o autor a modernidade é um empreendimento purificador, em que o homem moderno, ao tentar compreender as coisas e a si mesmo, passou a assim fazê-lo a partir de divisões, das distinções. No entanto, essa purificação produziu, paralelamente, a partir de um conjunto de práticas, aquilo que Latour (2004) nomeou de “proliferação dos híbridos” (p. 397), que são constituições que não podem ser definidas de antemão ou como naturais ou como culturais, em que economia, política, natureza, tecnologia e direito se interconectam.

Dessa maneira, conforme Segata (2012), quando pensamos nas manifestações interativas entre humanos, que também são animais, e animais não humanos, que em muitos aspectos se aproximam do humano, fica evidente tanto a hibridização quanto a purificação, assim como quando também sugerimos, em diversos contextos, o “nós humanos” e o “eles animais”.

Surge então analiticamente uma entidade composta entre homem e cão, que, segundo Haraway (2003), ao pensar as relações com animais especialmente domésticos, só é possível se vistos em “coevolução” (p. 12). Não vistos aqui como dois entes separados, dissociados por naturezas e ontologias exclusivas, mas como composições, compreendidos como seres envolvidos em relações complementares, manifestas na convivência, nos vínculos particularizados, permeados de limites, obrigações e dependências envolvidas na tarefa de estabelecer relações de parentesco.

## 1.1 Os caminhos da pesquisa

Cheguei ao mestrado com o intuito de investigar as relações familiares, nos lares e nos espaços públicos, entre humanos e cães, centrando-me na investigação dos vínculos que aparecem nas narrativas, práticas, simbolismos e emoções, bem como suas reverberações em novos estilos de vida na cidade de Fortaleza – CE.

É importante esclarecer que me considero parte de uma família multiespécie, pois, hoje moro com minha mãe e tenho dois cães que moram conosco, fruto de uma adoção que decidimos fazer juntos. Eu e meu companheiro anterior tínhamos também adotado-comprado alguns cães. Meu companheiro anterior inclusive decidiu fazer faculdade de medicina veterinária após essa adoção, assim, pensávamos em ter, embora nunca tenhamos tido, uma criação de cães ou um “canil”, termo impregnado de associações desumanizadas e deveras controverso, haja visto os crescentes movimentos de defesa ao direito dos animais, em parte, decorrentes da evolução do animal ao status de animal de estimação e, na sequência, ao status de sujeito de afeto integrado à família que o adota (OLIVEIRA; SOUZA; CARLETTI, 2016). Interessante notar que o contato com os cães impactou inclusive nas nossas escolhas acadêmicas. Ele continua fazendo veterinária e eu estou aqui pesquisando esse tipo de relações que se estabelecem.

Pretendo inserir este trabalho entre aqueles que tentam visualizar relações antes invisíveis aos olhos de uma antropologia antropocêntrica, na insurgência de uma nova antropologia da animalidade que vem gradativamente falando em relações multi, trans e interespecies. Uma área ainda em discussão e, por alguns, considerada um “campo subdisciplinar”, conforme Bevilaqua e Velden (2016). Ou ainda, uma *antropozoologia*, segundo Hurn (2012), talvez seja possível, senão necessário ou produtivo que haja trabalhos interdisciplinares, que proponham um entrecruzamento entre textos e áreas de conhecimento, gerando crescente vitalidade e juventude às discussões científicas.

A propósito da interdisciplinaridade, na psicologia, minha prática e produção acadêmica se amparam em uma atitude fenomenológica de abertura à alteridade ao outro, aqui, nesse caso, do animal. Atitude que é possível pela redução, ou seja, pela *epoché* fenomenológica, que é a colocação entre parênteses dos juízos e julgamentos, voltando-me para a abertura do sentido do fenômeno, para o conteúdo imanente à vivência conforme Giovanetti (2018). A ênfase na riqueza da “experiência”

que o campo proporciona, que apareceu a partir da investigação da vida em família, em comunhão (possível e, ao mesmo tempo, impossível) entre o humano e o animal, continua sendo filosoficamente desafiadora, existencialmente incômoda e estará presente nas reflexões deste trabalho.

Outra influência que me auxilia analiticamente nessa dissertação é a socionomia, ciência criada por Jacob Levi Moreno, em meados do século XX, mais especificamente, que ficou conhecida como psicodrama, abordagem que compreende os humanos – aqui podemos dizer os seres – em uma rede, em inter-relação, em papéis, em ação complementar (com contrapapéis). Desde sua concepção, essa mirada, que está ligada ao trabalho com grupos, busca, no processo contínuo de autoconhecimento emancipatório, romper com a perspectiva de “transferência” de responsabilidade, visando à construção de uma ética de alteridade e de corresponsabilidade do cuidado no desenvolvimento das identidades dos sujeitos.

Esta pesquisa também recebe grandes contribuições de trabalhos como *Cultures of relatedness*, coletânea organizada e introduzida pela antropóloga britânica Janet Carsten (2000), que incorpora à reflexão a noção de *relatedness* (relacionalidades), termo que dá relevância metodológica às dimensões do cotidiano e da produção de laços de parentesco. Também é importante mencionar a influência de Tim Ingold (2013) e sua “antropologia além da humanidade”, que “vem explorando o conceito de vida, em seus escritos, a partir dos desdobramentos ou caminhos criativos e generativos dos diversos seres, organismos ou coisas em seu vir a ser” (SÜSSEKIND, 2018, p. 168); e os trabalhos de Philippe Descola, que exploram a relação entre humanos e animais nos debates antropológicos.

Inicialmente, o objetivo era ir a campo na cidade de Fortaleza – CE, entrando em contato com os sujeitos da pesquisa nos cachorródromos, nos *shoppings* e nos locais que aderiram ao movimento *pet friendly* (termo utilizado para designar lugares onde os animais de estimação são bem-vindos). O conceito não se refere aos lugares onde os pets não podem apenas entrar, mas sim onde o ambiente esteja preparado para recebê-los bem e possa proporcionar conforto para os bichos e, conseqüentemente, a seus humanos.

Também pretendia entrevistar algumas famílias em suas casas, ambiente mais íntimo, cheio de lugares, fronteiras, objetos e interações que poderiam se revelar à pesquisa. Infelizmente, em decorrência de uma outra relação interespecífica, agora entre humanos e vírus, uma relação também familiar, já que, segundo o Ministério da

Saúde (2020), coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan, na China, e causou a doença COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida mundialmente. As medidas de prevenção impostas e a recomendação de que todos fiquem em casa fizeram com que o campo da pesquisa tivesse que ser repensado.

Diante da impossibilidade de seguir com as interações face a face que caracterizariam a pesquisa inicialmente planejada, junto ao meu orientador concordamos em encontrar os interlocutores em ambiente virtual, através de videochamada e gravação. Assim, acionei uma rede de amigos que tinham cães, fui informando sobre a pesquisa e levantando voluntários ou indicações de pessoas que tratavam seus cães como filhos. Voluntariaram-se pessoas dos municípios de Fortaleza, Eusébio, Aquiraz e Horizonte – distribuição melhor apresentada no mapa da *Figura 2* que será apresentado a seguir. Um total de seis famílias participaram da pesquisa. Todos foram devidamente informados sobre os objetivos e as implicações da participação na pesquisa. No início da entrevista, eram informadas verbalmente, então, logo após, recebiam e assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Figura 2 – Mapa de localização das famílias



Fonte: Adaptado de Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE. (2007).

Decidimos também acompanhar três perfis da rede social *instagram*, de Fortaleza, ligados aos diversos movimentos e práticas com cães. Foram eles @goldenretrieverfortaleza, @adoteumamorpet e @cachorrinhaartistaofficial. As escolhas desses perfis fazem com que haja um ampliamto de perspectivas e pontos de vista dos discursos que permeiam as pretensões desta pesquisa. Sobre os perfis, o perfil @goldenretrieverfortaleza é uma comunidade de golden retrievers, seus tutores e admiradores, periodicamente, organizam eventos e encontros pela cidade. O perfil faz diversas campanhas, como as de doação de sangue para aqueles cães,

em sua grande maioria de raça, que precisam de transfusão. Também divulgam produtos e serviços. O perfil @adoteumamorpet é uma comunidade que resgata, reabilita e coloca para adoção cães desde 2014. O perfil @cachorrinhaartistaofficial é de uma cachorrinha artista que trabalha como estátua viva junto com o tutor, imigrante venezuelano e artista de rua há seis anos, que decidiu colocar o animal para trabalhar com ele depois de chegar ao Brasil.

Dessa maneira, usando a conexão da rede de internet, foi que pude ir me conectando a redes de sujeitos de afetos entre espécies, dessas “vidas conectadas”, iniciando aquilo que, na antropologia, chamamos de observação participante, experiência que, quando desenvolvida como pesquisadores, nos traz estranhamento, afetamento e dúvida e nos leva a caminhos impensados que o campo apresenta. Para ilustrar tal afirmação, informo que nunca foi minha intenção discutir assuntos relacionados à morte, porém, muitas das falas dos interlocutores trataram dessas temáticas. Só depois, compreendi como a morte também atravessou minha vida e como meus cães se correlacionavam de algum modo a isso.

As entrevistas foram realizadas de novembro de 2020 a janeiro de 2021, de acordo com o ajuste feito em conformidade com as disponibilidades de tempo, minha e dos participantes.

No entanto, à medida em que o trabalho avançava, eu passei a sentir algumas dificuldades. Encontrar humanos heterossexuais dispostos a participar da pesquisa representou um desafio. Na maioria das vezes, eram mulheres e humanos homossexuais que disponibilizaram tempo para participar, dado melhor apresentado e discutido no capítulo dois desta dissertação.

Outra questão que começou a aparecer foi a de minha mudança de campo. Na graduação, meu trabalho de conclusão de curso havia sido uma revisão de literatura e, apenas na especialização em psicodrama, pude ir a campo, porém, a partir de um outro tipo de pesquisa. Na especialização, minha monografia baseou-se em um estudo de casos múltiplos, em contexto psicoterápico. Investiguei como as categorias animais podem ser acionadas e utilizadas na psicoterapia psicodramática através de um método experimental nomeado de *Animalodrama*, em que a utilização de fábulas foi utilizada como recurso terapêutico. No entanto, agora, a eminente tarefa seria uma proposta da tradição da antropologia e que consistia em deixar o escritório – no meu caso, o consultório – e ir ao encontro de histórias e ações de outras pessoas. Isso fez emergir uma nova necessidade, a de que eu desenvolvesse algumas das

habilidades que podem ser básicas para um etnógrafo, mas que para mim, até então, não eram, em particular, os métodos sensíveis do ver, ouvir e do seguir ações alheias: “A ‘ideia-mãe’ da antropologia, com concepções que variam de Arte, para Evans-Pritchard, fonte de comparação, para Radcliffe-Brown, origem da teoria etnográfica, para Malinowski” (PEIRANO, 2014, p. 380).

\*

Após esta introdução, a dissertação está dividida em três capítulos e as considerações finais. O primeiro deles, “Humanos e animais: fronteiras turvas”, é um capítulo baseado em uma revisão bibliográfica. Nele procuro abordar, a partir a discussão clássica sobre as relações natureza e cultura, a emergência das etnografias que analisam as relações entre humanos e não humanos, o que Süsskind (2018) nomeia de uma “virada multiespécies”. Nesse capítulo, discuto o que esse movimento representa. Procuro refletir sobre como a relação entre humanos e não humanos tem sido repensada na contemporaneidade, questionando e reposicionando similaridades e distinção entre eles e nós, humanos. O capítulo também apresenta ao leitor o conceito de “família multiespécie”, que gradativamente vêm se popularizando e reivindicando novos posicionamentos sociais. Procuro evidenciar as noções de família a partir dos discursos dos interlocutores, expondo os limites, as modulações e as negociações que acontecem nessa configuração familiar que impõe reformulações no próprio conceito de família. O intuito desse capítulo é oferecer ao leitor pouco familiarizado com esse debate um solo compreensivo.

No capítulo “O cuidado como linguagem familiar do parentesco”, exponho observações sobre o cuidado. Aqui visito as diversas dimensões que o cuidado apresenta a partir do levantamento literário e suas implicações, sobre como ele ocorre nas relações que investiguei e seu estabelecimento no cotidiano, seu atravessamento por críticas e julgamentos a partir do emblemático caso da “cachorrinha artista” – uma dupla de artistas de rua, estátua-viva-humano-cão – e dos discursos que aparecem nos perfis do instagram: @goldenretrieverfortaleza e @adoteumamorpet. Nessa seção, as noções de cuidado, dependência e codependência são acionadas como uma espécie de linguagem do parentesco, para um olhar mais atento às suas implicações, interessado em pensar/teorizar essa linguagem que não só comunica,

mas que decodifica as relações interespecíficas entre humanos e cães e os modos como as modulações do cuidado legitimam um parente, um familiar.

No último capítulo, “Do nascer ao morrer: relacionais e gêneros do cuidado”, as análises se voltam para as dinâmicas e o exercício da maternidade e da maternagem<sup>4</sup>. Apresentarei diversas situações e histórias de vida para evidenciar os limites e as modulações que são necessárias para intermediar formas de convivência e vínculos particularizados entre seres vistos como “filhos”, “presentes” e “bichos”. Volto-me também para o ato de cuidar na morte, presente nas relações que se estabelecem entre vidas familiarizadas, com tempos biográficos distintos, bem como suas bio-grafias, termo aqui utilizado aqui para se referir a vidas que vão se familiarizando no cuidado relacional. Ainda nesse capítulo, discuto as alegações de que os cães possuiriam capacidades sensitivas ou poder de cura espiritual. Esta é a oportunidade para analisar o aparecimento dos sentidos e poderes do cuidar. O último capítulo é o que apresenta mais material etnográfico e por isso é o mais extenso. Em suas páginas, ainda busco refletir sobre o exercício ou a obrigação do cuidado e suas implicações com demarcadores sociais e as questões de gênero.

---

<sup>4</sup> A maternidade fala sobre a qualidade de ser mãe, por meio de vias biológicas ou adotivas. A maternagem está vinculada, na literatura, com o estabelecimento do apego, do cuidado físico e psicológico seguro com o bebê, podendo ser estabelecido por cuidadores como: pai, avó, tia entre outros.

## 2 HUMANOS E ANIMAIS: FRONTEIRAS TURVAS

O objetivo deste capítulo inicial é proporcionar uma contextualização, a partir da literatura científica, que confira ao leitor pouco familiarizado com o campo das relações entre humanos e não humanos bases para uma compreensão mais ampliada a respeito dos objetivos gerais desta dissertação.

As noções de “natureza” e “cultura” são acionadas muito recorrentemente no ocidente. O natural é comumente definido como todo produto que existe sem a ação humana, como os oceanos, as florestas ou a atmosfera; o cultural é, então, o produto da ação humana, os objetos, as ideias e coisas como o idioma, a constituição, por exemplo. Essa distinção, que pode parecer banal, tem sido constantemente desafiada. Muitas coisas ou seres, incluindo nós mesmos, encontram-se em uma situação intermediária: “são naturais e culturais ao mesmo tempo” (DESCOLA, 2016, p. 8).

Parte da literatura antropológica de diversas leituras de povos indígenas encontra a afirmação de que, em tempos primevos, animais, plantas e outros seres que tendemos a denominar como não humanos comunicavam-se plenamente com os humanos, não havendo distinção de naturezas, partilhavam de forma equiparada o mundo.

Lévi-Strauss (1982), ao perguntar-se sobre “onde acaba a natureza? onde começa a cultura?” (p. 42), conclui que “nenhuma análise real permite apreender o ponto de passagem entre os fatos da natureza e os fatos da cultura, além do mecanismo da articulação deles.”, porém, “tudo quanto é universal no homem depende da ordem da natureza e se caracteriza pela espontaneidade, e que tudo quanto está ligado a uma norma pertence à cultura” (p. 47).

As reflexões antropológicas contemporâneas demonstram que a relação entre natureza e cultura permanece como campo privilegiado de investigações. Novos caminhos foram traçados a partir de Lévi-Strauss, como expõem Velden e Badie (2011) ao evidenciarem trabalhos como o de Bruno Latour (2013), que reconfigura a noção de natureza e mostra a proliferação de híbridos natural-culturais que cortam fronteiras nos dois domínios. Ou, ainda, o de Donna Haraway (2003), que não só proclamou que somos todos (humanos e animais) ciborgues, como também redefiniu nosso olhar sobre as relações entre humanos e animais ao falar em conceitos como

“coevolução” e “simbiose”, conceitos que nos falam sobre a codependência para com a existência das espécies (HARAWAY, 1991; 2003).

Para Ingold (1995), no pensamento ocidental, os conceitos de “humano” e “animal” estão tradicionalmente associados, carregados de ambiguidades, preconceitos epistemológicos e emocionais. A animalidade seria então uma condição oposta à da humanidade. Nós, humanos, nos compreendemos como criaturas constitucionalmente divididas, com uma parte imersa na condição física da animalidade e a outra na condição moral da humanidade.

A ideia de que os animais podem nos ajudar a entender quem somos nós mesmos tem aparecido com frequência na antropologia. Nos termos de Segata, temos uma “pedagogia de si pelo outro, e ao mesmo tempo, uma espécie como chave de revelação simbólica” (SEGATA, 2012, p. 43). Nesse sentido o animal seria um intermediário, que auxiliaria na tradução de sentidos, mas que também não se limita a isso, dado o seu aparecimento como ente nas relações.

Derrida (2002), por sua vez, trata da enigmática relação que nós, enquanto humanos, mantemos com os animais. Mesclando depoimentos pessoais “autobiográficos” a suas elucidações filosóficas, vai desconstruindo não só as barreiras entre os gêneros de escritura, mas também os próprios conceitos, referências e categorias que nos organizam e possibilitam o pensamento. Quando inicia sua exposição falando da estranheza ao se sentir observado nu por seu gato e, então, vai refletindo sobre esse olhar do “outro”, do animal, que o faz revirar seu âmago e o faz indagar-se sobre si mesmo. Quem eu sou? Pensando sobre sua própria essência, sobre o que as relações que estabeleço, enquanto homem, com esse outro vivente, o animal – um ser ao mesmo tempo tão próximo e abissalmente distante – revela.

Ainda seguindo as reflexões de Derrida (2002), esse desvelar que acontece na relação dos humanos com os animais gera duas possibilidades. A primeira, é o homem observar o animal, projetando nele sua psiquê, seus sentimentos. A segunda possibilidade, somente tentada por “poetas e profetas” (p. 34), é tentar imaginar como o animal nos vê, não lhe atribuindo nossas características e sim tentando criar esse impossível: ver-nos como um animal nos vê. Derrida, explora a nudez para ilustrar a vastidão do abismo que nos separa das demais espécies, mas neste caso de seu gato, que está tão próximo e tão distante. “O animal não está nu, pois não se sabe nu” (p. 17).

As críticas de Ingold, e de muitos outros, acabaram desvelando esse dispositivo antropocêntrico, que, como já dito, opera no pensamento antropológico, carregando uma bagagem exclusivista e monoespecífica. Quando falo desse dispositivo, não posso deixar de acionar uma memória pessoal. Certo dia, no início do meu percurso no mestrado, um colega discente proferiu o seguinte comentário “Não entendo como tem antropólogo fazendo antropologia com animais”.

Desejo problematizar o comentário do colega discente, assim como de outros que me fizeram perguntas com certo tom de ironia, como “Quer dizer que tu entrastes no mestrado pra estudar cachorro?!” Tais comentários representam certa percepção do senso comum antropológico, para o qual os animais só poderiam ser pensados como repositórios simbólicos ou investimentos da cultura e que o estudo das relações entre humanos e animais seria irrelevante.

Talvez trabalhos que nos inclinem a “um olhar mais atento sobre as peles, tripas e genomas humanos, que revel[em] que os seres humanos são uma espécie de consórcio, uma mistura de devires microbianos” (HARAWAY, 2008, p. 31), pudessem ser respostas aos meus colegas, pois, indicam a inegável relevância de pesquisas que questionem os limites entre os organismos, entre as espécies. Que cada vez mais borram divisas.

Süssekind (2018) traça um panorama daquilo que pode ser compreendido como uma “virada multiespécies” (p. 167), expressão já utilizada nas linhas anteriores. Área em expansão de investigações no Brasil, embora a expressão “multiespécie” deva ser usada com cautela para não expressar relações parciais, agrilhoadas no conceito de espécie.

As investigações nessa área, ainda segundo Süssekind (2018), articulam “estudos animais, estudos de ciência e tecnologia e etnologia indígena” (p. 160), empreendendo uma abordagem que pretende não definir a vida nos termos exclusivistas da vida social humana. Outra característica desses estudos é que eles comprometem-se com uma redefinição da vida e da natureza, buscando pensar os sentidos da expressão vida multiespécie. Assim, segundo Süssekind (2018), “o primeiro passo na direção da virada multiespécies seria um passo na direção de uma interrupção no funcionamento da máquina antropológica a partir de um questionamento do exclusivismo humano.” (p. 167), máquina descrita por Agamben, definida como um “dispositivo conceitual que mantém a humanidade suspensa entre o terrestre e o celeste, corpo e alma – na tradição católica –, ou entre humano e

animal, civilização e natureza – na classificação científica.” (AGAMBEN, 2004 *apud* SÜSSEKIND, 2018, p. 162). Afinal, a célebre frase de Haraway (2008 *apud* TSING, 2015, p. 178) “a natureza humana é uma relação entre espécies” norteia o espírito desses estudos.

Há, portanto, uma construção cumulativa de trabalhos que levam em consideração os animais como participantes ativos de uma multiplicidade de relações sociais. Os estudos mencionados apresentam uma articulação entre os estudos animais, a etnologia indígena, a antropologia da ciência e da tecnologia e as antropologias rural e urbana, tendo uma tradição de pesquisas sobre vínculos entre criaturas vivas como, plantas, fungos e animais em diversos contextos.

De modo geral, as relações humano-animal têm aparecido na antropologia contemporânea

A partir de duas frentes de discussão que se complementam – uma política e outra epistemológica. A primeira envolve ativismos e novos movimentos sociais em torno de direitos e de moralidades dos animais, enquanto a outra passa a questionar e a reposicionar qualidades e distinções entre eles e os humanos (SEGATA, 2016, p. 831).

Em meio às diversas possibilidades das pesquisas sobre as relações humanos-animais, o vocabulário do parentesco e suas articulações com as dinâmicas familiares, que serão o foco de análises deste trabalho, têm sido acionados por uma parcela de antropólogos pesquisadores para ser rediscutido a partir das formas de convivência e vínculos particularizados que se estabelecem entre seres humanos e animais.

## **2.1 Um reconhecimento familiar, seus limites e horizontes**

A noção de “família multiespécie” é um conceito de difícil rastreamento dos precursores, mas diversos trabalhos (VIEIRA; CARDIM, 2017; GAZZANA; SCHMIDT, 2015; GEISSLER; JUNIOR; DISCONZI, 2017) mencionam Ceres Berger Faraco, médica-veterinária e doutora em Psicologia, como uma das referências principais. Em colaboração dada pela autora ao jornal *Diário do Nordeste*, um jornal de grande circulação popular, chegamos à afirmação de que pensar em família, atualmente, nos traz a necessidade de considerar a interação humano-animal. Já que o critério do conceito de família baseado nos laços sanguíneos, formando o modelo tradicional de

pai, mãe e filhos vem gradativamente se dissolvendo. Agora, são os laços afetivos que unem pais, filhos e pets (FAMÍLIA, 2010).

Os estudos sobre família têm analisado sob diversos ângulos, em diferentes escalas, a complexidade de suas dinâmicas. A demografia histórica em diálogo com as ciências sociais tem ido muito além das variáveis demográficas ou dos critérios de coresidência nesse esforço teórico-metodológico interdisciplinar que tem sido empreendido. Ao sobressair o comportamento social dos atores históricos, oferece caminhos, possibilidades interpretativas diante das redes familiares constituídas a partir dos vínculos de consanguinidade, aliança, afinidade ou a partir de vinculações criadas por outra natureza, como de subordinação e/ou dependência (SCOTT, 2009).

Ainda seguindo Scott (2009), a contribuição cumulativa de trabalhos que se dedicam à historiografia da família demonstra uma extrema variação desses arranjos. A utilização do termo “famílias” no plural favorece a compreensão da heterogeneidade que é experienciada pela instituição familiar conforme o tempo, o espaço e de acordo com as distinções entre grupos sociais.

Assim, o conceito de família está constantemente sendo ampliado e, no espírito do reconhecimento da heterogeneidade das conformações familiares, assiste-se ao pertencimento de animais de outra espécie, tornando-se família multiespécie, em um “grupo familiar que reconhece ter como seus integrantes pessoas e animais de estimação em convivência respeitosa.” (FARACO, 2008, p. 37).

Ainda conforme Faraco (2008), a partir de sua pesquisa de campo:

Na clínica, vi muitas pessoas dizerem, espontânea e entusiasticamente, sobre seu sentimento de amor por seus animais de companhia, afirmando que se sentem próximos a eles e os consideram membros significativos da família. Estes fenômenos sociais, frequentes na contemporaneidade, têm sido um dos focos de investigações da Antrozoologia. Os resultados de pesquisas apontam inúmeros benefícios físicos e psicológicos para os humanos que compartilham suas vidas com os animais de companhia. (FARACO, 2008, p. 14).

Por mais que Faraco concentre sua atenção nos animais de estimação, mais especificamente entre humano-cão, cabem questionamentos sobre o entendimento de “convivência respeitosa”, já que, conforme Haraway (2003), “O relacionamento não é especialmente agradável; ele está cheio de resíduos, crueldade, indiferença, ignorância e perda, assim como de alegria, invenção, trabalho,

inteligência e recreação.” (p. 5), colocando sob suspeita certa visão muito romântica das relações multiespécie no âmbito familiar.

Para a compreensão desse conceito, sobre essa “espécie” de família, não se deve deixar de fora as reflexões sobre as categorias animais que Leach (1983) empreendeu em sua classificação de animais comestíveis e interditos, afinal, para ele, não nos alimentamos daqueles que consideramos estarem muito próximos a nós. Sahlins (2003) contribui para essa discussão, quando afirmou que “a comestibilidade está inversamente relacionada com a humanidade” (p. 175). Assim, cães, “os melhores amigos do homem” são, na atualidade, a cada dia mais, reconhecidos como “da família”.

Ximenes e Teixeira (2017) também conceituam essa nova entidade familiar como “aquela formada pelo casal e o animal de estimação, que é considerado como ente querido, na maioria dos casos como filho” (p. 78). Esta conceituação talvez derive do aumento de trabalhos acadêmicos que refletem sobre a guarda dos animais de estimação frente aos divórcios e separações, já que há uma enorme lacuna na legislação brasileira necessitando ser sanada.

Apesar da falta de uma legislação específica, esta instituição familiar vem impondo uma série de mudanças, por exemplo, ao nosso panorama jurídico, cobrando a garantia de respeito e proteção diante dos diferentes matizes familiares (SEGUIN; ARAÚJO; CORDEIRO NETO, 2016).

O status do animal, aquele que vive conosco em nossas casas, é carregado de metáforas, materialidades, ambiguidades e limites que se evidenciam em campo. A partir deste ponto, cumpre inserir algumas passagens dos interlocutores da pesquisa para refletirmos sobre essa composição do status animal familiar.

Me chamo Patrícia, tenho 36 anos, sou casada, não tenho filhos. Tenho duas pastoras, duas cadelas, que considero como filhas. Tenho muito amor, muito carinho, muito cuidado por elas. (Patrícia, 19 de agosto de 2020).

Eu tenho uma companheira e tenho os meus cachorrinhos, que eu cuido como filhos, pra mim eles representam filhos. [...] minha primeira cachorrinha foi minha ex-companheira que me deu de presente quando eu completei 30 anos. (Graça, 04 de agosto de 2020).

Tem uma vira-lata aqui em casa que dorme dentro de casa [risos] (Emerson, 27 de janeiro de 2021).

Eu consegui ver que nós não temos diferença alguma dos animais, quando eles sentem que vão ser atacados, eles atacam. Da mesma forma somos nós. Claro que não é da mesma forma de um cão, é de uma forma verbal, e

o cão é totalmente diferente. Acho que a grande diferença é a fidelidade, o cão é fiel a seu dono, o ser humano não. (Márcia. 13 de janeiro de 2021).

A partir dos discursos apresentados, fica evidente toda a transitoriedade das representações dos animais, aqui, especificamente os cães, assim como as fronteiras e demarcações que os domesticados nos possibilitam analisar nessa entidade familiar.

De acordo com Descola (2016), gatos e cachorros fazem parte da família, porém eles não têm os mesmos direitos que os membros humanos, não se beneficiam do seguro de saúde ou são responsáveis pelos seus atos. Resumindo, para alguns autores, existe uma diferença importante entre os humanos e não humanos: os humanos são sujeitos que possuem direitos por conta de sua condição de humanos, enquanto que os não humanos são objetos que não têm direitos em si. Porém, ao longo da pesquisa e do contato com as histórias aqui apresentadas, é necessário atualizar essa noção de diferença já que progressivamente temos repensado sobre os direitos dos nossos filhos caninos e que esses sujeitos nunca são vistos como algo, mas sempre como alguém.

Humanos, não humanos, quase-humanos, quase-objetos, objetos fronteiros, objetos transitórios, não podemos acusar a Antropologia de falta de criatividade para tentar descrever o que ocorre na trama da vida social, que acontece nos encontros possíveis e sempre singulares entre um humano e um ser “não humano” – Deuses, animais, objetos com os quais se formam a sociedade. Falar de não humanos, em nosso caso de animais, é, portanto, considerar sua própria palavra a dizer na relação, pois, as pesquisas que se multiplicam, evidenciam que a relação entre um humano e um não humano é tão complexa quanto entre humanos. “Porque na relação entre um humano e um não humano existem limites ontológicos, pelo que um e outro se definem essencialmente, que estão em jogo” (HOUDART, 2015, p. 18).

Enxergar esses limites é deparar-se com imagens como essa da Figura 3, a seguir, e questioná-la. É pensar sobre o dentro e o fora de casa, do estabelecimento. A raça, a rua, a coleira peitoral – que é um modelo de coleira que deve conferir mais conforto ao cão, já que escuto, entre os criadores de *golden retrievers*, em Fortaleza, que “puxar cães pelo pescoço é desumano”. Analisar os diversos lugares e suas associações simbólicas que aparecem em: ruas, quintais, quartos ou camas, em coleiras, desde coleiras ausentes, aos enforcadores, aos estranguladores ou às peitorais, talvez já nos confira um olhar mais sensível frente à complexa trama de

questões que atravessam essas relações tão familiares a nossa história. Talvez a própria localização corporal, o lugar do pescoço e seus desconfortos ou enforcamentos nos sejam tão familiares historicamente que continuemos repensando sobre o quão desumanos estamos sendo quando decidimos em tempos modernos? Continuar utilizando com nossos familiares, nossos “filhinhos”, artefatos culturais já tão antigos, expostos em museus, porém, utilizados e reatualizados, que parecem acionar criativamente lugares, categorias como “casa grande”, “senzala”, “humano” e/ou “animal”.

Figura 3 – Entrada de padaria em área nobre de Fortaleza – CE



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

Não se trata de resolver essas questões, mas de evidenciar que elas existem. Esse é um dos objetivos deste capítulo. Questionando e reposicionando similaridades e distinção entre eles e nós. Como pesquisador experimentei grandes desencantamentos, pois, antes, enxergava as relações entre humanos e cães sob uma ótica, digamos, romântica, de beleza poética. Ter contato com todas as assimetrias envolvidas me trouxe um sensível estranhamento necessário à investigação de campo.

Como venho argumentando, existem muitas ambiguidades envolvidas nessas relações e estas já foram fartamente documentadas na antropologia. Para Leach (1983 [1964]), a categoria dos animais de estimação é ambígua, estando na

interseção entre o humano e o animal, sendo ambos ao mesmo tempo. Havendo inclusive normas que restringem o consumo de sua carne, regras que permitem tomar o animal de estimação como aquele que não pode ser comido, que decorrem, segundo o autor, de uma sobreposição estrutural à posição de irmão – guardada pelo tabu do incesto. Sendo parte da família, o animal de estimação não pode ser “comida”, já que comer o animal de estimação, como extensão da humanidade, seria canibalismo. Isso fica claro quando localizamos o cão no mundo ocidental.

Esse fato evidencia os limites que atravessam essas relações. Conforme Belk (1996), a “tendência de ver animais de estimação como membros da família humana aparece de duas maneiras principais: por meio do antropomorfismo do animal e através da extensão de rituais familiares para incluir animais de estimação” (p. 131, tradução minha). O autor reafirma que existem limites sociais impostos e não são todos os proprietários de animais de estimação que os consideram como filhos e parentes. Havendo diversas formas de se relacionar.

Nesse processo de humanização, há diversas atitudes envolvidas, como dar um nome, ou, ainda segundo Belk (1996), conversar com os animais utilizando uma linguagem característica da interação com bebês humanos, infantilizando os animais de estimação. Assim, os animais são aptos a serem explicitamente vistos como filhos, netos ou até substitutos de filhos e netos humanos. Atravessam um processo de adestramento, de adaptação, adotando certas condutas da rotina doméstica, porém, por serem animais, não se espera a mesma conduta de humanos. Ao contrário de crianças humanas, cães nunca deixam de ser dependentes dos humanos, pois são para sempre bebês. Em muitos momentos, aponta ele, são usados como brinquedos, vestidos como bonecas, comprados, circulando como mercadorias como se fossem objetos inanimados.

Figura 4 – Loja de roupas em Shopping Iguatemi de Fortaleza – CE



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

Na verdade, as famílias são, e sempre foram, multiespécies, como demonstraram estudos arqueológicos que encontraram restos fossilizados de uma mulher abraçada a um filhote de cão há 12.000 anos, no Oriente Médio (DAVIS, [s.d.] *apud* PEREIRA *et al.*, 2007). Então, o “como se fosse” da família, essa expressão que parece remeter a um “parentesco metafórico” e que é utilizada por alguns dos interlocutores para qualificar esse vínculo familiar, à luz das evidências arqueológicas que mostram os vínculos milenares entre humanos e cães, se mostra muito material e nada metafórico.

É o que também nos demonstram as passagens abaixo, reflexões possíveis em torno das novas configurações familiares, ou melhor, dos modelos familiares que têm tido mais visibilidade na atualidade.

Trago o discurso de alguns dos interlocutores da pesquisa, que serão melhor apresentados ao decorrer do trabalho, quanto à questão “O que é família para você?”:

Hoje existem inúmeras configurações de família, né? Hoje, se mora você e seu bichinho de estimação ali já é uma família. Então, hoje tem muito disso, hoje tem a família nuclear, né? Que é o pai, a mãe e os filhos, mas tem as famílias homo, tem as famílias que se separam e constituem novas famílias. Famílias que se formam com agregados e tudo, né? Então, família hoje não é só uma questão de sangue, mas ela ocupa um lugar de afeto, de amor, de reciprocidade. O que eu acho é que hoje você pode escolher sua família, não necessariamente meu pai, minha mãe, mas eu posso definir, de acordo com

as relações que eu vou estabelecendo, a minha família. (Emerson, 27 de janeiro de 2021).

Família pra gente é algo extremamente central. É eu amar minha esposa, ela me amar, é a gente ser o centro do amor para nossos filhos. É a gente refletir a Deus as nossas ações, é buscar sempre perdoar, amar, é sempre buscar o melhor pelo outro e se dar em sacrifício de amor pelo outro. Se eu trabalho e se eu me cuido é em prol desse núcleo central da nossa vida, o núcleo mínimo. É o local que a gente tem nossa visão, nossa educação. Tudo isso ocorre do ser família.

É o lugar onde a gente é mais amado, né? Lá fora, para as empresas, nós somos um número, um CPF, mas dentro da família nós somos pessoas, onde a gente é mais amado e acolhido, nós somos insubstituíveis e não somos objetos para nossos familiares. É o espaço de sermos inteiros. (Arnaldo e Cíntia, 03 de fevereiro de 2021).

Família é aquela pessoa, aquele ser que a gente escolhe amar e cuidar. Às vezes, nem tem o sangue da gente, como é o caso dos animais ou dos amigos que a gente seleciona como família. Pra mim, o coração, o amor vão mais que o sangue. (Patrícia, 19 de agosto de 2020).

O que eu defino como minha família está envolta do meu lar e os componentes são eu, minha companheira e meus cachorrinhos, que eu cuido como filhos. (Graça, 04 de agosto de 2020).

O que aparece em campo é que família é um lugar envolvente e pessoal, que surge e acontece através de escolhas ou seleções afetivas e é mantido através do cuidar e das responsabilidades com esse ato. Lugar que envolve diversas categorias.

O caso das famílias gays e lésbicas, com emergência no final da década de 90, com o reconhecimento civil da conjugalidade homossexual, pode ser um exemplo a ser discutido aqui. Mirian Grossi (2003), ao explorar esse contexto, expõe casos como o da cantora Cássia Eller, em que Chicão, seu filho, tinha um pai “metafórico” e duas mães reais; e as subsequentes disputas judiciais para o reconhecimento de relações familiares legítimas. Em outro caso, expõe como o comerciante Sérgio, homossexual, assume o sustento de um garoto, filho de sua empregada, e utiliza a categoria de “filho de coração”. A família de Sérgio reconhece o menino como neto e sobrinho e coloca o companheiro do comerciante à parte no modelo familiar, num lugar de ambiguidade, de “como se fosse” da família.

O que os casos sobre parentesco e dinâmicas familiares expostos nessa seção têm a nos dizer? Grossi (2003) revela que a legitimação das relações reais acontece a partir de questionamentos sociais, da luta por direitos e reconhecimentos. Que elementos como gênero, raça, idade, consanguinidade, afeto e aqui incluo ainda espécie, cuidado e dependência são elementos cruciais para as interpretações.

A “aparição” ou o simples reconhecimento da existência de uma família com membros de espécie biologicamente diversa evoca implicações e estranhamentos. Sendo assim, é urgente o estímulo de discussões numa dimensão comparativa, que trate da grande diversidade, ou diríamos biodiversidade, das formas familiares que emergem na realidade social. É necessário encorajar as comparações que acelerem, que renovem as contínuas descobertas sobre o rico e multiforme universo familiar estimulando o profícuo diálogo interdisciplinar.

### 3 O CUIDADO COMO LINGUAGEM FAMILIAR DO PARENTESCO

A minha rotina mudou totalmente! Tipo, eu não tinha costume de me acordar às 05h da manhã. Eu passei a colocar isso na minha rotina para levar eles pra passear quando o sol está mais frio. Eles têm que fazer as necessidades deles. Na verdade, eu caminho com eles duas vezes, 05h da manhã e 05h da tarde.

Passei a colocar na minha rotina o momento de estar com eles, estar com eles na hora da comida, pois é incrível que eles só comem se estivermos perto interagindo. Se eu botar comida lá, por incrível que pareça, se eu botar comida lá e sair, eles podem até tocar, mas não comem. A questão do cuidado, né? Por exemplo, no banho, eu gasto meio dia pra banhá-los por serem grandes e peludos demais, tem que banhar bem, secar bem. Banho uma vez ao mês, porque eles são de uma raça que não fede muito.

Mudou também a preocupação. Antes eu dormia fora com mais tranquilidade, mas hoje não. Hoje já penso que eu tenho uma responsabilidade, por ter os afazeres com eles eu não posso mais simplesmente colocar minha mochila nas costas e sair, sabendo que eles têm uma rotina, são habituados àquela rotina, então, pra eles, quando isso não acontece, é estranho. Se eu tenho alguma viagem marcada, eu já deixo combinado com minha irmã, aí ela fica pra cuidar deles. Então teve todas essas mudanças em minha vida após a adoção.

Um amigo meu até falou assim: “ah, bichinho, agora você arrumou trabalho pra você, viu?” [risos]. Realmente, arranjei mesmo, porque todo dia limpo o espaço deles, os escovo, então tudo isso faz parte da minha rotina de hoje em dia. (Emerson, 27 de janeiro de 2021).

Emerson, homossexual, 39 anos, e atua como psicólogo. Atualmente, mora no município de Horizonte – CE com a irmã, o cunhado e com quatro cães, dos quais, dois golden retrievers, Aquiles e Bombom, atravessaram e ingressaram em sua vida quando os ganhou de um amigo que decidiu doá-los a ele, alegando falta de condições financeiras para mantê-los.

O discurso de Emerson, apresentado na longa passagem que abre este capítulo, traz um elemento importante para esta pesquisa, a noção de cuidado e elementos correlatos como referências à obrigação, ao dispêndio de certa quantidade de tempo e à dependência. Cuidar identifica responsabilidade com a integralidade das ações de saúde, carinho e aconchego. Desde então, os cães são de sua responsabilidade integral na tarefa do cuidar e seus cuidados. Minha questão para ele foi “o que mudou, na sua vida, antes e depois da adoção?”

Muitas análises podem ser extraídas a partir da fala de Emerson. O cuidar aparece como responsabilidade, como compromisso. A interação, o contato físico, o contato entre pele, pelo, saliva, ração, o cuidado com a limpeza das vasilhas e o recolhimento e acepção de fezes e urina demonstram um grande fluxo material que, nas palavras do interlocutor, fortalecem o vínculo.

A “adoção responsável” parece recusar uma economia da precificação em prol da valorização, ou seja, quando um amigo doa um cão ao invés de vendê-lo, essa pessoa obtém certo prestígio e é vista como uma pessoa mais “humana” e isso parece ter acionado no adotante seu compromisso com o cuidado.

Outra observação importante a ser feita é que “goldens”, por serem uma raça geneticamente modelada, socialmente privilegiada, vista comumente como “anjos dourados” conforme a comunidade @goldenretrieverfortaleza, aparecem como cães que necessitam de um cuidado diferenciado e especializado. Em contraste com os outros cães que vivem na casa de Emerson, que são SRD’s e não possuem tantos privilégios. O discurso de Emerson, ao lançar luz sobre os cuidados de uns, sombreia o cuidado com os outros. Assim, no trabalho, ficam nítidas as discrepâncias do cuidado. Afinal, quantos “vira-latas” vivem em vulnerabilidade nas ruas aos “cuidados” do Estado?

O cuidado tem conotações múltiplas. A tese de doutorado defendida recentemente por Engel (2020) trata das formas de nomear e de cuidar das demências, especialmente da doença de Alzheimer. Cíntia Engel empreende uma descrição de práticas de cuidado, que metodologicamente levam a autora por reflexões e debates de determinados conceitos, estratégias e políticas de cuidado. Engel expõe que, na literatura científica, o campo do cuidado é relativamente amplo, podendo ser reconhecido como “*care studies*”. Os *care studies* são um campo interdisciplinar, mas que têm maior incidência nas áreas de sociologia, antropologia, psicologia social, filosofia e ciência política. Em sua análise, as questões centrais discutidas na literatura especializada são: 1) a definição do que é cuidado; 2) o que é trabalho de cuidado e seus tipos; 3) as diferenças e aproximações entre cuidado feito em casa e trabalho de cuidado remunerado em mundos globalizados; 4) as emoções próprias do cuidado; 5) os tipos de regimes de provimento e economias do cuidado; 6) a divisão sexual, econômica, racial e internacional do provimento de cuidados; 7) as reflexões sobre o que ficou conhecida como “ética do *care*”; e 8) os laços de parentalidade a partir de práticas de cuidado cotidianas (ENGEL, 2020). Indicando, para cada uma dessas questões centrais expostas, os trabalhos científicos mais relevantes.

Ao tomarmos o cuidado como “algo intrínseco às sociedades humanas” (p. 25), um “fato social” (p. 30) que se articula com as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas, morais e econômicas, não podemos deixar de entendê-lo como

um fenômeno abrangente, que envolve diferentes instâncias da vida. A propósito das oito ênfases teóricas trazidas por Cíntia Engel (2020), é necessário indicar que a mirada pretendida neste trabalho enfatiza a oitava questão indicada pela autora, isto é, os laços de parentalidade a partir de práticas de cuidado cotidianas. Porém, buscando não esquecer as diversas dimensões do cuidado – e essa é uma tarefa desafiadora. Embora resgatar os significados do cuidado e indicar o foco das análises sejam tarefas necessárias, tentei trazer os significados do cuidado a partir do que estava sendo exposto, sinalizando inclusive as diversas contradições entre os significados do termo.

Outra contribuição importante nas elaborações sobre o cuidado, foi-me dada pelo contato com a obra *Matters of care: speculative ethics in more than human worlds*, da autora Puig de la Bellacasa (2017). Essa obra nos convida a refletir profundamente sobre o que é o cuidado. Bellacasa se pergunta: “É um carinho? Uma obrigação moral? Um trabalho? Um fardo? Uma alegria? Algo que aprendemos ou praticamos? Cuidado significa todas essas coisas e coisas diferentes para pessoas diferentes, em situações diferentes.” (BELLACASA, 2017, p. 1). Ao esclarecer sobre o caráter ambivalente do cuidado, as especulações do seu significado favorecem um refletir sobre o viver em mundos mais do que humanos, de envolvimento e agenciamentos entre humanos, não humanos, como coisas, objetos, outros animais, seres vivos, organismos, forças físicas e entidades espirituais que compartilham o mundo.

O texto nos convida para um distanciamento da noção “genérica” do cuidado como uma atividade da espécie humana. Não negligenciando todas as implicações éticas, sociais, políticas e culturais envolvidas. Compartilho da concepção de cuidado de Puig de la Bellacasa (2017), que o relaciona com três dimensões fundamentais: com a ação do trabalho concreto de manutenção, com as implicações éticas e afetivas e com uma política vital em mundos interdependentes.

Busco, neste trabalho, ampliar o foco das análises para além dos aspectos afetivos do cuidado, do amor que muitas vezes justifica o trabalho laboral de manutenção de um bem-estar exclusivamente animal, tido como dependente, pois parece incongruente, já que o cuidar apresenta-se em relações intrincadas de interdependência.

\*

Antes de retornar ao cuidado expositivo e inteligível deste trabalho, gostaria de me colocar como sujeito e pesquisador, de expor que antes de estudar com afinco sobre a noção de cuidado, tinha um ideal romântico e terno a seu respeito.

Proceder à escrita de uma dissertação de mestrado também é uma ação de cuidado que envolve diversas dimensões. Foi o afeto a meus cães que me mobilizou a cuidar desse tema, aliado à cobrança por cuidar do meu progresso acadêmico. Porém, senti na pele, no nervo facial esquerdo, especificamente, já que sofri uma paralisia em decorrência de estresse. Tal episódio revela o quanto as obrigações do cuidado podem incidir em tensões sobre nós.

Enquanto, limitadamente, achei que apenas eu cuidei desta dissertação, agora penso sobre como o cuidado que tive com este trabalho cuidou de mim. A bolsa estudantil que recebi, fruto de uma política de incentivo à ciência e à educação do governo do estado me garantiu cuidados não apenas para mim, mas para minhas crias, meus cães, meus filhos. Enquanto cuidava dessa etnografia, de algum modo contribui com os cuidados que docentes e discentes têm para com o programa de mestrado, mas também me senti cuidado pelo programa, pela instituição, pelo meu orientador e por tantos outros.

Foi o cuidado com este trabalho, que trata do cuidado, embasado em teorias científicas cuidadas por outros, que me possibilitou cuidar não apenas da nutrição, mas da busca pelo bem-estar de minha família. E agora, cada vez mais, fica evidente como quando eu me sentava no chão para alimentar minhas crias, nos alimentávamos de cuidados mútuos.

Foi entre afetos, tensões, ações, regulações e sujeições que emaranhadamente cuidei e fui cuidado por esta pesquisa. E ela, como objeto final, contribuirá como cuidados diversos.

\*

Neste trabalho, opto por tratar das tensões que ajudam a manter as análises próximas dos terrenos ambivalentes do cuidado e que “envolvem questões éticas e políticas, como indignação e condenações sobre sua ausência, ou sobre políticas de controle que regulam o que é considerado um cuidado legítimo” (BELLACASA, 2017, p. 6).

O cuidar, o cuidado, aparece marcadamente no campo desta pesquisa, se estabelecendo, na relação entre seres, em um intercâmbio constante em um fenômeno interativo, pois só acontece na relação, no encontro com o outro.

Conforme Waldow e Borges (2008), o cuidado acontece entre os protagonistas durante o encontro, que se concretiza de forma plena quando há um laço de confiança entre quem é cuidado e quem cuida. Nesses momentos, há a construção de um enlace que tem como seus constructos ideais a responsabilidade, a competência, o respeito e a sensibilidade.

O campo da pesquisa e as entrevistas (POLICARPO, 2020; HONORATO, 2019) fazem aparecer como, nas famílias com filhos, precisamente aquelas em que há animais domésticos, estes fazem parte de um imaginário parental a respeito do que é tornar-se humano aprendendo a cuidar de um outro: “os pais imaginam que tratar de um animal fará dos seus filhos cidadãos melhores, mais atentos às necessidades alheias, mais em sintonia com o mundo natural à sua volta” (POLICARPO, 2020). Para os adultos, a construção do laço se faz sobretudo como responsabilidade, através das tarefas do cuidar, para as crianças faz-se sobretudo como diversão, através do ato de brincar.

Poderíamos associar esse posicionamento familiar a um exercício de construção de indivíduos sociais, que vão se desenvolvendo no ensaio, na ação, na atuação de complementaridades entre aquele que é cuidado e seu cuidador, em um processo dinâmico, de intensidades que se cruzam, se transformam ao se afetarem, longe das dicotomias preestabelecidas entre sujeito e objeto.

Sobre isso, Dumont (1978), a partir de um estudo da sociedade indiana, expõe como a organização social, logo, o sistema de castas, pode ser compreendido no sentido de cumprir uma função social, geradora de uma organização social baseada na concepção de um homem coletivo, característico de sociedades que privilegiam esse tipo de configuração social. Enquanto isso, os países ocidentais têm a emergência de outros valores como a equidade, que seria a nossa capacidade de sermos iguais a partir de nossas diferenças: “Em suma, a igualdade só é boa quando combinada à liberdade e quando consiste de proporcionalidade, isto é, quando aplicada razoavelmente (talvez mais equidade do que igualdade)” (DUMONT, 1978, p. 60).

Desse modo, poderíamos nos perguntar se esse exercício, o cuidar dos animais, também cumpre uma função de organização social na medida em que exercita valores postos como humanos.

Pois o exercício do cuidado nos humaniza e o “cuidar também é um ato multiespécies: os animais cuidam dos seus humanos” (POLICARPO, 2020, [s.p.]). É preciso questionar as assimetrias e, como diria Wagner (2010), o exercício antropológico deveria acordar do “sono dogmático” remanescente da modernidade e da colonialidade que põe os outros, nesse caso os não humanos – aqui até poderíamos questionar até que ponto não o são –, em um lugar de seres sem cultura, dada sua inconsciência disso, passível de objetificação por parte do pesquisador a partir do momento em que ele assume estudar o outro a partir de sua própria cultura, dos significados que consegue lhe atribuir deste seu universo.

“Quão interligadas estão as vidas de humanos e de outros animais?” (POLICARPO, 2020) é o que nos convida a pensar a matéria jornalística de Verônica Policarpo, intitulada: “Famílias multiespécies e a reinvenção da vida frágil”, publicada pelo jornal *Público*, em 04 de outubro de 2020. É interessante a incorporação do conceito de “família multiespécie” em matérias jornalísticas, pois isso, por si, já aponta para esse alargamento da noção de família.

É o que vemos na matéria. A jornalista nos faz adentrar em uma leitura sensível que nos afeta profundamente, interrogando-nos sobre como, no dia a dia, humanos e outros animais negociam os termos e limites da sua relação familiar. Explorando as práticas entre humanos e não humanos e os modos como a vida se entrelaça com práticas, ambientes e implicações do ato de cuidar de um animal de companhia que agora se populariza como membro familiar.

Outros encontros ocorridos durante a pesquisa de campo também sugerem elaborações sobre o cuidado:

Olha, eu acredito que família é com quem nós compartilhamos nossa intimidade, é com quem nos identificamos, é com quem nós podemos contar. Eu acredito que nem sempre a nossa família sanguínea é exatamente a nossa família, assim, da gente se sentir mesmo da família, sabe? Nossa família sanguínea é pré-determinada, mas, em algum momento na nossa vida, formamos outra família, e é nela, na intimidade, que nos sentimos cuidados e retribuimos esse cuidado cuidando de quem a gente ama. (Graça, 04 de agosto de 2020).

Graça, homossexual, 49 anos, atualmente se mantém da renda proveniente de aluguéis e é sócia de sua companheira que têm um *food truck* de

massas no bairro Cidade 2000, em Fortaleza – CE. Atualmente, Graça mora com sua atual companheira e mantém guarda compartilhada dos seus quatro “filhos de quatro patas” – Alemão, Mel, Batutinha (golden retrievers) e Neném (beagle) – com sua ex-companheira numa área privilegiada no município do Eusébio – CE. O local, que vem se consolidando pelo seu desenvolvimento social e econômico, atrai diversos empreendimentos e uma significativa parcela da elite cearense que busca proximidade da capital e uma vida mais tranquila. O município é considerado pela prefeitura como um “o novo oásis social e econômico do Ceará”<sup>5</sup>.

Novas realidades familiares afetivas impelem sua proteção por meio do ordenamento jurídico. A família sanguínea da ordem do dado, difere da família multiespécie da ordem do construído. Ou seja, uma família multiespécie é aquela composta por humanos e seus animais de estimação, quando considerados membros ou, até mesmo, “filhos”.

Graça relata que os cães surgiram em sua vida a partir do momento em que sua ex-companheira a presenteou – ou as presenteou, no tempo em que viviam uma crise no relacionamento – com a sua primeira cadela-filhota, hoje falecida. Fala contente enquanto recorda como era sua primeira filha, uma cadela beagle bicolor de excelente porte e linhagem. É perceptível como, nessa microbiografia familiar, o presente da adoção dos cães encontrou criativamente modos de engendrar aspectos como aliança, linhagem sanguínea e compromisso com o cuidado para o fortalecimento e a manutenção de uma relação familiar que, de acordo com a interlocutora, estava “morrendo”.

Os discursos de alguns interlocutores, como Graça e Emerson, também informam sobre questões raciais. Os interlocutores dizem que certas raças de cães exigem mais cuidado e o quão belos são seus “espécimes de filhos” e sobre como essa pureza racial demonstra uma pureza de “caráter” dos cães, pois, é esperado pelos interlocutores que cada raça tenha padrões comportamentais desejados e geneticamente modelados por gerações. Segundo Emerson, “Goldens são uma raça mais amável e carinhosa e eles também não precisam tomar tantos banhos porque não emitem tanto mal cheiro” (Emerson, 27 de janeiro de 2021). Trechos como esse demonstram a existência de atualizações do racismo e suas relações com os discursos corporais e na valorização de tipos de corpos, que incidem em uma espécie

---

<sup>5</sup> Matéria publicada no portal do município de Eusébio: “Eusébio: o novo oásis social e econômico do Ceará”. Disponível em: <http://eusebio.ce.gov.br/prefeitura/>. Acesso em: 02 set. 2021.

amplamente “racializada”, ordenada por outra espécie, nesse caso, a nossa. O “porte”, a harmonia estética do cão, de golden retrievers, que diferentemente dos SRD’s, “vira-latas”, sujos, não fedem, parece ser reflexo de um movimento de construir o “outro” a partir de demarcações que criam fronteiras. Afinal, expressões como “complexo de vira-lata” ou “cão sem dono”, além de expressarem desvalorização-supervalorização, também aparecem intimamente ligadas a relações de parentesco e questões familiares envoltas pelas implicações do cuidado ou da ausência dele.

As questões raciais são estruturadas a partir da construção de conceitos formados pelas nossas sociedades. Em nossas subjetividades, em nossos preconceitos, em nossas relações, somos impregnados de uma construção histórica equivocada, que mantém a população negra em posição de subalternidade.

Como explica o filósofo Silvio Almeida, autor de *O que é racismo estrutural* (2018), longe de ser uma anomalia, o racismo é fincado em um empreendimento sócio-histórico que promoveu a construção de hierarquias raciais que estruturam a sociedade brasileira e que, independente de aceitarmos ou não, o racismo se constitui nas relações como um padrão de normalidade. Esse equívoco de narrativa resulta na desvalorização da cultura, do intelecto e da história da população negra. Mina suas potencialidades e, principalmente, aumenta o abismo criado por desigualdades sociais, políticas e econômicas. No cotidiano da sociedade brasileira, estão normalizadas frases e atitudes de cunho racista e preconceituoso. São piadas que associam negros e indígenas a situações vexatórias, degradantes ou criminosas. Ou atitudes baseadas em preconceitos, como desconfiar da índole de alguém pela cor de sua pele.

Assim, os efeitos do racismo na sociedade brasileira devem ser associados a um fenômeno essencialmente transversal. Entender que ele forma uma teia de violências que afeta diversos sujeitos, enquadrando-os e ligando-os a mecanismos negativos vinculados a tudo que é negativo, inferior e desvalorizado. Assim, quando um negro é chamado de macaco, ou quando um golden retriever é supervalorizado pelo aspecto racial, percebemos como o racismo e o especismo se relacionam e se retroalimentam nas relações de cuidado que são estabelecidas cotidianamente nas dinâmicas familiares. O parentesco, ou os modos como ele acontece, como faz vidas se entrelaçarem, se estruturarem ou se organizarem, parece acompanhar o interesse da Antropologia pelo estudo da diferença. Woortmann (1977) afirma, inclusive, que, como campo de investigação distinto das ciências sociais, a antropologia foi

construída sobre os alicerces dos estudos de parentesco. E diversas foram e são as tentativas de compreendê-lo, captá-lo ou seria capturá-lo? Qual a sua natureza? Ele existe apenas como uma categoria ocidental? O cuidado que acontece entre homens e cães pode conferir um parentesco reconhecido socialmente?

Desde Lewis H. Morgan, em 1871, em sua obra *Sistemas de consanguinidade e de afinidade na família humana* (1997), que cunha terminologias como “descritivo” e “classificatório” e que, segundo Almeida (2010), pode ser reconhecido como o criador do objeto “sistema de parentesco”, assim como de um método para estudá-lo, no decorrer da história da antropologia temos tido disputas persistentes nos estudos de parentesco. Sendo, talvez, a disputa mais clássica dentro desses estudos aquela entre os defensores da teoria da descendência – que reflete os aspectos sociais das regras de transmissão de direitos de uma geração para outra, entre pais e filhos – e os da teoria da aliança – que asseveram o casamento como um princípio de organização social, uma forma de estabelecer aliança entre os grupos. Segundo Montani (2012), entre os autores que pertencem ao primeiro grupo, estariam pesquisadores como Radcliffe-Brown e Goody; e ao segundo, antropólogos como Lévi-Strauss, Dumont ou Needham.

Para além do seu entrelaçamento com a própria história da antropologia, os estudos de parentesco se reatualizam em pesquisas contemporâneas. Quanto à pertinência da teoria clássica do parentesco no contexto das sociedades ditas complexas, urbano-industriais, marcadas por postulados de um individualismo moderno, pela mobilidade dos grupos e pela dispersão espacial dos grupos familiares, a antropóloga Martini Segalen, em entrevista realizada por Rocha *et al.* (2001), quando questionada sobre “Qual é a Antropologia do parentesco e da família no século XXI?” (p. 280), expõe que no trabalho *O espírito de família*, ela e duas colegas tentaram mostrar que:

Mesmo nas sociedades moderno-contemporâneas, cuja característica é a presença de classes sociais, de um Estado que intervém, e onde a categoria de indivíduo e o “eu” são os valores predominantes, não há impedimentos para que o parentesco, as gerações e a transmissão continuem recursos analíticos fundamentais, mesmo que, sem dúvida, trate-se, no caso, da transmissão do patrimônio, etc. (ROCHA *et al.*, 2001, p. 281).

No contexto desta pesquisa, poderíamos refinar o nosso olhar analítico sobre a transmissão de cuidados, repassados entre as gerações, como eles vão se tornando patrimônio nas relações familiares. Se compreendermos patrimônio como o

conjunto dos bens, direitos e obrigações herdadas, podemos avançar nesse entendimento, já que parece consenso entre os interlocutores que “O cão não liga pro seu dinheiro, pro que você tem. O que importa é seu carinho, como você cuida dele” (Fátima, 13 de janeiro de 2021).

Natacha Simeí Leal (2014) também explora essas transmissões entre o cuidado, o trato e o patrimônio por meio de uma articulação entre parentesco, biotecnologia e políticas de estado. A autora desenvolve uma tese entre homens e bois Zebus, que só é possível devido ao enorme construto desenvolvido, que segue uma trajetória empreendida em busca de uma linguagem semântica ética para interpretar, descrever e comparar dinâmicas de parentesco. A autora também explora o intercâmbio de cuidado que acontece entre as espécies pesquisadas, expondo como esse cuidado e o aprimoramento genético dos zebus, sua respectiva melhoria racial, que acontece por meio da seleção da genealogia familiar e dos pedigrees, gera patrimônio familiar.

Fica clara a economia existente entre raça, cuidado, patrimônio e família. Por mais altruísta que pareça ser, “cuidar de um cão” exige uma prudência analítica, pois, cuidar de um golden retriever de pedigree com descendentes campeões de exposições envolve diversos patrimônios valorativos. Materiais, como a própria certidão que autentica o “puro sangue” e é muitas vezes emoldurada em uma parede de destaque, até os simbólicos, que parecem impregnar a família transespecífica com um diferencial de sobreposição social, por ter um membro tão diferenciado por sua excelente padronização racial. Assim, há uma espécie de diferenciação social das famílias, a partir da excelência da padronização racial dos seus membros caninos. Não devendo esquecer que muitos tutores também pensam nas possibilidades lucrativas com a venda das ninhadas.

Inúmeras campanhas governamentais têm incentivado que se cuide de um cão sem raça definida, dito “de rua”, “vira-latas” – ou ainda, como têm sido comumente nomeados, conforme um colega que cursa medicina veterinária em Fortaleza, “boca preta do sertão”, pelo fato desses cães também estarem se padronizando, se adaptando naturalmente e adquirindo características para a sobrevivência como pelagem amarelada para camuflagem na caatinga e corpos mais esguios. Os nomes utilizados para designar esses cães parecem revelar um estado de anarquia, sobre como esses cães afetam o patrimônio e os espaços públicos e privados exigindo controle. Assim, famílias que adotam e cuidam desses cães parecem se sobrepor

através de discursos que buscam mais ordem e menos distinção entre os que têm raça e os que sequer têm uma família humanizada.

O conjunto de manifestações daquilo que, na realidade, nomeamos como família e parentesco nos remete a uma série de análises. Cada abordagem, passa por um recorte arbitrário por parte do pesquisador que carrega consigo sua bagagem cultural, intelectual, sensorial e subjetiva, fazendo com que se privilegiem um ou mais aspectos selecionados, criando um objeto teórico que necessariamente procede a uma redução de sua complexidade. Isso me faz lembrar da parábola “Os Cegos e o Elefante”. A história conta como um grupo de homens cegos, que nunca estiveram na presença de um elefante aprendem a conceitualizar o que o elefante é tocando-o. Cada homem cego sente uma parte diferente do corpo do elefante, mas apenas uma parte.

Assim como na parábola, para explorar essas relações, precisamos inevitavelmente explorar, contextualizar, dependência e cuidado, pois elas aparecem constantemente nos discursos e isso já é proceder a um recorte. Precisamos ouvir com sensibilidade para começar a nos questionar sobre o que é depender e como dependemos uns dos outros.

Eles são meus filhos mais novos. Crianças que nunca crescem, que vão sempre depender da gente e estão sempre ao nosso lado. É que um contribui para a evolução do outro. Hoje, sou uma pessoa melhor porque quero cuidar bem de meus filhos humanos e animais. Mas claro que tem as diferenças. Eles não mentem pra gente e a gente não precisa mentir pra eles. Eles também não escondem seus sentimentos, enquanto nós, muitas vezes, escondemos nossos sentimentos para nos proteger. Eles têm a pureza das crianças, mas não crescem e, no meio urbano, estão sempre precisando de um adulto pra ter uma vida digna. (Fátima, 20 de março de 2021).

Há uma noção de que nascemos dependentes e, ao longo desta pesquisa, acompanhando vidas relacionadas, afirmo ser ilusório achar que há algum momento na vida em que deixamos de o ser. Depender parece significar, para uma porção do senso comum, se submeter, pois quem depende é frágil e impotente, necessitando do outro, do polo potente. Necessitamos de cuidados para garantir nossa sobrevivência. Necessitamos daquilo que Moreno (1993) denominou de ego-auxiliar. Para ele, a mãe é o ego-auxiliar do bebê, sendo ela quem geralmente alimenta e cuida. Ainda sobre o cuidado, que ocorre ao longo da vida, Rosa Cukier afirma que,

Na infância, imersos em nossa impotência humana e indiscriminados, dependentes das pessoas que cuidam de nós e da forma como o fazem; na vida adulta, plenos de poder, repetimos como nosso corpo, nossas vidas e com as pessoas que dependem de nós, os padrões relacionais aprendidos no passado e, no final de nossas vidas, dependemos de nossos filhos, amigos e/ou profissionais de saúde para nos ampararem na doença e na velhice. (CUKIER, 2017, p. 111).

Parece que a dependência é enfatizada e mais emblemática na infância, na velhice ou nas doenças que incapacitam, porém, para discutir dependência e as necessidades do cuidado precisamos ampliar esse olhar. Aquilo que o discurso científico e político convencionou pensar como sendo o “bom cuidado” envolve muitas normatividades e isso, segundo Engel (2020), representa uma dificuldade, pois define personagens e moralidades específicas. Isso reforça algumas definições e posições.

Uma delas é de que uma dependência óbvia é aquilo que majoritariamente marca quem recebe cuidados. E, ainda, que a noção de dependência pode mais ou menos resumir os desafios do cuidado. Parece-me que as relações de cuidado não são facilmente explicadas pela dependência sempre reconhecível que gera uma necessidade mais ou menos genérica. Esse modo de pensar, ou personaliza muito os dilemas do cuidado procurando por um conjunto de emoções que o definiria, ou relações de interdependência e troca ideais; ou os toma como um problema amplo demais, como a organização econômica das relações de cuidado. [...] A relacionalidade e o ordenamento da relacionalidade é parte de todos os processos de cuidado. Observar o que essa relacionalidade ordena, quais elementos associa e porque o faz é o que nos leva a debater as normatividades e fluxos dessas relações e suas diferenças. (ENGEL, 2020, p 26-28).

Assim, neste trabalho utilizo o termo relacionalidades para romper com a noção polarizada de cuidado, termo que traduz semanticamente o que Janet Carsten (2000) define como *relatedness* e o que Engel (2020) compreende nos processos de cuidado.

As reflexões antropológicas sobre as configurações de família e dinâmicas de parentesco não devem ser pensadas sem as necessárias implicações com as noções de cuidado. Devemos alargar o entendimento de cuidado, despolarizando relações em diversas dimensões. Para exemplificar e evidenciar como são implícitas as articulações entre as relações de cuidado e consanguinidade, por exemplo, podemos focar atenção sobre os casos em que a dúvida da paternidade impõe a questão da responsabilidade sobre o cuidado dos filhos. Sobre isso, Finamori (2015), ao partir de uma pesquisa ampla sobre as mudanças nas leis e nas técnicas sobre a paternidade ao longo do século XX, expõe que o trânsito entre afetos e economias tem sido repensado a partir do cuidado trazendo à tona as obrigações mútuas.

Demonstrando que a noção de cuidado, além de aparecer intimamente associada ao feminino, também está ligada às gerações. Seria obrigação dos mais velhos cuidar dos mais novos, assim como dos mais novos cuidar dos mais velhos numa economia recíproca. Ao recuperar a noção da interlocutora Graça, que informa que, em algum momento na trajetória das nossas vidas, saímos da predeterminação sanguínea e criamos uma família a partir de laços afetivos que se consolidam nos cuidados, podemos supor que o cuidado é uma linguagem capaz de informar e afirmar o parentesco.

Assim como acontecia com minha avó, que era alimentada, higienizada, medicada, cuidada pelas suas filhas, que diziam o quanto ela era passiva quando desempenhavam seu papel de cuidadoras, os discursos com cães domésticos também revelam algo similar. Contudo, nas relações, por mais que haja a consciência da troca de afetos, muitas vezes o cuidado que o cão proporciona ao humano é invisível.

O que fica claro é que essa interação gera benefícios mútuos. Essas relações intermedeiam práticas como atividades físicas e brincadeiras enérgicas que parecem alimentar vidas que se complementariam no cuidado. Logo, parece ilusório achar que apenas nós desempenhamos papéis ativos de cuidadores. Como expõe Policarpo (2020), nós e eles vamos nos coconstruindo, definindo-nos mutuamente na produção de uma vida e mundo comuns. Afinal, cuidar também é uma ação multiespécies, pois os animais cuidam dos seus humanos. Afinal, como expõe Haraway,

Não pode existir apenas uma espécie de companhia; tem de haver pelo menos duas para fazer uma. Isto está na sintaxe; isto está na carne. Cães são sobre a estória inescapável e contraditória de relacionamentos – relacionamentos co-constitutivos em que nenhum dos parceiros pré-existem à relação e ela nunca é feita de uma vez por todas. (HARAWAY, 2003, p. 5).

O projeto socionômico, inaugurado por Jacob Levy Moreno, compreende os humanos – aqui podemos, de modo mais abrangente, dizer os seres – em uma rede, em inter-relação, em papéis, em ação complementar, que, em concordância com a noção de relacionamentos coconstitutivos acionados por Haraway, tecem uma espécie de parentesco interespecífico a partir do desenvolvimento complementar do cuidado.

Aos cães é conferido o reconhecido lugar de companheiro no acompanhamento das tristezas severas ou noutras condições de fragilidade por doença física ou mental, até na recuperação no luto por perda de alguém significativo. Os cães aparecem marcadamente em um lugar destacado, por serem vistos como particularmente empáticos, alegres crianças e filhos fiéis.

O cuidado que aparece entre homens e cães, a cada dia parece modificar o status de parentesco interespecífico. Osório (2016), ao empreender uma pesquisa com pessoas, na maioria mulheres, que se reconheciam como “mães de gato” e refletir sobre o parentesco entre humanos e animais de estimação, conclui que cães são mais propensos a serem humanizados e tornados parentes do que gatos. Enquanto os gatos são mais considerados como animais, companheiros e amigos, há uma maior proporção de cães que são considerados membros da família, necessitando atualizar o jargão “o cão é o melhor amigo do homem”, pois, aparentemente “o melhor amigo do homem é o gato, e seu novo parente é o cão” (OSÓRIO, 2016, p. 64).

Os seres humanos, a partir do momento em que buscam travar relações, se deparam com situações em que o cuidado é “imprescindível, tanto como uma forma de viver como de se relacionar” (WALDOW, 2006, p. 89) e isso se torna essencial para compreender o papel complementar que cada indivíduo desenvolve nas tecituras sociais de cada cultura.

### **3.1 Cuidados nas ruas e nas redes sociais**

Seguindo as trilhas do cuidado, volto-me a uma imagem icônica, uma escultura quase emoldurada, representativa dessas incursões feitas nesta seção sobre o tema da família, do parentesco, das obrigações no cuidado e dos desempenhos complementares. Trata-se do caso de uma cachorrinha artista que desempenha o papel de estátua viva em uma praça no centro de Fortaleza.

Tive a oportunidade ser espectador do trabalho dessa dupla de artistas de rua em 2019, quando caminhava pelo centro da cidade. Voltei a acompanhá-los, agora no metrado, por meio de sua rede social (*Instagram*). Diversas matérias jornalísticas já noticiaram o trabalho do imigrante venezuelano e de sua companheira de trabalho e de vida.

Figura 5 – Estátua viva na praça do Ferreira, centro de Fortaleza – CE



Fonte: Instagram público @cachorrinhaartistaofficial, 2021.

De acordo com Ludimila Honorato, do jornal *Estadão*, “o imigrante venezuelano Jorge Luís Ruiz, que já fazia esse trabalho em seu país de origem, passou a trabalhar com a cachorrinha artista depois que chegou ao Brasil.” (HONORATO, 2019, [s.p.]).

Ruiz relata que, desde que chegou ao Brasil, ouve comentários negativos. Revela que, no primeiro dia em Fortaleza, quando foi fazer seu trabalho, uma mulher que se identificou como representante da defesa animal, quis levar a cachorrinha embora e proferiu frases xenófobas. Com o apoio da população e da polícia, ele permaneceu com a cadela. Para fazer com que o animal fique paradinho junto com ele e se mexa apenas quando alguém se aproxima ou faz uma doação financeira, dá um prêmio de recompensa para ela. “Ela sabe que ficando comigo tranquila vai ganhar todo o prêmio.” (HONORATO, 2019, [s.p.]).

A dupla foi alvo de uma série de elogios, suspeitas e críticas que afirmavam que a cachorrinha estava sofrendo maus-tratos ou sendo dopada para fazer esse tipo de trabalho. Por exemplo, Hana Khalil, influenciadora digital que participou do *reality Big Brother Brasil 19*, vegana e autodeclarada feminista, foi quem se destacou no *twitter* ao gerar polêmica com a hipótese:

Sempre que vocês virem um animal fazendo algo surreal e performático, saiba [sic] que existe 100% de chance dele ter sofrido maus-tratos e abusos psicológicos, passado fome ou sido dopado. Animais não são atores ou objetos de entretenimento. [escreveu ela ao compartilhar o vídeo do artista] (Hana Khalil, 27 de janeiro de 2021).

A opinião causou reações diversas. Alguns comentários de seguidores, de acordo com a matéria da RD1, divergiram, centrando-se nos mais diversos personagens da história (Ruiz, cachorrinha, Khalil). Alguns comentários ressaltavam que a nobreza de caráter, a integridade moral, a honradez e a dignidade de Ruiz poderiam ser manchadas pelo julgamento da *influenciadora*:

Pode prejudicar o trabalho honesto do cara com uma acusação dessa. Já ouviu falar em adestramento, gênio? [escreveu um internauta na publicação] (Portal Terra, RD1, 2019).

Ruiz inclusive expõe na matéria jornalística que ouve nas ruas ou recebe por mensagens diversas “palavras ruins”, afirmando ter escolhido não prestar muita atenção a elas:

Tudo o que a gente faz é com amor. Sei que tem muitas pessoas ruins, com mau energia, falando coisa ruim, mas peço para essas pessoas que olhem nosso Instagram e olhem como minha cachorrinha está sendo bem cuidada. Tenho ela, uma gatinha, outra cachorrinha e tudo o que a gente faz com ela é com muito amor. Não pensem algum coisa ruim de nós. (HONORATO, 2019, [s.p.]).

É importante sinalizar que estamos imersos em uma cultura marcada por muitas transformações em relação a alguns animais, como, por exemplo, ao status de animal de estimação, em que cada vez mais cães têm aparecido como sujeitos de afeto, integrados à família que os adota, com acalorados debates em defesa dos animais (OLIVEIRA; SOUZA; CARLETTTO, 2016).

O debate em torno da cachorrinha artista coloca em questão o tema do cuidado, da exploração animal e de sua objetificação. No intuito de ultrapassar a evidenciação da questão de que o cão não é mais um objeto, que cumpre sua função utilitarista na nossa sociedade atualmente, o que se procura hoje é dar aos animais não humanos o seu papel de ator, sujeito na relação com os animais humanos em sua vida na sociedade e em suas culturas, dando destaque à interdependência que temos entre nós humanos e eles (SORDI, 2011). Durante a pesquisa de campo, pude constatar como os cães intermedeiam relações através de suas atuações em muitos contextos. Assim, nós e eles somos seres que nos complementarizamos nas relações.

Mediando nossas necessidades de cuidar e sermos cuidados em muitas dimensões: afetivas, orgânicas e econômicas.

É interessante perceber como a presença da cachorrinha artista potencializou a comunicação, inclusive de personalidades influentes nas redes sociais. Muito raramente uma estátua viva que se apresenta como artista de rua seria tão comentada. A presença do cão parece potencializar não apenas o contato e o interesse das pessoas pela performance da dupla de artistas, mas potencializa inclusive a lucratividade do negócio para ele.

Ruiz também tem se destacado entre as estátuas-vivas devido à presença de sua companheira. Com a pandemia do Coronavírus, o caixote de madeira em que eles sobem transforma-se em um palco para apontamentos, julgamentos e encantamentos. A rua, a exploração, a arte, a tentativa de ambos em cuidarem-se tornam-nos em objeto, estátua, uma composição escultural e concreta que concretiza uma relação, que emoldura seres que se complementariam em um trabalho cênico em prol da vida, da manutenção das suas necessidades e das obrigações do cuidado. Trata-se de uma economia de símbolos, afetos, olhares e moedas ao chão, que antes acontecia diariamente na praça do Ferreira e continua acontecendo em um palco digital com moedas jogadas através de PIX<sup>6</sup>.

De todo modo, questões, concordâncias e controvérsias que habitam o imaginário cultural sobre o bom cuidado a partir dos posicionamentos publicizados nas redes sociais continuam a friccionar ideologias e as apropriações da mídia continuam aquecendo economicamente o mercado e a troca de informações, mercadorias e valores. Assim, o acompanhamento dos perfis sociais do Instagram @goldenretrieverfortaleza e @adoteumamorpet demonstram aspectos relevantes, questões morais e controvérsias que permeiam o cuidado.

O perfil @goldenretrieverfortaleza é um perfil que, em 23 de janeiro de 2022, contava com 9.497 seguidores. Trata-se de uma comunidade que, em muitos momentos, se autointitula de família, de criadores e de admiradores da raça Golden retriever, cujos participantes são principalmente da cidade de Fortaleza e região metropolitana, embora também existam seguidores de outras regiões do país.

Entre os seguidores, uma estimativa de 1/4 são homens, 12/25 são mulheres, 4/25 são de perfis de cães de raça, na maioria de golden retrievers, que

---

<sup>6</sup> Pagamento instantâneo brasileiro. O meio de pagamento criado pelo Banco Central (BC) em que os recursos são transferidos entre contas em poucos segundos, a qualquer hora ou dia.

seus pais-tutores criaram, 3/50 são de perfis comerciais ligados ao universo pet, 3/100 são de perfis comerciais ligados a humanos sem ligação direta com o universo pet, 3/100 de casal e 3/100 de perfil de uma mãe-tutora e seus cães (nome semelhante a @julia\_3goldens\_1beagle).

O perfil @goldenretrieverfortaleza é administrado por quatro mulheres e amigas, mães de goldens. São postadas fotos dos membros caninos com acessórios, fotos e vídeos dos encontros que acontecem entre a comunidade em datas como o dia das crianças, natal e outras datas festivas, que tradicionalmente acontecem em espaços cedidos por empresas parceiras da comunidade. Há uma grande publicidade dos produtos e serviços oferecidos pelas empresas que patrocinam os eventos e oferecem brindes para sorteios. O perfil também promove campanhas para arrecadar dinheiro para cães que precisam de auxílio médico, geralmente para cães de raça, mas também, para SRD's.

Existem basicamente três formas de participar da comunidade: a primeira é simplesmente seguindo a página do Instagram e acompanhando os conteúdos e divulgações. A segunda é seguindo o *Instagram*, sendo tutor de um golden retriever e pedindo para participar do grupo de *WhatsApp* em que outros criadores estão e compartilham experiências e informações sobre os eventos promovidos pela comunidade. Uma das administradoras do grupo explica que os grupos estão lotados e que apenas quando sai alguém abre vaga para que novos criadores entrem. A terceira forma de participar, e a mais estimulada pela administradora, é se afiliando ao que ela nomeia de GRF clube. Nessa modalidade, você paga uma inscrição e uma mensalidade no valor de R\$ 50,00 e tem direito a uma carteirinha digital com descontos exclusivos oferecidos aos associados pelas empresas, em sua grande maioria voltado ao universo pet, como petshops, clínicas veterinárias, profissionais de adestramento ou de banho e tosa e até uma empresa chamada Anjo Eterno Pet, um crematório de Animais.

Os associados ainda ganham brindes exclusivos e têm o direito de ter seus cães postados no *feed*, que é a página do perfil principal do *Instagram* onde as fotos e vídeos que você publica aparecem para os seguidores e para aqueles que estão seguindo qualquer uma das *hashtags* que você usa em sua postagem.

O perfil ainda se propõe a educar as pessoas sobre como “cuidar corretamente dos seus cães”. Em uma roda de conversa promovida em 07 de agosto de 2021, o grupo oferecia informações sobre criação, alimentação, comportamento,

cuidados, responsabilidades e tudo mais o que é necessário para “a vida com um dourado, não virar um pesadelo”.

Quanto ao segundo perfil acompanhado, o @adoteumamorpet, este tem 40.100 seguidores, é administrado por uma mulher e por uma rede de amigas, em sua grande maioria, e amigos. Destina-se a resgatar, reabilitar e posteriormente colocar para adoção responsável cães e gatos principalmente, mas também outros animais como cavalos ou jumentos que estão em estado de vulnerabilidade na cidade de Fortaleza e região metropolitana.

Entre os seguidores, uma estimativa de 69/100 são mulheres, 1/4 são homens, 3/100 são perfis de animais domésticos SRD's feitos pelos seus pais-tutores, 2/100 são perfis de ONG's ligadas à proteção dos direitos animais e 2/100 perfis de empresas de produtos e serviços não ligados ao universo pet.

De modo geral, quando algum seguidor que conhece o trabalho da dona do perfil sabe de algum caso de animal vulnerável e em condições de abandono, informa e solicita resgate, então a mesma vai até o animal e faz fotos e vídeos sobre a situação, expondo o que acontece e solicita apoio, ajuda e as pessoas podem ajudar das seguintes formas, através de doação através de transferência bancária; enviando medicamentos, ração, brinquedos, caminhas; se oferecendo como lar temporário, abrigando e cuidando do animal até ele ser adotado; praticando a adoção responsável e divulgando os pedidos de ajuda feitos no perfil para que cheguem a mais pessoas.

Sobre a adoção responsável, o perfil indica um *link* para um formulário com 79 questões que os interessados em adotar devem preencher. As questões visam a levantar o perfil do adotante, do cão adotado, da família de que o cão passará a fazer parte e do ambiente em que o cão viverá.

Além de um detalhado questionário que solicita RG, CPF, escolaridade, estado civil e profissão de quem pretende adotar, também solicita que você descreva, através das perguntas as características do animal desejado, se é cão ou gato, a preferência pelo sexo, a idade, a cor, a pelagem. Algumas das questões são: 1) Como seria o cão ou o gato ideal para você?; 2) Caso seja casado(a) ou more com o companheiro(a), todos estão totalmente a favor da adoção? Caso vocês se separem, com quem ficará o animal? A pessoa terá condições de mantê-lo sem a ajuda do antigo companheiro(a)?; 12) Caso a adoção seja concedida, pediremos fotos do local em que o animal viverá, existe alguma objeção quanto ao fornecimento dessas fotos?; 15) Qual é a sua opinião sobre castração?; 26) Existe interesse prévio à adoção em

educar as crianças de maneira a sempre respeitarem os animais?; 45) Já teve animal de estimação antes? Qual foi o motivo do óbito? O que foi feito com o corpo?; 47) Qual o valor médio/aproximado de uma consulta veterinária?; 70) Cite pelo menos 3 (três) marcas de ração que são referências para você (caso não saiba, não responda).

Ao analisar os perfis indicados, evidenciou-se que há uma maior incidência participativa de mulheres que seguem e participam de modo mais ativo das ações desenvolvidas pelos perfis. Notou-se, de acordo com a estimativa, que a incidência de homens foi a mesma nos dois perfis, porém, a incidência de mulheres, que no perfil @goldenretrieverfortaleza é de 12/25, é de 17/25 na amostra do perfil @adoteumamorpet. Também houve uma maior incidência de perfis seguidores de cães de raça, o que pode indicar que SRD's tem menos perfis construídos por seus tutores.

Houve também uma maior incidência de perfis de empresas, parceiras e patrocinadoras, na página que promove o Golden Retriever Clube Fortaleza. Além disso, a evidência de que cães têm perfis sociais não inédita – já investigada por Zane e Fanni (2019) no trabalho *O lado peludo do Instagram: um estudo sobre influenciadores de cães no Instagram* (tradução minha) – me leva a afirmar que esses perfis sociais, que são cuidados e alimentados por seus tutores, nos ajudam a compreender a amplitude dimensional que esse tipo de cuidado revela, já que hoje o cuidado não é apenas físico, mas também é um cuidado digital.

Quando alimentamos, a cada dia mais, de modo mais especializado, nossos cães com rações industrializadas ricas em nutrientes, quando alimentamos suas redes sociais, quando cuidamos da tarefa de construirmos uma self, uma identidade nas redes sociais que gera engajamento de seguidores, isso também alimenta e coonstrói a identidade do tutor e, muitas vezes, é tão indissociado que existem perfis híbridos. Assim como acontece com o perfil da @cachorrinhaartistaofficial, há tantos outros que emolduram socialmente relações familiares, que vão acontecendo em um ciclo vital de cuidado, valorização da imagem de sujeitos, engajamentos afetivos, monetização, alianças comerciais e uma apropriação pelo mercado que estimula o compromisso com o cuidado com o nosso familiar de quatro patas.

Assim, o GRF clube constitui-se como uma comunidade, como um circuito familiar de afetos e obrigações do cuidado que congrega humanos, animais e empresas.

Quando analisamos mais atentamente o perfil @adoteumamorpet, também fica evidente esse circuito familiar de afetos e obrigações do cuidado, porém, diferentemente do perfil anterior, de cães de raça, onde raça é premissa para ter casa, o segundo perfil trata do cuidado das vulnerabilidades dos sem raça, dos sem casa. Daqueles que necessitam de um esforço midiático e social para encontrarem sujeitos ou famílias caridosas e responsáveis dispostas a cuidarem, a acolherem, mesmo que temporariamente em suas casas e em suas famílias. Às vezes, a dificuldade de acesso às casas de famílias humanas é tanta que, em algumas ocasiões, a responsável pelo perfil precisou improvisar uma casa na rua.

Em um caso que acompanhei, ao ser notificada de uma cadela SRD que estava nas margens de uma rodovia muito movimentada da cidade, amamentando seus filhotes, em condições esqueléticas, ao não conseguir lar para esses cães, acabou improvisando uma casinha feita a partir de uma caixa d'água. Nas palavras da administradora da página, “foi o que conseguimos fazer, já que não há família disposta a recebê-los.”

Diante desse contexto de vulnerabilidades animais, é imprescindível discutir, de modo reflexivo, a questão do lugar do animal no processo de urbanização, de retirada de animais da rua. Osório (2016), ao investigar os movimentos da modernização da cidade de São Paulo entre os séculos XIX e XX, desvela uma série de proibições e perseguições a animais e afirma que contemporaneamente essa tarefa tem sido criticada e desenvolvida a partir do cuidado com implicações éticas e morais por grupos de proteção animal que resgatam animais da rua e os encaminham para adoção. Essa ação é legitimada na cidade devido à ideia de que os humanos são responsáveis pelos animais. “A noção de adoção ou posse responsável, ratifica um ideal de manejo de animais de estimação. Embora as ideologias de fundo sejam radicalmente diferentes, mantém-se a noção de que o lugar dos animais não é a rua” (OSÓRIO, 2016, p. 143).

Acero Aguilar (2019) contribui ao afirmar que o animal ainda ajuda a lidar com a solidão urbana oferecendo suporte e apoio, pois é notoriamente reconhecido em animais, principalmente em cães, o seu funcionamento como “lubrificantes sociais” que facilitam os relacionamentos interpessoais. Assim como ocorreu no caso exposto, em que a “cachorrinha artista” parece potencializar o contato e o interesse pela história da dupla, os animais, em seus encontros de clube ou em suas vulnerabilidades expostas, parecem promover comunhão grupal. Outro exemplo que pode ser dado é

que muitas conversas entre vizinhos são iniciadas com assuntos sobre animais. Diversas vezes, em casa, meus parentes e vizinhos chegaram perguntando pelos cães, brincando e acariciando-os. Esses atos eram como um passe livre para acessar a minha casa, para o convite para uma xícara de café ou para fazer um pedido posterior.

Ainda sobre o cuidado, Osório (2016) expõe, a partir da “netnografia”<sup>7</sup> já mencionada, com um grupo de proteção animal, a noção de que animais de rua não existem, pois, animais domésticos não sobrevivem sem o cuidado humano. O grupo estudado por Osório defende que todos os animais da rua são abandonados, pois todos tiveram uma família um dia. O ato de abandono, da obrigação de cuidá-lo, além de representar maltrato, também se constitui como uma grave falta moral, configurando-se como crime previsto pela Lei Federal nº 9.605/98, revalidada pela nova lei Federal nº 14.064/20, que aumentou a penalização de um para até cinco anos de detenção.

Ante o exposto, quero ressaltar como as noções de cuidado são abrangentes e atravessam, de modo transitório, desde o “cuidado” como linguagem da relação entre tutor/cão até o “cuidado” como uma categoria de dever moral dos sujeitos, do Estado em suas políticas de higiene e preservação do patrimônio e da saúde da população, pois, no decorrer da história, são visíveis as mudanças de atitudes, valores e normas frente ao sofrimento e à qualidade de vida dos animais.

Estados e municípios vêm se esforçando em renovar políticas para a gestão desses seres, encontrando alternativas às clássicas políticas de extermínio de animais errantes, substituindo-as por abordagens de esterilização e “acolhimento responsável”. Segundo Lewgoy *et al.* (2015), em Porto Alegre (RS), por exemplo, já funciona, há alguns anos, a Secretaria Especial dos Direitos Animais, que também tem desenvolvido ações de proteção a animais urbanos de rua. Em Fortaleza, a causa em prol dos cuidados com animais de rua tem recebido atenção crescente.

Em 2015, a prefeitura lançou o programa “Abandonar É Crime!”, ação que é uma parceria entre a Coordenadoria de Políticas Ambientais da Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente (Seuma) e o Centro de Controle de Zoonoses da Secretaria Municipal de Saúde (SMS). (FORTALEZA, 2015, [s.p.]).

---

<sup>7</sup> Tipo de etnografia que utiliza as comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet.

A proposta visa a oferta de serviços de saúde para os animais em situação de abandono, conscientização da população sobre a Lei de Crimes Ambientais e também busca estimular a adoção responsável de cães e gatos (FORTALEZA, 2015). Em 2020, também foi inaugurada na cidade a Clínica Veterinária pública, oferecendo gratuitamente serviços como urgências, emergências, consultas e cirurgias para cães e gatos tutorados por moradores da capital.

Gerida pela Secretaria Municipal da Conservação e Serviços Públicos (SCSP), por meio da Coordenadoria Especial de Proteção e Bem-Estar Animal (Coepa), a clínica tem por objetivo recuperar a saúde dos animais que ali são atendidos, aliviando a sua dor e restabelecendo o seu bem-estar. (FORTALEZA, 2021, [s.p.]).

Porém, por mais que seja importante evidenciar as diversas possibilidades dessa categoria analítica do cuidado, não quero perder aqui a trilha “cuidado” como linguagem do parentesco e, para isso, pretendo retomar a história da dupla de artistas. Por mais que Ruiz e a cachorrinha estivessem na rua naquele momento, e a rua represente um lugar público e de risco, o que parece ter atenuado a crítica da *influencer* e de outros representantes de defesa animal que atravessaram seus caminhos foi o estado de não abandono, a tutoria, a ligação de cuidado, o envoltório simbólico familiar que parece tê-los resguardado da separação. Ruiz, quando utiliza a vigilância, para oferecer “provas” fotográficas do cuidado, através da rede social *instagram*: @cachorrinhaartistaofficial – que, em nome, é dela, mas, na prática, é deles –, que validam seu compromisso com a cachorrinha: filha, pet, companheira e lubrificante social para o trabalho. Essa validação documental do cotidiano em momentos afetuosos pretende conferir a ele um status de “gente do bem” e eliminar de uma vez por todas as acusações de que o animal estaria sendo explorado.

Sobre essa dupla e os seus respectivos desempenhos de papéis, em correlação com a literatura, adotarei a noção de papel – que, conforme Calvente (2006), é a menor unidade de conduta e comportamento que possibilita o reconhecimento e a identidade do sujeito, sendo construído de elementos significativos da sua singularidade e de sua inserção na vida – para guiar as reflexões que seguem neste trabalho.

Como revelou Fátima, “É que um contribui para a evolução do outro. Hoje, sou uma pessoa melhor.”, podemos dizer que o tornar-se pessoa ocorre na

complementariedade do cuidado que vai acontecendo ao longo da vida e sendo repassado pelas gerações.

Em Antropologia, a noção de pessoa é conveniente na compreensão sobre os seres que somos e se associa à noção de papel. A referência fundamental para o entendimento do tema é o texto de Marcel Mauss (2003) “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a de ‘eu’”, publicado em 1938. Poderíamos dizer que nosso Eu, nosso *Self*, se personifica a partir dos modos como nos familiarizamos com o cuidado com as atitudes complementares que desempenhamos uns com os outros.

A Teoria Ator-Rede, que se desenvolveu a partir das contribuições de autores como Bruno Latour, John Law e Annemarie Mol, entre outros importantes pesquisadores, contribui ao manifestar um olhar voltado para as práticas cotidianas, que entrelaçam ciência, tecnologia e sociedade. Essa teoria contribui significativamente para melhor compreendermos as amarrações de humanos e não humanos – que se configuram, portanto, como um emaranhado de redes que fragmentam qualquer solidez em microconexões ou desconexões, possibilitando pensar não mais em unidade, mas a partir de um dinamismo processual sempre constante de associações que se estabelecem.

Nobre e Pedro (2017), ao explorarem as possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede, afirmam que “a perspectiva busca conferir potência aos mediadores e seus agenciamentos produtores de existências” (p. 48). Nas redes, as mediações ganham destaque e apontam para um processo de constante redefinição. Assim, todo mediador é entendido, aqui, como seres/agenciamentos que não são nem puros humanos e nem puros não humanos. Verdadeiramente atores, como explica Latour:

O segredo é definir o ator com base naquilo que ele faz – seus desempenhos [...]. Uma vez que, em inglês, a palavra actor (ator) se limita a humanos, utilizamos muitas vezes actant (atuante), termo tomado à semiótica, para incluir não-humanos na definição (LATOUR, 2001, p. 346).

A produção de realidades multiespécies familiares é influenciada por novas geografias, novas coerções, novos ordenamentos que transbordam de uma produção em rede coletiva, que vai acontecendo em fluxos que fazem emergir a reapropriação de existências diversas que vão se coconstruindo nas obrigações e no exercício do cuidado ou nas digressões do abandono. Afinal, a teoria Ator-Rede sugere que “o social não é nada mais do que redes de materiais heterogêneos” (LAW, 1992, p. 2).

Assim, esta pesquisa defende a noção de que não há realidade em si ou, se há, é uma realidade sempre múltipla; sujeitos e objetos de conhecimento se produzem nos encontros, a partir da potência em ato; esse referencial revela que não existe um sólido macro – social – a explicar um mundo micro. O que temos são circuitos de mediadores, de atores que tecem a realidade e, com isso, tecem suas humanidades. Logo, uma etnografia sobre a familiaridade do cuidado entre cães e humanos deve descrever estas relações contingentes entre seres a partir de uma mirada complexa.

A propósito dos não humanos, é preciso revelar o meu temor em perder ou tornar invisível a atuação dos cães na pesquisa. Quando pretendi ir aos lares das famílias, desejava encontrar os interlocutores desta pesquisa – humanos e cães – em suas atuações cotidianas no ambiente familiar. Achei que os cães não participariam das entrevistas de modo ativo através de videoconferências. Para minha surpresa, ao transcrever as entrevistas, um fato importante deve ser mencionado. Os cães fizeram questão de aparecer e em todas as gravações, há latidos ou eles decidem simplesmente aparecer na filmagem. Uma das entrevistadas, por exemplo, ao se emocionar falando do falecimento da mãe, parece ter de algum modo afetado sua cadela que, em outro cômodo, começou a latir e grunhir insistentemente. A ação da cadela, sua comunicação, fez com que a entrevistada passasse do choro ao riso e proferisse “tá vendo? Eles sentem quando precisamos de cuidado”.

O cuidado como obrigação e exercício familiar para o desenvolvimento pessoal, para a humanização responsável, aparece em diversas tradições culturais e uma experiência etnográfica que parece ser importante nesse contexto foi o trabalho *Inquietas companhias*, desenvolvido por Felipe Ferreira Vander Velden como tese de doutorado defendida em 2010, na Unicamp. Primeira tese sobre os Karitiana, uma população indígena de 350 pessoas, principalmente, em aldeias de Porto Velho e Candeias do Jamari (RO).

Etnografias como a de Velden (2010), ao investigar as relações que se estabelecem entre os Karitiana e os diversos animais com que convivem, também nos falam sobre o exercício do cuidado singular com os cães, acompanhando inclusive os ritos e os tratamentos que envolvem o transcorrer da vida, da maturidade e das responsabilidades sociais e familiares.

Com o auxílio da TAR, ao refletir sobre o exercício do cuidado, podemos notar como isso reflete a produção de si que ocorre em coprodução com o outro, em

redes heterogêneas agregando materialidades e socialidades diversas. Nossos modos de viver ou modos de subjetivação se fazem em processo produzindo efeito de sujeito transitório, não por ser incompleto, mas por ser criativo. Acontece que só maquinamos modos de viver nos entrelaçando, a partir do cuidado, a diversas e múltiplas subjetividades e materialidades.

Michael Lambek (2007), ao explorar noções de parentesco que se evidenciam no cuidado ou *care*, no inglês, expõe que o termo adquire múltiplas conotações diante das relações que se estabelecem em dimensões que são ao mesmo tempo semânticas, experienciais e práticas. É nas expressões do cuidado que parentesco e memória estão mutuamente entrelaçados. E, por assim ser, o que torna humanos e cães familiares, parentes, é a memória e a prática vinculada ao cuidado. Ao perguntar “cadê a mamãe?” para os interlocutores caninos da pesquisa, uma resposta comportamental-afetiva afirmava e conferia, em um dialeto aprendido na relação familiar, esse parentesco real, coconstituído em bio-grafias diversas, termo que aqui utilizo para me referir às vidas que vão se familiarizando no cuidado relacional, já que muitas vezes o próprio exercício da maternidade é compartilhado entre mulheres e cadelas, a partir do parto, pois ambas perdem o sono diante dos “choringos” dos filhotes. Isso e os cuidados com o fim da vida serão os protagonistas do próximo capítulo.

#### 4 DO NASCER AO MORRER: RELACIONALIDADES E GÊNEROS DO CUIDADO

Os diversos encontros, momentos, observações e entrevistas que o campo proporcionou evidenciaram como as relações, o cuidado ou talvez a interdependência vinculam *bio-grafias*, termo este utilizado para categorizar as histórias de vida compartilhadas em familiaridade, em um parentesco interespecífico que demonstra como a relacionalidade entre as espécies, entre atuantes que nos constituem desde os níveis moleculares, comportamentais, emocionais, políticos, morais, sociais e culturais.

Das histórias que guiaram esta pesquisa, chegamos à maternidade, aos cuidados especializados que constituem a maternagem. Aquilo que Winnicott (2000), em 1956, descreve como as condições ideais para a boa função materna. Para ser uma mãe suficientemente boa, que atende tanto as necessidades físicas quanto afetivas da Criança.

Obviamente, a associação automática entre mulheres e maternidade tem sido questionada pelos estudos feministas que, segundo Puig de la Bellacasa (2008), criticam os regimes hegemônicos em que a mulher é confinada ao papel de mãe cuidadora, historicamente exaltada e comportada em um corpo cuidador absolutamente vital na tecelagem da sua existência. Desse modo, a maternidade historicamente sempre foi tarefa conferida à “mulher dedicada ao filho, que configura a mãe por excelência da modernidade” (STELLIN, 2011, p. 171). Certa compreensão difusa ocidental, alvo de críticas, compreendia a maternidade como o resultado natural de certas competências da mulher.

Representações sobre a maternidade atravessaram constantemente as histórias aqui apresentadas. A princípio, não sabia que o campo me conduziria para este caminho. Caminho desafiador, já que, como pesquisador do gênero masculino, busquei, em muitos momentos, atentar-me para o meu lugar de fala.

Todos os caminhos nesse exame sobre humanos e cães levaram-me às alegações de que cães são sempre bebês, independentemente da fase do desenvolvimento canino. De amamentados a, em alguns casos, eutanasiados, para todos os interlocutores, cães são como crianças. Embora haja divergências sobre os cães serem filhos, companheiros ou animais, há uma unanimidade em afirmar que cães possuem a ingenuidade, a alegria e as mesmas capacidades cognitivas das crianças, e como tais precisam ser protegidos, precisam ser cuidados.

Antes de passarmos aos relatos, quando focaremos o olhar na relação de maternidade que acontece nos microssistemas familiares investigados aqui, precisamos proceder a uma breve contextualização histórica para compreender melhor o conceito de maternidade.

O relacionamento mãe-criança passou por inúmeras transformações ao longo do tempo, houve muitas variações, concepções e práticas relacionadas à maternidade reproduzidas por uma série de tipologias sociais em diferentes contextos históricos.

Sigamos os rastros deixados por autoras como Moura e Araújo (2004) e Stellin (2011), que discutem, a partir de uma revisão bibliográfica, os conceitos e as práticas relacionadas à maternidade através da sua construção social e as principais modificações que a família atravessou.

Moura e Araújo (2004) esclarecem que, desde a Idade Média, na Europa e posteriormente no Brasil, o valor do relacionamento mãe-filho e suas práticas passaram por profundas variações e que os saberes científicos da medicina e da psicologia afetaram significativamente a conduta das mães. Durante muito tempo, a maternagem – o vínculo afetivo e os cuidados necessários para o desenvolvimento do bebê – jamais foi desvinculada da maternidade, fundada na consanguinidade do parentesco, em que ambas, indissolúveis, eram desempenhadas pela mulher como funções femininas extintivas.

Sobre a maternagem:

A cultura nas diversas sociedades tem estabelecido convenções guiadas pela produção dos mais variados campos de conhecimento. É importante também lembrar que o papel materno deve sempre ser considerado de forma relativa e tridimensional, decorrendo daí a impossibilidade de compreender as modificações nele ocorridas sem fazer referência aos demais membros do microssistema familiar (pai-mãe-filhos). (MOURA; ARAÚJO, 2004, p. 45).

Sobre o sistema familiar, ainda guiado pelas supracitadas autoras, temos que, da antiguidade ao renascimento, a maternidade foi desvalorizada. Era o homem que detinha a autoridade sobre a esposa e o filho. O que, posteriormente, no período moderno, diferiria pelos sentimentos de ternura e intimidade ligando pais e filhos ou pela valorização da maternidade e da criança, decorrentes de uma ideologia que deslocou paulatinamente a autoridade paterna para o amor materno, pois a nova ordem econômica e a ascensão da burguesia necessitavam da sobrevivência das crianças, já que a alta taxa de mortalidade infantil não favorecia o comércio.

Stellin (2011) corrobora esta posição ao expor que a maternidade nem sempre foi representada na forma de uma devoção e que, até por volta do século XVI, os sentimentos de família e de infância eram bem diferentes dos de hoje. Os filhos não eram tratados com cuidados especiais e eram geralmente cuidados e amamentados por amas de leite, regalia conferida às mulheres de classes e origens raciais privilegiadas. Apenas com a modernidade, na constituição da família nuclear e a valorização do infantil, surge a função da mãe cuidadora.

Sobre a influência do poder médico, da psicanálise, Stellin (2011) esclarece que, sobre a sexualidade feminina, para Freud (1931/1996d *apud* STELLIN, 2011), a mulher teria “três possibilidades de inscrição na cultura como sujeito sexuado. A primeira seria a inibição da sexualidade, a segunda a fixação na inveja do pênis, e a terceira a maternidade” (p. 173). Sendo a maternidade a saída “normal” e “desejável”. Compreensão incompatível com as reformulações psicanalíticas contemporâneas, feitas por estudiosas que articulam a psicanálise e os estudos feministas e que vêm refutando a ideia de um amor materno instintivo já que “nesse processo se entrecruzam questões de gênero, etnia, classe social, história individual, formando uma trama relacional que constitui realidades psíquicas singulares” (STELLIN, 2011, p. 174).

Na contemporaneidade, seguindo os esclarecimentos das autoras em concordância, o papel materno vem se reformulando conforme as modificações dos papéis da mulher e da família. O cuidado com os filhos e a maternidade agora tem menos determinação biológica. A psicanálise pós-freudiana modula, reforça e enfatiza a importância da maternagem no desenvolvimento humano, então, médicos obstetras, psicólogos e outros técnicos foram gradativamente substituindo o lugar da família estendida quanto às orientações sobre o cuidado com os filhos. As situações de maternidade passaram a exigir um maior investimento emocional e compromisso do casal e embora a imagem da mulher ainda se associe fortemente à maternidade, não deve ser engolida por ela.

Passemos então agora a reexaminar, a partir das bio-grafias, os modos como acontecem esta maternidade interespecífica.

#### 4.1 Da maternidade à maternagem dos filhotes para sempre

“Eles têm a pureza das crianças, mas não crescem e nunca abandonam suas mães.” (Fátima, 13 de janeiro de 2021).

Passemos agora a averiguar as afirmações de mães e pais, tutores, donos, cuidadores sobre esse cuidado, porém, antes disso, é preciso esclarecer que há uma intercorrência entre ser dona ou mãe de cão, porém, há um consenso entre os interlocutores, cães nunca são algo, são sempre alguém, mas um alguém que pode ter um dono. Na realidade, o que a pesquisa demonstrou, nesse contexto relacional, é que há uma maior propriedade nessa espécie de parentesco com o animal de estimação ocidental e contemporânea.

\*

Patrícia, jovem mulher de 36 anos, residente do município de Aquiraz – CE, fala, risonha, sobre como, em entrevistas de emprego, quando a perguntam “Você tem filhos?” Não hesita em ser afirmativa respondendo imediatamente: “Sim! Tenho duas filhotas de quatro patas.”

Se considera dona de casa e mãe, embora não tenha filhos biológicos. O terreno em que seu esposo construiu sua residência foi doado pela irmã a pedido da mãe, que se preocupava muito em como a filha ficaria após sua morte, desejando minimamente que a filha tivesse onde morar. Assim, o terreno que alicerçou sua moradia em si parece ter sido um ato, um pedido familiar de cuidado. A única renda familiar provém do salário de seu companheiro, carpinteiro, com quem vive em união estável não oficializada em cartório há 8 anos.

Relata que, desde criança, sonhava em criar um pastor alemão. Recorda que a família já possuiu um cão pastor que demonstrava muita bravura, ternura e proteção à família e que essas qualidades e a beleza do porte da raça fizeram com que ela desejasse um dia criar um pastor, porém, nunca teve condições financeiras de adquirir um porque, “além de ser caro, gasta muito pra criar, pois, como um filho, necessita de planejamento”. Foi quando, em 2017, seu sobrinho e vizinho no terreno da família, comprou um casal de pastores.

Como o sobrinho fazia faculdade, trabalhava e passava muito tempo fora de casa, os cuidados dos filhotes passaram a ser assumidos pelas irmãs-mães.

A fêmea se afeioou mais a mim e o macho mais à minha irmã. Ele comprava a ração e as coisas deles, mas quem cuidou mesmo fomos nós. Hoje ele mora com a esposa em um “apartamento” e os cães ficaram com a gente. Aqui tem espaço para eles, já pensou eles morarem num apartamento? E afinal, mãe é quem cria, né? [risos]. Se não fosse pela gente, eles não tinham ficado tão bonitos. Ele comprava a ração e colocava, mas éramos nós que ficávamos em cima, que cuidamos de verdade. Ele colocava a ração na balança, mas, quando ele saía, nós colocávamos mais para eles ficarem grandões. Quem já viu embalagem saber mais que a mãe o quanto o filho deve comer?

Agora ele já sabe que não os leva mais embora. Mas também, a esposa dele não quer. É muito gasto! Hoje ele ainda compra as coisas do Doby, afinal, como é a mãe dele que cuida, né? ele tem essa obrigação. É normal a avó criar os filhos dos filhos. A Eloá é que eu assumi completamente as despesas e hoje é minha filha. (Patrícia, 19 de agosto de 2020).

Esse trecho evidencia a divisão do trabalho, das obrigações do cuidado, a partir do gênero: o sobrinho aparece como o que cuida das despesas da cria e as mulheres que criam, quem “cuidam mesmo de verdade”. Nota-se também uma naturalização do papel social de mães e avós que assumem os cuidados dos filhos dos seus filhos. Já que, segundo ela, “seria natural o homem ser mais ausente na criação” e isso decorre das assimetrias entre gêneros e nas noções de parentesco euro-americanas em que pais e mães estão colocados de formas diferentes em relação a esse processo de maternidade.

Ao tomar isso como evidência, cabe relembrar o trabalho “Necessidade de pais, necessidade de mães”, desenvolvido por Strathern (1995). A autora afirma que mães e pais sanguíneos, adotivos ou delegados, substitutos, em todos os casos “o gênero sempre designa pessoas para um ou outro papel.” (p. 306). Pais e mães estão diferentemente nas relações parentais em uma união igual, porém assimétrica. Ao analisar a polêmica ocorrida, em 1991, na Grã-Bretanha, sobre mulheres que buscavam tratamentos de fertilidade desejando ser mães sem sexo e assim, sem pais, Strathern analisou questionamentos enfurecidos como “que tipo de mulher repeliria os homens e que tipo de criação teria o filho?” (p. 310). Ao desnaturalizar os papéis sociais, desmembrando-os, conclui que é inconcebível para os euramericanos que um filho nasça sem mãe; porém, com a paternidade acontece diferente, pois “a ideia de um filho sem pai não provoca um sentimento de indignação moral” (p. 311). Logo, “pais podem na verdade abandonar os filhos desde o nascimento sem serem vistos

como monstros desnaturados ou ameaças ao sistema social e é culturalmente concebível portanto o homem desejar uma relação, mas não o filho que dela resulta” (p. 312).

Retornando ao discurso de Patrícia, Doby e Eloá, tiveram uma ninhada: “como não eram irmãos, eles puderam cruzar” – embora, para criação e aperfeiçoamento genético de uma raça, cruzamentos entre irmãos sejam comuns, criadores prezam por não acasalar cães com parentesco próximo, pois “podem nascer com problemas”, segundo Patrícia. A ninhada foi comercializada e o valor dividido igualmente entre as irmãs-mães devido a um acordo firmado entre elas. Ambas cuidaram e custearam todas as despesas relacionadas à gestação e ao parto, desde os exames para checar a saúde dos cães antes da cruza, às vitaminas prescritas pelo veterinário, a ultrassonografia e os possíveis remédios e vacinas da ninhada.

Comumente, essa divisão não acontece assim. Conforme as entrevistas, a proporção é de 3 para 1, ou seja, a cada três nascidos, um é do tutor do macho. A justificativa dada pelos interlocutores é que esse acordo é o justo, pois, todo o trabalho fica a cargo da fêmea, ou dos tutores da fêmea. Assim, no mercado de comercialização de cães, fêmeas de raça são as mais valorizadas, muitas vezes são vendidas a preços mais altos, pois são elas que geram mais lucro com as ninhadas. Inclusive, é de praxe que a fêmea vá até o macho, pois, segundo o que foi colhido das narrativas em campo, quando o macho está no espaço dele, ele “domina”, ele “monta”, ele “cobre” melhor a fêmea.

Sobre a decisão de “engravidar” sua filhota, vemos que há um planejamento familiar para a maternidade canina. Quando, por exemplo, a cadela engravida de modo indesejado de algum SRD, dos “cães de rua” que ficam à espreita durante o cio e representam uma ameaça à pureza racial e, conseqüentemente, ao valor da ninhada, isso gera um grande desgosto aos tutores.

Ao relatar a experiência de acompanhar a gestação e a participação na maternidade de Eloá, Patrícia revelou que decidiu engravidá-la pelo “amor que tinha a ela”. A tutora compreende que a experiência de ser mãe é importante para a cadela, pois traz maturidade e um desenvolvimento corporal de mulher “completo”, para ela, “faz bem para cadela ser mãe, ao menos uma vez na vida”. A interlocutora ainda comentou sobre o cuidado que teve de sua filhota se tornar mãe no “tempo certo”, segundo ela, no terceiro cio, já que, de acordo com os veterinários que ela consultou, antes disso a cadela seria muito jovem, sendo uma “perversão” engravidar uma

“criança”. Cadelas acima dos seis ou sete anos também não devem ser mães, pois já são “bebês velhinhas”.

Ambigualmente, Patrícia, que pareceu tão preocupada com o momento “ideal” para Eloá ser mãe, revela que acha que o seu tempo biológico para ser mãe parece estar se esvaindo. Que talvez nem mesmo seja um dia mãe biológica, mas que, através da Eloá, do seu exercício da maternidade, do cuidado com sua filha de quatro patas, realizou seu desejo de ser mãe. Posteriormente com Suê, filha de Eloá, prematura que quase morreu no parto em que ela prestou assistência como uma espécie de parteira, a quem auxiliou no aleitamento e que decidira também adotar, sentiu-se mãe novamente. Hoje é mãe de duas, filha e neta. Patrícia releva o seu modo de ser e experienciar a maternidade, compartilhada com sua cadela, uma maternidade interespecífica. Afinal, mãe “sim! De duas de quatro patas.”.

Sobre o processo de parto e a criação inicial da ninhada de Eloá, Patrícia relembra:

Tive cuidados antes, durante e pós o parto. Foi uma ótima experiência, os ver mamando, acompanhar o desenvolvimento deles. É muito cansativo! São como qualquer bebê humano, temos toda a preocupação, nos acordamos a noite toda e exige todo um envolvimento. Foi uma experiência muito feliz. Hoje tenho o contato de todos e continuo os acompanhando como posso, pelo WhatsApp de quem os adotou. (Patrícia, 19 de agosto de 2020).

Patrícia também afirma que seus familiares a criticam por ter cuidado muito de suas cadelas em detrimento do “cuidado de ter meus filhos”. Também a censuram por destinar um valor considerável da renda familiar para a criação das cadelas, pois elas envelhecerão e morrerão antes, e sua família pergunta “quem vai cuidar de ti quando você ficar velha, mulher?”

São notórias as evidências das tensões que atravessam essa história. Da mesma forma que ela evoca a ideia de que é mãe, mesmo que de animais de quatro patas, buscando legitimar essa maternidade, circula em nossa sociedade um discurso que costuma repreender estas associações e chega mesmo a negar a maternidade de humanos em relação a cães.

A maternidade dos cães sintetiza as inúmeras práticas, economias e políticas do passado e as transfere para a atualidade. Estou me referindo aos comentários e tensões ligados à reprodução do parentesco, à instituição de famílias e a suas dinâmicas de modo escancarado. Desde práticas como a escolha dos “melhores partidos”, dos melhores “pareadores”, que deixarão como herança valores

agregados de um prestígio social que monetiza; até a gravidez indesejada, a venda dos filhos para os “adotantes” e as práticas hoje discutidas, como a inseminação artificial e os debates sobre o parto humanizado.

Patrícia, que em sua narrativa expôs seu amor e cuidado pelos animais desde a infância e seu sonho de ter não um cachorro, mas um pastor alemão. Em sua definição de responsabilidade familiar sobre o cuidado expõe:

A gente ama e escolhe e os cachorros a gente tem como filhos. Família é amor, coração vai além do sangue.  
As minhas cadelas são minhas companhias, temos a responsabilidade com nossas companheiras, minhas filhas, eu cuido delas e elas de mim. (Patrícia, 19 de agosto de 2020).

No trecho acima, Patrícia demonstra um amor incondicional. Patrícia também revela que, em muitos momentos, pensa mais nelas do que em si mesma. Tampouco se vê sem elas na vida. Sua casa é a delas também, tendo toda liberdade e conforto que ela consegue oferecer.

Ao pensar sobre esse amor incondicional Pastori e Matos (2015), retornam às afirmações de Jean-Pierre Digard (1999) sobre o amor e a paixão pelos animais de estimação. Para ele, “o homem moderno ‘ama’ egoisticamente seus animais elegendo, no sistema domesticatório ocidental, os animais familiares como os mais amados.” (*apud* PASTORI; MATOS, 2015, p. 117), já que a única função deles seria fazer companhia ao homem. Existiria então uma função latente de espelho, à medida que os valorizamos nessa “paixão animalitária”, que os colocamos como centrais, receberíamos o mesmo desses seres, que não trapaceiam na matéria do amor. Naquilo que os interlocutores nomeiam de “amor incondicional”, um amor de pura entrega, de pura perfeição. Esse amor garantiria um lugar existencial mais seguro, afinal, eles oferecem uma segurança inexistente em seu mundo. Em nome desse amor, dessa retribuição valiosa, muitas situações são mensuradas:

Eu sei até que muitas pessoas e até parentes deixam de me visitar, por elas serem grandes e, muitas vezes, são vistas como perigosas. Moro num sítio para oferecer espaço suficiente para elas viverem felizes e confortáveis. Aqui minhas filhas é que têm preferência porque a casa é delas. (Patrícia, 19 de agosto de 2020).

Essa afirmação vai contra as suposições de Belk (1996), ao afirmar que o *status* de animal de estimação é explicitamente inferior aos demais membros

familiares. Para a interlocutora, suas “filhotas” são mais importantes que os familiares “que só aparecem em casamentos ou enterros”.

A demonstração da importância do lugar familiar das cadelas é constantemente reafirmada em vários trechos de seu depoimento: “Realmente, é um sentimento real de como se ela fosse minha, uma filha, e os filhotes, meus netos. Porque tenho a Eloá como se fosse uma filha de verdade.” (Patrícia, 19 de agosto de 2020).

Suas cadelas são mãe e filha e Patrícia é avó e mãe, porém, como maternidade também pode ser compreendida como os modos de ser mãe e ser a avó é muitas vezes ser vista como a “grande mãe” ou a “mãe duas vezes”, cães são eternos filhotes e, diferentemente dos humanos, entre os quais se diz que os filhos são criados “para o mundo”, os cães domésticos são criados para o mundo familiar, afinal, nenhum cão se casa ou arruma um emprego e decide ir morar longe de sua família.

Pelo contrário, filmes recentes como *Quatro vidas de um cachorro* (2017) e *Juntos para sempre* (2019) reatualizam, de modo romântico, a noção de que cães sempre buscarão não o caminho para o mundo, mas o caminho para casa, para seu humano.

Diferentemente das crianças de séculos passados – se é que eram crianças, já que essa noção de infância foi sendo construída posteriormente –, que, “assim que podiam prescindir dos cuidados da mãe ou da ama, passavam a condição semelhante à do adulto, misturando-se a eles em todas as atividades sociais.” (MOURA; ARAÚJO, 2004, p. 45), os cães, na atualidade, segundo os interlocutores, permanecem crianças indefinidamente, necessitando de cuidados imprescindíveis de suas mães.

Durante vários momentos, essa relação se torna tão próxima, harmoniosa, que é como se houvesse uma interação genuína de uma com a outra, até na partilha da dor e do sofrimento, como observamos neste trecho:

O parto foi normal. Ela começou a sentir dor no início da noite, foi até final da noite, demorou a noite inteira. Eu me senti muito nervosa, ansiosa, e feliz com cada parto, com o nascimento de cada filhote, e ela ali... sofrendo, sofria com ela. Me senti muito feliz e muito nervosa ao mesmo tempo. (Patrícia, 19 de agosto de 2020).

Notamos, com essa história, que o momento para engravidar, para se tornar mãe, em que as pressões sociais se revertem em cobranças familiares, em noções nas quais a mulher só atingiria sua “maturidade” com a maternidade, e essa maternidade em si é entendida como um ato de amor, incidindo nas realizações complementares entre sua mãe-tutora e sua filha de quatro patas.

Embora ambas “mães de primeira viagem”, Patrícia, parece suprir um suporte parental, exercendo uma junção dos papéis mãe-avó: cuidar/apoiar; ensinar/orientar; avaliar e controlar. Desempenho semelhante ao que já foi investigado em trabalhos como os de Silva e Salomão (2003) e Pinto, Arrais e Brasil (2014), que analisaram o subsistema avós maternas dos bebês-mães adolescentes, que denunciaram como avós ressaltavam a imaturidade e a impaciência das mães para com suas crianças.

Sobre a chegada de um neto e suas ambivalências:

A chegada de um neto para a mulher de meia-idade pode oferecer uma nova oportunidade para viver a experiência da maternidade, em forma de autorrealização emocional, mas também pode provocar desconforto e desapontamento colocando-a em confronto com a realidade, forçando-a a pensar na idade e na proximidade da morte (DIAS, 1994 *apud* PINTO; ARRAIS; BRASIL, 2014, p. 39).

A decisão de “engravidar” sua filha parece satisfazer, mesmo que parcialmente, sua própria angústia frente à cobrança pessoal de estar passando pelo “momento ideal”, seguindo as convenções de médios e especialistas, de ser mãe. Parcialmente, porque, mesmo tendo que defender constantemente sua maternidade “canina”, ainda recebe diversas críticas que deslegitimam seu status de mãe. Patrícia, que afirma, durante todo o tempo, que os cães são seus filhos, depois faz uso do “como se”, como se fosse necessário estabelecer uma distinção.

Sobre esse “como se” que traduz uma distinção entre filhos humanos e não humanos e uma indeterminação sobre o estatuto animal, Bevilaqua (2011), que, a partir da análise processos judiciais com chimpanzés e seus reconhecimentos como seres vivos não humanos, como sujeitos, problematiza a respeito da posição dos seres humanos diante de outros seres vivos. Esclarecendo que o ativismo em defesa dos animais defende que é insuficiente reconhecer os seres não humanos apenas como objetos de proteção e que é urgente a necessidade do seu reconhecimento como sujeitos de direitos, porém, ainda caminhamos a passos curtos nesse sentido,

já que, como notamos, mesmo em famílias que buscam reafirmar constantemente a legitimidade desse parentesco, ainda se faz necessário estabelecer a distinção.

Outro ponto interessante que aparece no relato de Patrícia é a ideia de que seus cães são criados para o mundo doméstico, e isso aparece notoriamente nas histórias a seguir, encarnando as noções modernas dos discursos e da literatura da proteção animal. Por não ser uma particularidade apenas dessa realidade específica, procederei a reflexões em torno disso ao final deste capítulo, após ter exposto os demais relatos aqui apresentados.

\*

Passemos agora a conhecer outro microssistema familiar e suas bio-grafias relacionadas. Fátima é uma jovem senhora com 48 anos de idade, psicóloga de formação, que mora no município de Fortaleza – CE, no bairro Edson Queiroz. Sua casa é ampla e planejada, casa compatível com os padrões da classe média alta fortalezense. No seu lar, moram ela, seu esposo, engenheiro civil, e seus 10 filhos. Destes, dois são humanos, um psicólogo e outro estudante universitário de arquitetura – fruto de gestação biológica que teve em comunhão com o seu esposo –, seis são cães e duas, gatas – frutos de uma gestação afetiva que também teve em comunhão e, em alguns momentos, em desacordo com seu esposo. Dos membros familiares não humanos, cinco são huskies siberianos, uma é chow chow e duas gatas SRD's. Note que descrevi seus filhos, neste parágrafo, conforme ela os descreveu. No caso dos humanos, a primeira característica descrita foram os estudos e profissões. Já de cães e gatas, falou-se de suas respectivas raças ou da falta delas.

Fátima, que se diz mãe de dez, atualmente trabalha na empresa familiar. A família tem uma empresa, uma companhia de teatro que oferece cursos de iniciação às artes cênicas, em que ela tem algumas funções administrativas que desempenha de casa.

Durante a infância dos filhos humanos, foi a escola de teatro e suas funções como professores, dela e do esposo, que garantiram o sustento familiar, a educação escolar dos filhos e as suas despesas com as formações no nível superior.

Logo após a formação do esposo, quando ele começou a atuar profissionalmente e a renda familiar melhorou consideravelmente, ela, que logo após também se formou, optou por não exercer a psicologia, decidindo dedicar-se muito

mais aos cuidados ligados à maternagem, pois iniciou então o processo de adoção dos seus filhos caninos e felinos.

Sobre seus filhos não humanos, ela os descreve como “meus filhos mais novos. Crianças que nunca crescem, que estão sempre ao meu lado.” (Fátima, 13 de janeiro de 2021) e sobre o processo de adoção relata que

As minhas duas gatas são adotadas. A primeira, Felicia, escolheu a minha casa ainda muito nova. Fiquei encantada e muito feliz dela ter me aceitado como família. Suki foi encontrada sozinha, muito novinha, pelo meu filho caçula, Artur. É como se fosse minha neta, um doce, se dá bem até com os cachorros. Dos seis cachorros que tenho, três adotei porque sempre achei lindas as raças, eles parecem lobos exóticos, e três nasceram na minha casa. Acho que é uma experiência que todos deveriam vivenciar, é mágico. Nasceram fazendo parte da família. Fiquei com eles porque não consegui me separar deles. Infelizmente tive que entregar três filhotes, sofri demais. Estava entrando em depressão, então conversei com meu esposo que não podia mais entregar nenhum e ele concordou quando acordamos castrar as cadelas para não termos mais ninhada, afinal dez filhos não é pra qualquer um. (Fátima, 13 de janeiro de 2021).

Interessante notar que, ao inverter a ótica da análise, os animais também adotam humanos. Nas socialidades urbanas com as quais me deparei em minha pesquisa, os animais que são considerados como uma fonte de amor (FARACO, 2003) e, segundo Perls *et al.* (1997), no contato, o homem se relaciona consigo, com o outro e com o mundo, formando um ser de relação íntima. Dessa forma, nesse contato com seus animais de estimação, percebemos nos relatos das entrevistadas que nessa relação, segundo a interlocutora, os animais também nos aceitam como família. E, sobre essas escolhas e encontros, Fátima fala: “acredito em encontros de almas. Às vezes são eles que nos escolhem e outras vezes somos nós.”

Um dado interessante que Fátima nos traz é o fato de que os animais, mais especificamente cães, não abandonam suas mães e cuidadores. Os cães... porque gatos, alguns gatos, que se aventuram pela vizinhança, vez ou outra acabam escolhendo outros cuidados. Diferente de filhos humanos, que muitas vezes saem de casa em busca de autonomia ou quando se casam e desejam constituir um novo lar e ter seu próprio novo arranjo familiar, deixando um “ninho vazio”, cães só abandonam sua família e suas mães quando a morte os leva.

Essa história familiar também nos motiva a pensar sobre como a maternidade que aparece nos vínculos homem-cão pode ser sentida como uma conexão com uma “natureza primitiva”, termo nativo, utilizado pela interlocutora:

Quando escolhi um hunsky, fazia tempo que não criava nenhum cachorro. Tinha acabado de me mudar para uma casa com espaço pra criar um cachorro. Logo pensei no hunsky porque com eles me sentia mais conectada com a natureza, como meu instinto primitivo, dada a semelhança com os lobos. (Fátima, 13 de janeiro de 2021).

A vinculação primitiva entre homens e lobos, ancestrais do cão familiar, já é conhecida desde a pré-história, como já citei, por exemplo, nas constatações arqueológicas indicadas (DAVIS, [s.d.] *apud* PEREIRA *et al.*, 2007). Mas é importante mencionar que a reflexão teórica no que tange à relação humano-animal “expressa diferentes concepções de humano e natureza, selvagem e doméstico, aprendizado e instinto.” (FERREIRA, 2017, p. 138).

Ferreira (2017) aborda duas obras de Jack London que relacionam humanos e lobos: *O chamado da floresta* (2003) e *Caninos Brancos* (2004). Nelas, a luta pela vida e o aprendizado da experiência são temas marcantes. A passagem de uma vida “doméstica” para a “selva” e da vida “selvagem” na floresta para um ambiente “doméstico” em uma comunidade humana são abordados como conceitos caros à etnologia, buscando-os problematizar.

A aproximação etimológica entre os termos “dominação”, “domesticação”, “domicílio” e “dono” e a concepção antropocêntrica da relação dominante entre humano-animal, na qual “humanos domesticaram tal espécie”, bem como a tradição do pensamento moderno que entende a relação de caça, o pastoreio e a indústria como fases de um processo evolutivo da humanidade, nesse sentido, o humano civilizado é o ser humano que se emancipou da natureza e os seres não humanos seriam “selvagens” ou “domésticos” em relação aos civilizados, o primeiro, enquanto em estado natural ou primitivo; o segundo, enquanto parte integrante da esfera civilizatória, de acordo Ferreira (2017).

O autor alega que, em uma cosmologia (ocidental), “As coisas são classificadas em natureza e cultura, selvagem e doméstico, não há lugar para esses ‘híbridos’. Um animal é selvagem ou doméstico, não há muito espaço para devires ‘caninos e lupinos’.” (FERREIRA, 2017, p. 154).

Porém, narrativas como a de Fátima abrem espaço para a compreensão de que, se os “humanos domesticaram os cães”, alguns humanos buscam nos seus cães um resgate de sua “natureza primitiva” e isso é valorizado como algo que não pode ser perdido. Na estética, fruto do aprimoramento genético de raças como a do husky siberiano, poderíamos especular se não há uma ação de empreendimento

doméstico, fruto do desejo de termos como familiares híbridos entre “caninos e lupinos”.

\*

Nos caminhos da pesquisa, pude conhecer também a história de Mary, jovem de 32 anos, recém-formada em publicidade, curso que, segundo ela, só foi possível devido ao auxílio do programa de financiamento estudantil FIES. Mary, atualmente mora como sua avó aposentada que tem *alzheimer*, sua mãe adotiva, sua tia em linhagem consanguínea materna e o cão Lilo, um SRD de porte médio. Residentes no município de Fortaleza – CE, no bairro Jóquei Clube. O sustento familiar provém da aposentadoria da avó idosa e dos ganhos informais da tia-mãe e da sobrinha-filha, que atualmente vendem cosméticos.

Sobre a relação com Lilo:

O Lilo é da minha tia, que é minha mãe, né? Minha tia é minha mãe nos documentos e foi ela quem me criou, então é minha mãe, só não me costumei a chamar ela de mãe. [risos]  
Ele é tido como filho dela.  
Meu irmão um dia chegou com ele aqui em casa e disse que depois vinha buscá-lo, que ele ficaria só um tempo aqui. Minha tia ao chegar em casa foi se apegando ao cachorro e ele foi ganhando espaço. Meu irmão nunca mais veio buscá-lo.  
Hoje o Lilo é meu irmão, é tratado como meu irmão. (Mary, 20 de outubro de 2020).

Ao afirmar que sua tia é sua mãe, com certa dúvida, superada pela constatação de que foi sua tia quem a criou e é quem consta como mãe em seus documentos, notamos, novamente, agora em outro caso, o uso do termo “como” para designar um tipo específico de criação de afeição. Sua tia é como mãe para ela e as evidências que legitimam esse status são o cuidado com sua criação e o nome nos documentos. Assim como parece acontecer com os cães, em que seus tutores colocam seus nomes em documentos como no cartão de vacina e que se implicam nas obrigações do cuidado. Notamos aqui que o “como se” também acontece entre humanos.

Sobre os significados da afirmação “mãe é a que cria”, Cavalcante e Jorge (2008), ao investigarem o universo de mães substitutas do Programa de Famílias Acolhedoras, promovido pela Secretaria da Ação Social do Estado do Ceará, demonstram como a relação estabelecida entre a mãe acolhedora e a criança ou

adolescente cuidado foi compreendida como uma relação geradora de vínculo e fundamentada em sentimentos afetuosos. Mary parece concordar com a ideia de que “Independente da forma, o papel de mãe se fundamenta no ato de cuidar.” (CAVALCANTE; JORGE, 2008, p. 274).

Além disso, para a interlocutora, hoje os cães podem ser mais tratados como filhos devido às mudanças ocorridas na sociedade que fizeram com que os mesmos ocupassem um espaço maior não só mais o interior das casas, mas também no interior das famílias.

Já tivemos outros cachorros, mas, no tempo do meu avô, ele não deixava que os cachorros entrassem em casa, então eles eram da família, mas eram distantes. Agora que ele morreu e minha avó também está com Alzheimer, e acaba não decidindo tanto as coisas, minha tia e eu decidimos criar o Lilo totalmente diferente. Dentro de casa. Agora ele faz parte totalmente da família. Todo dia de manhã é sagrado ele tomar o leite dele e ter o almoço dele junto com a gente na cozinha. Nosso bebezão é a alegria da casa. (Mary, 20 de outubro de 2020).

É notória a demanda histórica e social do lugar, da mudança de sensibilidade para com esses seres, trabalhos como o de Fonseca (2018), que percorre a trajetória nacional dessa mudança, fazendo um paralelo entre os lugares onde o debate já tem avançado e os lugares físicos que animais tem conquistado, talvez nos revele as mudanças que fazem com que animais, a cada dia, sejam mais sentidos como “parte totalmente da família”.

Ainda sobre os lugares desse “bebezão”, Mary expõe que crianças humanas e cães não podem ficar sozinhos em casa. A partir das entrevistas realizadas, se evidenciou em cada caso que o domicílio, e em alguns casos seu entorno próximo, são os ambientes em que os filhos-cães vão. Patrícia, Fátima e Mary dizem que seus domicílios são suficientemente espaçosos para seus cães, que por mais que saibam os benéficos comportamentais, como a diminuição do estresse que os passeios podem promover, os passeios também representam um risco à saúde dos cães, pois podem contrair doenças e parasitas. Quando não socializados, cães também costumam demonstrar agressividade e isso gera grande transtorno quando ocorrem reações comportamentais indesejadas em praças e locais públicos, fazendo com que o cão fique ainda mais restrito ao domicílio. Como a casa é vista como o lugar mais seguro para os cães-filhos, as obrigações envolvidas na maternagem

acabam, em certa medida, limitando também o período e o perímetro que desse cuidador.

Antes, passeávamos com o Lilo. Eu e meu namorado colocávamos sua corrente e passeávamos aqui nas ruas próximas de casa, mas começamos a perceber que ele começou a ter carrapatos. Então, levamos ele no veterinário e ele passou um remédio. Disse também que ele precisava tomar umas vacinas e que sem elas ele não poderia sair de casa. Até demos algumas vacinas, mas achamos melhor ele ficar mais em casa mesmo para não pegar nada. (Mary, 20 de outubro de 2020).

Apesar da interlocutora falar com naturalidade sobre o modo como optou por não dar as vacinas e de buscar garantir a segurança de Lilo deixando ele mais restrito ao domicílio. Eu, como sujeito, que também cria cães “como filhos”, sou afetado por essa fala, por um julgamento de negligência. Me peguei diversas vezes implicado no pensar sobre meus julgamentos. E essa afetação me faz pensar sobre como a “ética do cuidado”, o “bom cuidado”, e os discursos partilhados entre criadores, veterinários e tantos outros que versam sobre a proteção animal moldam o modo como via e defendia o “jeito certo de cuidar dos cães”.

Talvez outros pesquisadores também tenham se incomodado e se comprometido em ponderar sobre as complexidades na perspectiva relacional desse tipo de relação. Segundo Franco (2001), a interação do homem com o animal de estimação, mesmo se mostrando afetuosa, se caracteriza por uma relação de autoritarismo, visto que é o homem que decide sobre a liberdade do animal, quando quer dar carinho ou alimento para ele e se vai impedir a reprodução dele ou não, por meio da castração.

Nesse sentido, o que parece evidenciar-se nesse caso é como a proteção que o cuidado no domicílio confere, parece ser uma via de mão dupla:

A política de afetos da proteção animal, que parece ser uma via de mão dupla: ela diz respeito a uma experiência subjetiva, que não é somente a nossa ou somente a do outro. Ambas são intrínsecas, pois esse processo de identificação com o “outro” requer uma projeção de si no âmbito desse outro, de forma a procurar vivenciar sua perspectiva, seus sofrimentos, suas dores. Sendo assim, a empatia é a possibilidade de experimentar, ainda que hipoteticamente, uma alteridade. (OLIVEIRA, 2012, p. 178).

Etnografias como a de Oliveira (2012), que investigam a gestão e a tutela da vida animal no âmbito institucional e doméstico, têm demonstrado como tanto o poder público quanto o ativismo em suas concepções sobre o animal doméstico têm apresentado os conflitos e as possíveis ambivalências da proteção animal, situados

entre medidas de controle e de acolhimento, imbricados entre as afetividades do cuidado e suas possíveis penalizações.

\*

Emerson, apresentado anteriormente no trabalho, horizontino, pai dos golden retrievers Aquiles e Bombom, também narra sobre a experiência com a maternidade de sua cadela.

Quando pensei em colocá-la, já sabia que não colocaria ela com o Aquiles, porque ele é pai dela, né? Os filhotes poderiam vim com defeito. Na verdade, fiquei muito pensativo se colocaria ou não ela para ter bebês, pois ela tem uma certa deficiência, uma fraqueza numa das patas traseiras, e isso mexe muito com a cadela, né? Tem o peso também, ela estava gordinha.

A primeira vez que tentei, ela não aguentou que o cão montasse nela, mas como era um desejo meu, pus a segunda vez, só que por inseminação. Eu queria ver os filhotes, cara! filhotes de Golden são lindos demais! Eu queria sentir isso, sabe? De ter esse cuidado, de estar com eles, com os filhotes e viver esse momento.

Busquei uma outra família que também tinha um golden. Fui lá conhecê-los. Um dos pré-requisitos era ser da raça e ter *pedigree*. Acordamos o de praxe, o 3 para 1 e fizemos 2 inseminações e foram gerados 8 filhotes.

Antes disso, vimos se os cães estão com a saúde ok. Com as vermifugações, vacinas em dias, controle parasitário, para garantir a saúde de todos e aí tem acompanhamento veterinário, ácido fólico, suplementação alimentar. Fiz o ultrassom com trinta dias para verificar a gestação, fiz tudo certinho.

Com 60 dias, conforme a veterinária disse, ela começou a ficar inquieta e eu angustiado. Quanto mais inquieta ela ficava mais angustiado eu ficava. Estourou a bolsa às 17.30 h e só foi ter o primeiro filhote às 20 h. Eu já estava louco ligando pra veterinário e estava prestes a levá-la para uma clínica, quando ela teve o primeiro, acompanhei o nascimento de cada um, o ultimo nasceu às 01:30 h.

Hoje eles estão com 30 dias, na fase de morder nossos calcanhares e querer andar pela casa, mas na primeira semana eu nem dormi. Acordava o tempo todo a cada choramingo em que ela os pegava e colocava na boca pra ficar caminhando. Eu brigava com ela para ela os deixar no chão. Acho que era coisa de instinto de mãe.

É bem angustiante e acaba com a cadela, chupa a cadela. Hoje continuo reforçando a alimentação dela e estou passando eles pra ração, não sei se vou colocá-la de novo, mas é lindo! (Emerson, 01 de novembro de 2021).

Neste caso, o que encontramos é uma narrativa da maternidade da cadela. O discurso acionado pelo tutor, parte de um desejo em ver filhotes de golden retrievers. Já há, portanto, uma clara distinção em relação aos outros casos. Trata-se de um criador de cão de raça, que, ao gerir esse parto e os cuidados com a ninhada, tem a intenção de preservar os filhotes para fins comerciais.

Os cuidados da mãe que colocariam em risco a preservação dos filhotes são assim constantemente monitorados. A maternidade e a comercialização dos filhotes demonstram um utilitarismo que é justificado desse modo: “Eles gastam muito, ração, remédios, tudo é caro. Uma ninhada como essa é só para ajudar com as despesas deles mesmo. Nós não trabalhamos para nos manter? É um jeito deles me ajudarem a cuidar deles.”

Aqui, a maternidade da cadela, a procriação seria o trabalho dela, sua contribuição financeira. Diferentemente com o que acontece com humanos e SRD's, em que a maternidade é muitas vezes pensada em suas consequentes despesas, a maternidade de cadelas de raça para fins comerciais é pensada em seus consequentes lucros.

Essa alegação me leva a uma similaridade com o entendimento dos Karitiana, que dispensam melhor tratamento a cães de caça, que se mostram úteis e produtivos. Segundo Velden (2019), “um cachorro adulto deve ‘se virar’, dizem os Karitiana, cuidando de sua própria subsistência, mesmo que seja auxiliando os humanos em suas tarefas, sobretudo a de obter carne.” (p. 5)

Há uma divergência entre o discurso de ONG's e protetores de animais e o discurso dos criadores, respectivamente. Para os primeiros, há uma interdição moral que condena qualquer transmissão monetária que trate animais como mercadorias, porém, investir dinheiro nos seus cuidados é tratá-los como sujeitos denunciando outra ambivalência. Para os criadores, não há uma contravenção moral na venda de animais. Cães podem ser comprados ou vendidos, adotados ou doados e até trocados, como commodities, e que sua raça, linhagem e pedigree são o que conferem seu valor monetário (MATOS, 2012).

\*

Além dos interlocutores até aqui apresentados ao longo do trabalho, também tive contato com dois casais que aceitaram compartilhar comigo um pouco de suas realidades familiares, quando também expressam os cuidados com seus filhotes.

Márcia e Cristiane são um casal homoafetivo de mulheres com 29 e 31 anos respectivamente. Cristiane, é vendedora em loja de conveniências de um posto do combustível, enquanto Márcia é gerente em uma lavanderia industrial hospitalar.

Domiciliadas no centro do município de Aquiraz, em uma relação estável há nove anos, dividem o lar, uma residência financiada pelo programa de habitação social da Caixa Econômica Federal, com três filhotas adultas-crianças. Judite, uma golden retriever que entrou em suas vidas através de uma negociação financeira com o irmão adotivo de Cristiane; Melissa, uma SRD que novamente o irmão doou a elas depois que percebeu que ela não era uma pastor alemã de “raça pura”; e Hope, uma pastor alemã de pelagem preta, também obtida por meio de uma negociação financeira familiar. Hope é filha da ninhada aqui já mencionada na experiência de Patrícia, primeiro caso apresentado neste capítulo, tia por consideração afetiva de Cristiane. Hope chegou na vida do casal pelo desejo que tinham de ter em sua família uma filha de Doby e Eloá, “cães da família”. Nesse sentido, Hope, que é neta de Patrícia, fora adotada/comprada a partir de uma negociação, um negócio “para quem é família”, por Cristiane, sobrinha de Patrícia.

Cristiane nasceu em Serra do Felix, Beberibe – CE. Sua mãe, com escassos recursos financeiros, a enviou, ainda criança, para Aquiraz, pois ajudaria sua tia materna, com melhores condições financeiras, nas tarefas domésticas e no cuidado dos seus sobrinhos. Na adolescência, Cristiane ficou amiga de seu irmão afetivo, passou a frequentar constantemente a casa da família e com algum tempo foi convidada a morar lá. Foi adotada afetivamente, se tornou da família.

O irmão adotivo/afetivo de Cristiane, sobrinho sanguíneo de Patrícia, foi um homem que adotou/comprou muitos cães pela caminhada na vida. Entusiasta das raças, via na aquisição e na negociação dos cães oportunidades lucrativas, muito embora as entrevistadas concordem que ele teve muito mais despesas do que lucro. Esses cães, que ele comprava e decidia ser pai por certo tempo – e que, embora em sua ausência, elas continuem a considerá-lo assim –, em grande maioria ficaram sob responsabilidade dos cuidados das mulheres de sua família, mãe, tia e irmã.

Sobre o desejo e decisão de serem mães de pet:

A primeira vez que vimos um golden retriever, numa exposição que fomos com o meu irmão, eu tive aquele amor, aquela vontade de ter um. Golden são uma raça muito fraterna, muito família. Eu acredito que quando queremos muito o Universo nos dá, desejamos tanto que tivemos oportunidade de ter.

Hoje temos três cadelas e as temos como filhas. Aprendemos muito sobre carinho com elas. O Ser humano, nós, não temos muito carinho das pessoas, às vezes, nem da nossa família de verdade, nem nossa família de sangue sente o que nossas filhotas sentem. Elas sentem como nós estamos, sem palavras, elas sentem e sabem o que precisamos.

Recebemos a Judite. Amamos ver ela pela primeira vez deitada na nossa cama quando chegamos do trabalho. Aquele momento foi muito especial pra gente, mas já recebemos ela maiorzinha, então queríamos muito ter tido a experiência de ter filhotes e tentamos colocá-la para engravidar. Na primeira vez, ela abortou onze, teve a doença do carrapato e foi muito triste, angustiante. Depois de algum tempo, tentamos novamente, mas foram só dois, tiveram sofrimento fetal, fomos pra clínica veterinária, acho que ela não nasceu para ser mãe, então decidimos castrá-la para evitar mais sofrimento.

A Melissa também já recebemos ela maiorzinha. Foi com a Hope, que pegamos de filhota, que realizamos nosso desejo de cuidar desde bebê. (Cristiane e Márcia, 13 de janeiro de 2021).

Aqui novamente se evidenciam algumas crenças, a primeira é a de que cães de raça, algumas raças, nesse caso, golden retrievers, têm uma maior predisposição a serem cães de família. A cadela seguinte, Melissa, SRD, não foi desejada inicialmente e foi “aceita” pelo casal com a justificativa de que seria uma companhia para a cadela golden. A segunda crença é sobre a naturalização que diz que o gênero feminino – nesse caso, a cadela – nasce para ser mãe, embora em alguns casos, por exemplo, quando há tentativas de gestação envoltas na infertilidade ou no não conseguir gestar e parir, ou ainda quando a conduta da mãe é moralmente julgada como negativa, quando por exemplo, decide deixar o filho aos cuidados do pai e embarca em outra relação, seja comum dizerem que aquela mulher “não nasceu para ser mãe” em um tom pejorativo.

Sobre isso, Rifiotis (2017), que analisou as maneiras como jovens egressas de serviços de acolhimento institucional vivenciam suas relações de parentesco, pensando sobre o que chama de “virada no jogo das relações de parentesco”, sobre as maneiras de realizar o parentesco, vai sinalizar que há uma expectativa associada ao poder do sangue na função da relação entre mãe e filho. Quando se diz que uma mulher “não nasceu para ser mãe” se pressupõe uma mística sobre esse vínculo e sobre o amor materno que idealiza esse vínculo. Frases como “mãe é mãe”, além de informar sobre a “relação entre mãe e filho”, informa a concepção de cuidado que se faz presente nessa relação.

Se por um lado essa “virada” no parentesco é, em geral, marcada pela desconstrução da “naturalidade dos laços de sangue”, por outro, esse processo acaba abrindo espaço para o reconhecimento da “escolha e da afeição” como elementos igualmente importantes no estabelecimento de tais relações. Ou, melhor dizendo, a desinstitucionalização pode potencializar a abertura a outras maneiras de conexão ou *relatedness*. (RIFIOTIS, 2017, p. 76).

Ao pensar sobre essas maneiras de conexão, sobre as relações de sangue e afeição. Pergunto-me: Quando Cristiane fala que quis, com a castração, evitar o sofrimento, está falando de que sofrimento? De quem é o sofrimento? Do sofrimento de não adquirir uma lucrativa ninhada de goldens? Do seu sofrimento pessoal por não realizar seu desejo de cuidar desde filhote, de gestar e parir em comunhão com sua filhota? Do sofrimento físico de sua cadela que passou por aborto e cirurgias?

Especulativamente, pergunto-me se Hope, a terceira filhota, que compraram “bebezinha”, pastor alemã de “raça pura”, além de ser desejada por ser uma descendente dos “cães da família” também não cumpre várias realizações do desejo do casal, entre eles o de ter uma pastor alemã, já que Melissa, segundo elas, é “meio pastor alemão”. Nesse sentido, também especulo se, com a maternidade de filhotes de cães, não há uma busca por realização de desejo possível por filhos de “raça pura”. O aparecimento dessas possíveis realizações demonstra fenômenos como a disciplinarização dos corpos aliado à biopolítica da população como modos de exercício de poder sobre a vida, manipulados a partir de mecanismos internos como mutações, evoluções, reproduções, mortes, etc. (CASTELFRANCHI, 2008).

\*

Arnaldo e Cíntia são um casal hétero, recém-casados, católicos assíduos da Comunidade Católica Shalom<sup>8</sup>. Moram no município de Fortaleza – Ce, no bairro Aldeota. Arnaldo tem 32 anos e é psicólogo especialista em libras que atende prioritariamente a comunidade surda. Cíntia, que tem 34 anos, também é psicóloga, atualmente está grávida e estuda para concurso público.

Se conheceram durante o período universitário. Hoje moram juntos em um apartamento que dividem com a Mila, uma cadela da raça pug que Cíntia ganhou de presente de sua mãe antes de começarem a namorar, mas que agora foi incorporada à família por Arnaldo também.

---

<sup>8</sup> “Associação Privada Internacional de Fiéis, com personalidade jurídica, reconhecida pela Santa Sé com o decreto do dia 22 de fevereiro de 2007, junto ao então Pontifício Conselho para os Leigos (cujas competências e funções são atualmente assumidas pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida).” (COMSHALOM, [s.d.]).

Cíntia, que atravessava uma depressão, recebeu Mila de presente. Diz que, desde criança, desejava ter um pug, que sempre foi um grande sonho. Para ela, Mila foi seu “remédio natural” e, sobre esse momento, expõe:

Eu estava muito voltada para minha dor e, quando ela chegou em minha vida, me fez voltar-se mais para o amor, para o cuidado. Havia um serzinho ali que precisava de mim.

Foi o meu cuidado com ela que cuidou de mim.

Voltei a ver a beleza das coisas mais simples através dela. (Cíntia, 03 de fevereiro de 2021).

A esposa revela que Mila inclusive a ajudou na conquista do esposo, que apresentar a “doguinha”, termo por ela utilizado, para os amigos da faculdade foi o pretexto ideal para convidá-lo para ir a sua casa pela primeira vez e que, durante todo o período de namoro, ela sempre o alertou: “trate de gostar da minha cachorra, porque quando nos casarmos ela vai comigo.”

Nesse caso, além de “lubrificante social”, como afirma Acero Aguilar (2019), a existência de Mila aparece, para a interlocutora, como um ser intermediário de vinculação amorosa.

Ela ainda expõe que a Mila foi comprada em um canil e que adoção é quando você não compra e geralmente é um SRD. Mila diz detestar o discurso de algumas defensoras animais que defendem apenas a adoção, pois as pessoas também têm o direito de escolherem a raça que desejam. Mila não se importa se você adota ou compra, pois, para ela, o que importa é o compromisso com o cuidado, pois cão não é objeto pra ser trocado ou jogado fora, “tem que cuidar por toda vida dele”.

Lewgoy (2015), ao discutir as “políticas de piedade”, fruto da emoção da simpatia à distância sobre a figura da vítima animal. Esclarece que ela “esgota-se em sua singularidade diádica entre um benfeitor e um desafortunado” (p. 83). Porém, a piedade moderna tem uma dimensão política que desfaz o elo imediato entre a vítima e o simpatizante, tornando-se um exemplo social do movimento afetivo de simpatia inspirador. “É possível ver que a compaixão das protetoras de animais pode ser simultânea ou disjuntivamente uma compaixão cristã clássica, voltada para a ação direta pessoal e moderna” (p. 83). Nesse sentido, o cuidado referido por Cíntia atravessa uma noção de piedade acionada pela compaixão cristã.

Para a interlocutora, foi Mila que fez com que ela aflorasse seu instinto materno e, com isso, Mila de fato passou a fazer parte da família, despertando familiarmente um sentimento de pertencimento.

O Marido explica que entende que há uma hierarquia ascendente entre plantas, animais e seres humanos. Segundo ele, humanos têm vontade e inteligência, enquanto cães têm instinto. Segundo ele, Mila é bem estabaneada e precisa de muitos cuidados, sendo assim, é vista literalmente como uma criança, um bebê, pois “bebês não refletem, não têm intelecto. Eles são só alegria, pureza, alegria e empatia como toda criança”.

O casal comenta o que pensa sobre ser “pais de pet” de modo crítico ao que nomeiam de uma “inversão de valores”, expondo que essa excessiva filhotização e humanização dos cães representa como a sociedade está se relacionando de forma limitada e problemática com a ideia de ter filhos.

Este casal apresenta assim uma visão que contrasta com os demais casos apresentados até aqui. Adotando uma perspectiva humanista das relações interespecíficas, em desacordo com autoras como Haraway (2011), que afirmam que, para um florescimento do debate sobre realidades multiespécies, temos que ir “além de hierarquias taxonômicas, filosofias humanistas ou garantias religiosas.” (p. 27)

Quando os nossos soporíferos humanistas ou religiosos não nos satisfazem mais, nós exigimos uma grande variedade de maneiras de tornar vividas e práticas as necessidades materiais-éticas-políticas-epistemológicas que devem ser vividas e desenvolvidas dentro de relações desiguais, instrumentais, ligando animais humanos e não humanos tanto na pesquisa quanto em outros tipos de atividades. (HARAWAY, 2011, p. 48).

Esclarecendo sobre o lugar dos cães em suas visões, o casal explica que

Dentro da nossa concepção, a gente não considera que um cachorrinho possa realmente ocupar plenamente um lugar de filho. A gente até brinca com a Mila, dizendo coisas como: vem pro papai, olha pra mamãe, filha. Porém, realmente não achamos que os animais são mais importantes que os seres humanos.

Existe essa hierarquia mesmo de valores, embora amemos muito a Mila, filhos humanos estão numa maior dignidade que os animais.

Minha esposa tá grávida, é obvio que vou amar muito mais meu filho que o cachorro.

Acho que hoje as pessoas estão deixando de ter filhos pois acham que dão muito trabalho e despesas e preferindo ter um cachorro que é mais prático. (Arnaldo e Cíntia, 03 de fevereiro de 2021).

Para essa família, Mila, embora seja alguém, não é tida com filha, reforçando a noção, indicada por Osório (2016) de que animais de estimação, em

alguns casos, são tidos como uma complementação da família que não substituem um membro familiar, nesse caso, o filho.

\*

Ao analisarmos as relações entre humanos e seus cães trazidas até aqui, notamos casos distintos. Nos primeiros casos, que abrem o capítulo, o tema é a maternagem. Ela aparece explícita nas falas. Em outros casos, o que encontramos são dinâmicas relativas à criação de animais e ao cuidado com as crias. No último caso, o animal figura como um presente que pretende ajudar alguém a se curar da depressão.

O que se evidenciou em campo foram as formas de se relacionar, que possuem características distintas. Uma variedade de modos de descrever as relações entre humanos e cães: filhos; presentes/curas para doença; seres capazes de alterar os humanos (produzir o “instinto” materno).

Notamos que a ética do cuidado, do “bom cuidado” e a construção desse parentesco interespecífico, no qual nem sempre o cão é referido como parente, mas que sempre é sentido como membro da família, se articula com os discursos sobre a proteção animal, se inter cruzando e formando diversas opiniões e práticas a respeito dos cães e de suas vidas marcadas por uma prevalência doméstica em um cuidado marcado por busca de realizações e por uma proteção ambivalente.

Todas as falas sobre o ser mãe ou pai de cães são acompanhadas de um “como se” persistente, seja na tentativa de afirmá-los ou na necessidade de distingui-los. Sobre isso, Bevilaqua (2011) articula a problemática sobre as demandas de reconhecimento de não humanos como sujeitos de direitos e sobre como, para trazê-los à existência, seria necessário extrapolar os modos de diferenciação definidos pela “oposição pessoa/coisa e pelo princípio de agência que, contido num dos polos, preside as relações entre ambos.” (p 98) Esclarece também que mesmo os mais radicais defensores dos animais ou os códigos jurídicos mais inovadores não vão além da afirmação de que “animais não são coisas” e, como “não coisas”, os mesmos seres são contextualmente submetidos a um regime específico de proteção. Sendo protegidos como filhos, como bens ou como valiosos remédios da alma.

Ao longo dos encontros que tive, nas diversas entrevistas, houve uma unanimidade em afirmar que não é a natureza canina abandonar sua família, tanto

são os humanos que obrigam, em alguns casos, a separação dos cães de sua prole, como também são os humanos que abandonam sua prole canina. E é sobre isso que busco tratar agora, na próxima sessão.

## **4.2 Um cão só abandona sua mãe na morte**

Importante inferir, que a princípio, achei que os capítulos se organizariam seguindo três capítulos sobre as relacionalidades aqui exploradas. Um primeiro sobre a adoção e uma dita “infância estendida” do cão, em seguida pensei que haveria um capítulo sobre a maturidade, a fase adulta canina e, em seguida, um capítulo sobre a despedida, a morte e o fim da vida desse ente familiar tão singular e suas articulações com os cuidados nessas fases. Porém, como a infância canina é permanente em suas vidas para os humanos, os capítulos acabaram por refletir de modo reprodutivo tais dimensões.

É importante situar que essa particular infância canina estendida se dá em nossa sociedade ocidental contemporânea, urbana, da qual tanto eu, como pesquisador, quanto as famílias pesquisadas fazemos parte. Pesquisas como a de Velden (2019), que demonstram como o modo “cruel” como se tratam cães domésticos em outros contextos etnográficos, revelam outro olhar sobre o seu ciclo de desenvolvimento vital, assim como humanos, “seres adultos devem saber se portar de modo adequado e cuidar de sua própria sobrevivência.” (p. 2). Há ainda outro discurso sobre o abandono por parte humana que entrecruza a questão dos ciclos vitais que Márcia nos convida a pensar, em suas palavras: “muitos só querem o cachorro quando é filhotinho, depois que cresce, parece que acham feio ou não querem ter mais tanto trabalho pra cuidar e acabam abandonando eles nas ruas” se referindo a cães SRD’s.

A questão de tê-los em casa, da alegria que eles representam, da dificuldade em sequer pensar no “ninho vazio”, a fidelidade dos cães em não abandonar suas mães, apenas na morte, em um permanente “até que a morte nos separe”, parece constituir um terreno frutífero para explorar as relações de cuidado que acontecem entre essas espécies. Devo ponderar que esse compromisso com o cuidado atravessa muitos demarcadores sociais, tais como raça e gênero, que tendem a efetivar ou desfavorecer a continuidade dos compromissos com o cuidado ao longo de vidas.

As afirmações de interlocutoras como Patrícia, Fátima ou Cristiane, que diziam que “cães são filhos que só abandonam suas mães na morte”, ou ainda, como todos os interlocutores antes de responderem sobre como seria perder seus cães, quando fossem levados pela morte. As respostas sempre vinham acompanhadas de um “eu não gosto de pensar sobre isso” e como todas as famílias pesquisadas diziam que enterrariam seus cães no jardim ou quintal de suas residências, me chamou atenção. Como, mesmo na morte, cães não abandonassem ou não pudessem abandonar seus lares, suas mães.

Tecerei algumas reflexões a respeito dessas falas nesta última sessão de modo ensaístico, porém, devendo ser melhor explorados em trabalhos posteriores com um maior enfoque nesses aspectos apreendidos.

Sobre a temática do luto pela morte do animal de estimação, Oliveira (2012) esclarece que luto é um processo que ocorre quando passamos por uma perda significativa, que podemos nos sentirmos enlutados quando perdemos várias coisas: uma casa, um trabalho. Mas quando perdemos um ente querido, esse ente está envolto em sentimentos que estão vinculados a sua presença e essa presença preenchia algumas necessidades vinculares. Ou seja, uma interdependência é rompida com a morte e isso gera uma sensação de vazio.

Ainda sobre a ligação de cães com a morte, Velden (2019) resgata a revisão das teorias anímicas do etnólogo belga István Praet (2013; 2014a; 2014b) para informar como “o mundo dos mortos ou dos outros não humanos em geral é o inverso do mundo dos vivos.” (VELDEN, 2019, p. 6). Assim, segundo o autor, a vida não seria uma propriedade inerente, mas uma qualidade posicional conferida virtualmente apenas aos humanos e aos seres mais próximos aos seus lares. Nesse sentido, outros animais, como os criados para corte, não estariam vivos, estariam mortos, mas animados.

Cães, por sua maior proximidade com as residências humanas, aparecem em vários contextos culturais associados à morte, aos mortos e seu mundo. Indicados como mediadores privilegiados das relações entre vivos e mortos ou ainda como guardiães da passagem entre essas duas dimensões, habitando um mundo paralelo, de acordo com Velden (2019).

Na maior parte dos casos, cães aparecem como mediadores fundamentais entre os vivos e os mortos, guardando os locais de passagem ou espaços e momentos liminares entre a vida e a morte, ou operando como figuras centrais no destino *post mortem*, seja conduzindo as almas no além ou auxiliando-as de alguma forma, seja impondo-lhes dificuldades variadas (VELDEN, 2019, p. 8).

Compartilho, nesta pesquisa, como as biografias entre homens e cães, entre a vida e a morte operam-se de modo familiar. Cães continuam a guardar casas, sendo, como vimos, seres que ensinam, durante suas vidas, humanos a serem mais humanos. Muitas vezes, durante a pesquisa, senti como se os interlocutores, ao informarem sobre como são os cuidados com nossos cães, cuidaram dos exercícios com os quais praticamos nossa humanidade.

Quando Everton relata emocionado sobre como o abandono do corpo, já sem vida, de seu cão à beira de um rio, representou para ele um abandono de si, sobre como pesou em sua consciência não o ter levado para casa, notamos como há uma noção de “evolução como pessoas” de um se tornar uma “pessoa melhor” a partir do cuidado. Assim, o momento da morte dos animais de estimação se constitui enquanto experiência de aprendizado, promotor de diversas relações, cuidados e compromissos. Revelando a presença nos laços com aqueles que se foram, com os que ficaram e os que podem vir a ocupar em nós lugares familiares, uma vez que novos sentidos sobre a vida e a morte são no cuidado revelados (GONÇALVES, 2019).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parti do acionamento de memórias pessoais, familiares, sobre o compromisso do cuidado e das articulações entre a vida e a morte presentes em biografias que se relacionam em um *continuum* interdependente entre humanos, não humanos, coisas e entidades espirituais para compreender melhor, a partir do enfoque desta pesquisa, o vínculo entre humanos e cães situado em nossa sociedade ocidental, urbana. Nesse exercício, apoiado pela literatura antropológica, tentei desvencilhar-me de uma visão antropocentrista. Tarefa que se constitui desafiadora, já que meu lugar de fala sempre vai ser, como esclarece Fonseca (2018), de um animal humano, desse modo, não tive a pretensão de “‘dar voz’ aos animais, pois eles se expressam de sua própria maneira.” (p. 149).

Diante do exposto neste trabalho, percebemos que o cão pode aparecer à consciência humana de diversas formas, sob diversos ângulos. Com sua pelagem, com sua poesia, com seu movimento. Podemos analisar, classificar, tomá-lo como exemplar, podemos tê-lo como alvo de experimentações diversas e assim faríamos dele um objeto de estudo, assim como também fazemos com os humanos que “pesquisamos”. Esses sujeitos, esses contatos, essas relações, nos fazem extrapolar conceitos como transferência ou projeção, fazendo com que ampliemos nossa compreensão sobre as relações, sobre a nossa interdependência. Talvez, a análise sensível e não “objetificante” das nossas relações com nossos companheiros de mundo nos possibilite miradas que nos tirem das margens dos “Eus”, “Tus” ou “Issos” e nos impulsione a horizontes em “Nós”. Afinal, muito da projeção perigosa e antiética, seguindo a ética do cuidado no mundo ocidental, é sobre isso que transforma os caninos domésticos em crianças peludas. Os cães se revelam em si mesmos. “Na verdade, esta é a beleza dos cães. Eles não são uma projeção, nem a realização de uma intenção, eles são cães; ou seja, uma espécie em relacionamento obrigatório, constitutivo, histórico, protêico com os seres humanos” (HARAWAY, 2003, p. 5).

Pode acontecer, porém, que, deliberadamente, seja levado, como fui, a entrar em relação íntima e particularizada, na qual os cães deixam então de serem um Isso. O poder que têm de exclusivo me arrebatou. Não é preciso que se renuncie a um dos modos da contemplação e nada deve ser abstraído. Afinal, na tecitura real das relações, a imagem, o movimento, a raça, o gênero, a espécie e o exemplar estão ali todos indissolivelmente unidos na relação em uma rede de intermediações

globalizante. O cão deixaria de ser somente uma impressão, um jogo de representações, com somente seu valor emotivo e representação simbólica. Levantar-se-ia diante da pessoa uma realidade corporal, existencial.

A pesquisa pôde dar mais nitidez aos cuidados que acontecem em um *continuum* vital entre bio-grafias relacionadas. E como esse cuidado apresenta-se, entre margens turvas, absorvendo um posicionamento de moralidades referentes àquilo que podemos nomear como “ética do cuidado”, do constructo social da “proteção animal” e dos agenciamentos contemporâneos, frutos de diversas lutas e disputas políticas sobre o direito e a legitimidade de diversos sujeitos enquanto parentes, já que hoje a cada dia, a vinculação afetiva mobiliza a busca pelas seguridades de direitos que vêm sendo conquistados. Cobrando novos punctionamentos já em jurisprudência. O cuidado, esse ato que ensaiamos desde a infância, apareceu aqui invertido ao olhar de tantos outros trabalhos que examinam o modo como humanos humanizam seus animais. Este trabalho demonstrou como também é possível fazer o caminho inverso em um exame do modo como os cães humanizam humanos a partir do cuidado.

Este trabalho se insere, portanto, como um ponto de partida para novas análises, podendo ser um instrumento que contribuirá com pesquisas posteriores sobre as relações de cuidado entre animais e não humanos nos diversos contextos e momentos vitais em que ocorrem, se é que em algum momento em nossas vidas conseguimos fugir dos circuitos do cuidado.

## REFERÊNCIAS

- ACERO AGUILAR, Myriam. Esa relación tan especial con los perros y con los gatos: la familia multiespecie y sus metáforas. **Tabula rasa**, n. 32, p. 157–179, 2019.
- ALMEIDA, Mauro. Lewis Morgan: 140 anos dos Sistemas de Consangüinidade e Afinidade da Família Humana (1871-2011). **Cadernos de Campo**, n. 19, p. 309-322, 2010.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ALTHAUSEN, Sabine. **Adolescentes com síndrome de Down e cães: compreensão e possibilidades de intervenção**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-13092006-154744/>. Acesso em: 16 mai. 2018.
- BELK, Russell W. Metaphoric Relationships with Pets. **Society & Animals**, v. 4, n. 2, p. 121-145, 1996.
- BELLACASA, Maria Puig de La. **Matters of care: speculative ethics in more than human worlds**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.
- BELLACASA, Maria Puig de La. Thinking with care. In: GHAMARITABRIZI, S. (org.). **Thinking with Donna Haraway**. Boston: MIT Press, 2008.
- BEVILAQUA, Ciméa Barbato. Chimpanzés em juízo: pessoas, coisas e diferenças. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 65-102, 2011.
- BEVILAQUA, Ciméa Barbato; VELDEN, Felipe Ferreira Vander (org.). **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. São Carlos, SP; Curitiba, PA: EdUFSCar; Editora UFPR, 2016.
- BORBA, Jean Marlos P. Saúde na infância, medicalização da existência e as Intervenções Assistidas com Animais: alternativa ou “nova” tecnificação? In: DANTAS, J. B. (org.). **A infância medicalizada: discursos, práticas e saberes para o enfrentamento da medicalização da vida**. Curitiba: Editora CRV, 2015. p. 243-274.
- CALVENTE, C. Revisitando la Teoría de Roles: lugar del personaje. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 37-45, 2006.
- CARSTEN, Janet (org.). **Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CARVALHO, D. R. Cartografando subjetividades no Brasil. **Revista Subjetividades Contemporâneas**, São Paulo, v. 1, n. 1, pp.28-33, 1997.
- CASTELFRANCHI, Yurij. **As serpentes e o bastão: tecnociência, neoliberalismo inexorabilidade**. 2008. Tese (Doutorado) – Sociologia, Departamento de Sociologia

do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CAVALCANTE, Cinthia Mendonça; JORGE, Maria Salete Bessa. Mãe é a que cria: o significado de uma maternidade substituta. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 265-275, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000200011>. Acesso em: 23 fev. 2022.

COMSHALOM. Quem somos. Institucional. online. [s.d.]. Disponível em: <https://comshalom.org/comunidade/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

CUKIER, Rosa. **Sobrevivência emocional**: as dores da infância revividas no drama adulto. São Paulo: Ágora, 2017.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**: (a seguir). São Paulo: UNESP, 2002.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

DUMONT, Louis. **Homo hierarchicus**: le système des castes et ses implications. Paris: Gallimard, 1978.

ENGEL, Cíntia Liara. **Partilha e cuidado das demências**: entre interações medicamentosas e rotinas. 2020. 442 f. Tese (Doutorado) – Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38126>. Acesso em: 05 jun. 2021.

FAMÍLIA multiespécie é tendência mundial. **Diário do Nordeste**. Região. 2010. online. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/familia-multiespecie-e-tendencia-mundial-1.242833>. Acesso em: 27 fev. 2021.

FARACO, Ceres Berger. **Interação humano-cão**: o social constituído pela relação interespécie. Porto Alegre. Tese (Doutorado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

FARACO, C. B. **Animais em sala de aula: um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

FERREIRA, Hugo de Carvalho. Do lobo e do humano: um olhar antropológico sobre a relação humano-animal em duas obras de Jack London. **Revista Ambivalências**, v. 5, n. 10, p. 138-156, 2017.

FINAMORI, Sabrina. Cuidado e consanguinidade na atribuição de responsabilidades intergeracionais. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 18, p. 243-263, 2015.

FONSECA, Maíra Kaminski da. Da crueldade à libertação: análise dos níveis de sensibilidade em relação aos animais no Brasil pós década de 1970. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade

Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2018.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. Clínica Veterinária Pública já realizou mais de 37 mil atendimentos neste ano. Fortaleza. 2021. online. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/clinica-veterinaria-publica-ja-realizou-mais-de-37-mil-atendimentos-neste-ano>. Acesso em: 24 out. 2021.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. Prefeitura de Fortaleza lança o Programa “Abandonar É Crime!”. Meio Ambiente. 2015. online. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-lanca-o-programa-abandonar-e-crime>. Acesso em: 24 out. 2021.

FRANCO, V. L. A relação homem e animal. **Revista Digital Isto É**. 2001. Recuperado em abril de 2016, de <http://www.terra.com.br/planetanaweb/341/>.

GAZZANA, Cristiane; SCHMIDT, Beatriz. Novas configurações familiares e vínculo com animais de estimação em uma perspectiva de família multiespécie. **Anais – III Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG**, v. 3, n. 3, 2015. Disponível em: <http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao>. Acesso em: 24 out. 2021.

GEISSLER, Ana Cristina Jardim; JUNIOR, Ademar Pozzatti; DISCONZI, Nina. Reconhecimento dos animais de estimação como membros da família multiespécie, no ordenamento jurídico-brasileiro. *In*: BIASOLI, Luis Fernando; CALGARO, Cleide. (org.). **Fronteiras da bioética: os reflexos éticos e socioambientais**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2017.

GIOVANETTI, José Paulo. **Fenomenologia e psicologia clínica**. Belo Horizonte: Artesã, 2018.

GONÇALVES, Ítalo Vinícius. Agindo sobre a morte e o morrer: considerações sobre as categorias emocionais presentes em uma etnografia relativa à morte de animais de estimação. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18, n. 53, p. 103- 117, 2019.

GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 21, p. 261-280, 2003 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332003000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 set. 2020.

HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horizontes Antropológicos**, online, v. 17, n. 35, p. 27-64, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832011000100002>. Acesso em: 2 mar. 2022.

HARAWAY, Donna Jeanne. When species meet. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008. Disponível em: [http://xenopraxis.net/readings/haraway\\_species.pdf](http://xenopraxis.net/readings/haraway_species.pdf). Acesso em: 8 fev. 2019.

HARAWAY, Donna Jeanne. **The Companion Species Manifesto: dogs, people, and significant otherness**. Chicago: Prickly Paradigm, 2003. Disponível em: [http://xenopraxis.net/readings/haraway\\_companion.pdf](http://xenopraxis.net/readings/haraway_companion.pdf). Acesso em: 8 fev. 2019.

HARAWAY, Donna Jeanne. **Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature**. New York: Routledge, 1991. Disponível em: [https://monoskop.org/images/f/f3/Haraway\\_Donna\\_J\\_Simians\\_Cyborgs\\_and\\_Women\\_The\\_Reinvention\\_of\\_Nature.pdf](https://monoskop.org/images/f/f3/Haraway_Donna_J_Simians_Cyborgs_and_Women_The_Reinvention_of_Nature.pdf). Acesso em: 5 fev. 2019.

HONORATO, Ludimila. Cachorrinha faz estátua viva com tutor e é sucesso em Fortaleza. **O Estado de S. Paulo**. online. 2019. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,cachorrinha-faz-estatua-viva-com-tutor-e-e-sucesso-em-fortaleza,70002835213>. Acesso em: 27 fev. 2021.

HOUDART, Sophie. Humanos e não humanos na Antropologia. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 17, n. 2, p. 13, 2015. Disponível em: <https://rd1.com.br/ex-bbb-hana-khalil-causa-polemica-ao-acusar-cachorrinha-de-maus-tratos/https://rd1.com.br/hana-khalil-cobra-bolada-para-anunciantes-no-instagram/>. Acesso em: 27 fev. 2021.

HURN, Samantha. **Humans and other animals: cross-cultural perspectives on human-animal interactions**. London: New York: Pluto Press, 2012.

INGOLD, Tim. Anthropology beyond humanity. **Soumen Antropologi/Journal of the Finnish Anthropology Society**, v. 38, n. 3, p. 15-23, 2013.

INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 10, p. 39-53, 1995.

IPECE, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. 2007. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/125x.htm>. Acesso em: 11 jan. 2022.

KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan. The emergence of multispecies ethnography. **Cultural Anthropology**, v. 25, n. 4, p. 545–576, 2010.

KOHN, Eduardo. How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies engagement. **American Ethnologist**, v. 34, n. 1, p. 3–24, 2007.

LAMBEK, Michael. The cares of Alice Alder: recuperating kinship and history in Switzerland. In: CARSTEN, J. (org.). **Ghosts of memory: essays on remembrance and relatedness**. Malden: Blackwell, 2007.

LATOUR, B. Jamais fomos modernos. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paul: Editora 34, 2013.

LATOUR, B. Por uma antropologia do centro. **Mana**, v. 10, n. 2, p. 397-413, 2004.

LATOUR, B. **A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos** (G.C.C. de Sousa, Trad.). Bauru-SP: EDUSC. 2001. (Obra original publicada em 1999).

LAW, J. **Notes on the Theory of the Actor Network**: ordering, strategy and heterogeneity. Lancaster: Centre for Science Studies, Lancaster University, 1992. Disponível em: <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Notes-onANT.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

LEACH, Edmund. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal. *In*: DA MATTA, Roberto (org.). **Edmund Leach**. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1983.

LEAL, Natacha Simeí. Nome aos bois. Zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite. 2014. 320 f. Tese (Doutorado) – Antropologia Social, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2014.

LÉVI-STRAUSS, C. Natureza e cultura. *In*: LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1982.

LEWGOY, Bernardo *et al.* Domesticando o humano: para uma antropologia moral da proteção animal. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 17, n. 2, p. 75, 2015.

LIMA, Maria Helena Costa Carvalho de Araújo. **Animais de estimação e civilidade**: a sensibilidade de empatia interespecie nas relações com cães e gatos. 2016. Tese (Doutorado) – Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MATOS, Liziane Gonçalves de. Quando a “ajuda é animalitária”: um estudo antropológico sobre sensibilidades e moralidades envolvidas no cuidado e proteção de animais abandonados a partir de Porto Alegre-RS. 2012. Dissertação (Mestrado) – Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a de “eu”. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, Cosacnaify, 2003. p. 369-397.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Sobre a doença, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 28 mar. 2021.

MONTANI, Rodrigo. Edward B. Tylor, Alfred R. Radcliffe-Brown, Claude Lévi-Strauss y otros. El parentesco: textos fundamentales. **Avá. Revista de Antropología**, Buenos Aires, n. 21, 417 p., 2012.

MORENO, Jacob Levi. **Psicodrama**. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

MORGAN, Lewis H. Systems of consanguinity and affinity in the human family. [1871]. Lincoln; Londres: University of Nebraska Press, 1997.

MORGAN, Lewis H. The American beaver and his works. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1868.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: Ciência e**

**Profissão**, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100006>. Acesso em: 11 jan. 2022.

NOBRE, Júlio Cesar de Almeida; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede. **Cadernos UniFOA**, v. 5, n. 14, p. 47, 2017.

OLIVEIRA, Guilherme Antunes de. **Pensar nos bichos**: afetos e políticas da proteção animal. 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2012.

OLIVEIRA, Micheline Ramos de; SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes de; CARLETTO, Sheila. Um olhar antropológico sobre o especismo e movimentos de defesa dos animais. **RBDA**, Salvador, v. 11, n. 23, p. 81-111, 2016.

OSÓRIO, Andréa. Mãe de gato? Reflexões sobre o parentesco entre humanos e animais de estimação. In: BEVILAQUA, C. B.; VELDEN, F. V. (org.). **Parentes, vítimas, sujeitos**: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais. São Carlos; Curitiba: EdUFSCar; Ed.UFPR, 2016.

PASTORI, Érica Onzi; MATOS, Liziane Gonçalves de. Da paixão à “ajuda animalitária”: o paradoxo do “amor incondicional” no cuidado e no abandono de animais de estimação. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 3, n. 1, p. 112-132, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/cadecs/article/view/12277/8625>. Acesso em: 05 jun. 2021.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

PEREIRA, M. J. F. *et al.* Os benefícios da terapia assistida por animais: uma revisão bibliográfica. **Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 4, n. 14, p. 62-66, 2007.

PERLS, F. *et al.* **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PIGNARRE, Philippe, **O que é o medicamento?** um objeto estranho entre ciência, mercado e sociedade. São Paulo: Ed. 34, 1999.

PINTO, Kelly Lins Beserra; ARRAIS, Alessandra da Rocha; BRASIL, Katia Cristina Tarouquella Rodrigues. Avidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. **Psico-USF**, v. 19, n. 1, p. 37-47, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712014000100005>. Acesso: 23 fev. 2022.

POLICARPO, V. Famílias multiespécies e a reinvenção da vida frágil. **Público**, Lisboa, Série Ciências Sociais em Público (XXVII) – Análise, 2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/10/04/sociedade/noticia/familias-multiespeciesreinvencao-vida-fragil-1933479>. Acesso em: 21 nov. 2020.

RIFIOTIS, Fernanda Cruz. Jovens “egressas” de serviços de acolhimento: a virada no jogo das relações de parentesco”. **Anuário Antropológico**, v. 42, n. 1, p. 61-85, 2017.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da *et al.* Entrevista com Martine Segalen. Qual é a Antropologia do Parentesco e da família no século XXI? Um diálogo franco e brasileiro com Martine Segalen. **Horizontes Antropológicos**, v. 7, n. 16, p. 277-295, 2001.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. As teias que a família tece: uma reflexão sobre o percurso da história da família no Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 51, p. 13-29, 2009.

SEGATA, Jean. Quando o animal dura mais que a estimação. **Mana**, v. 22, n. 3, p. 831-856, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010493132016000300831&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132016000300831&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 abr. 2021.

SEGATA, Jean. Nós e os outros humanos, os animais de estimação. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/96413/304062.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 fev. 2021.

SÉGUIN, Élide; ARAÚJO, Luciane Martins de; CORDEIRO NETO, Miguel dos Reis. Uma nova família: a multiespécie. **Revista de Direito Ambiental**, São Paulo, n. 82, 2016. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/retrieve/107527/%c3%89lida%20S%c3%a9guin2.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

SILVA, Deusivania Vieira da; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 1, p. 135-145 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100015>. Acesso em: 23 fev. 2022.

SORDI, Caetano. O animal como próximo. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, ano 9, n. 147, 28 p., 2011.

STELLIN, Regina Maria Ramos *et al.* Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício da maternagem em suas singularidades. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 170-185, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282011000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282011000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 13 jan. 2022.

STRATHERN, Marilyn. Necessidade de pais, necessidade de mães. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 303-329, 1995.

SÜSSEKIND, Felipe. Sobre a vida multiespécie. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 159, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0020-38742018000100159&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742018000100159&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 01 abr. 2020.

TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 17, n. 1, p. 177, 2015.

VACCARI, Andreia Maria Heins, ALMEIDA, Fabiane Amorim. Importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas. **Einstein**, v. 5, n. 2, p. 111-116, 2007.

VELDEN, Felipe Vander. Cachorro morto: Repensando a 'crueldade' contra cães na Amazônia. **Sério Antropologia**. Série Antropologia Vol. 464, Brasília: DAN/UnB, 2019.

VELDEN, Felipe Ferreira Vander. **Inquietas companhias**: sobre os animais de criação entre os Karitiana. 2010. 325 p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280030>. Acesso em: 15 nov. 2020.

VELDEN, Felipe Vander; BADIE, Marilyn Cebolla. A relação entre natureza e cultura em sua diversidade: percepções, classificações e práticas. **Avá**, Posadas, n. 19, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S185116942011000200001&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S185116942011000200001&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 17 jan. 2019.

VIEIRA, Tereza Rodrigues; CARDIN, Valéria Silva Galdino. Antrozoologia e direito: o afeto como fundamento da família multiespécie. **Revista de Biodireito e Direito dos Animais**, v. 3, n. 1, p. 127, 2017.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WALDOW, Vera Regina. **Cuidar**: expressão humanizadora da enfermagem. Petrópolis(RJ): Vozes; 2006.

WALDOW, Vera Regina; BORGES, Rosália Figueiró. O processo de cuidar sob a perspectiva da vulnerabilidade. **Rev. Latino-am Enfermagem**, v. 16, n. 4, 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/rlae/v16n4/pt\\_18.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rlae/v16n4/pt_18.pdf). Acesso em: 27 abr. 2021.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. [1956]. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WOORTMANN, K. **Reconsiderando o parentesco**. Anuário Antropológico, Vol. 1, Nº. 1, págs. 149-185, 1977.

XIMENES, Luara Ranessa Braga; TEIXEIRA, Osvânia Pinto Lima. Família multiespécie: o reconhecimento de uma nova entidade familiar. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, v. 11, n. 1, p. 78, 2017. Disponível em: [//rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/249](http://rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/249). Acesso em: 17 jan. 2019.

ZANE, Berzleja; FANNI, Kertész. 2019. The furry side of Instagram: a study about dog influencers on Instagram. Dissertação (Mestrado) – Kultur och samhälle, Malmö Universitet, Malmö, 2019. Disponível em: <http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:mau:diva-22974>. Acesso em: 28 mar. 2021.